



**O Telejornalismo Esportivo Brasileiro
Durante a Pandemia de COVID-19
Uma análise ao programa *Redação SporTV***

Caroline Patatt

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor João Canavilhas

julho de 2021

Folha em branco

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Mara e Domingos, ao meu marido, Leonardo, e à minha filha, Valentina – que me acompanha, ainda na barriga, nesta reta final de jornada.

Folha em branco

Agradecimentos

Gratidão é uma das palavras mais lindas da língua portuguesa. Representa algo tão grandioso que, às vezes, fica difícil mensurar e, mais ainda, transcrever. Podemos falar sobre sentimentos, mas nunca será o mesmo que senti-los. Assim sendo, só me resta resumir, de modo a ser compreendida por todos que venham a ler este trabalho (acreditem ou não no mesmo que eu – e esta é a única parte desta obra à qual me permito falar em crenças por si só e não em ciência).

Acredito firmemente que quando vamos atrás dos nossos sonhos o Universo conspira a nosso favor. Você pode achar mil explicações mais lógicas pra isso, mas eu gosto da ideia de “operar em conjunto” a essa grandiosa energia que tudo move – independentemente da cultura que se refira a ela e do nome que receba. Sou grata por ter seguido estes sonhos que me moveram pra fora de uma grande zona de conforto, levando a atravessar o oceano e realizar desejos de infância.

Mas não foi simples e teria sido ainda menos se eu não tivesse o apoio que sempre tive. O maior de todos, o da minha mãe. Minha melhor amiga e maior incentivadora, desde que eu era bem pequena. A pessoa que sempre me fez olhar além e disse: “vai que eu vou estar aqui se tu tiveres que voltar”. Nunca foi suporte financeiro, nunca foi “bancar” minhas aventuras. Foi amparo emocional e o mais valioso que eu poderia ter. Dona Mara, espero ser uma mãe pelo menos parecida contigo.

O incentivo do meu companheiro de vida, Leonardo, também foi e é fundamental. Tenho orgulho de ter ao meu lado um grande homem que ao invés de dizer “não faça” (porque talvez fosse mais confortável pra ele) sempre disse “conte comigo”, ainda que representasse deixar de lado muitas vontades próprias. Sem ele tudo teria sido mais difícil e sem graça. Léo, gratidão pelo teu amor e por me deixar crescer ao teu lado.

Agradeço ainda aos meus amigos – os quais não nomearei para não correr o risco de ser injusta, mas eles, quando lerem, saberão. Àqueles que, mesmo à distância, sempre se fizeram presentes e àqueles que se tornaram o porto seguro tão longe de casa. Aqui, uma exceção: existem cinco pessoas que fizeram a diferença na nossa vinda, na nossa chegada e tornaram-se família, companheiros de horas boas e ruins: Lau, Lisy, Nando, Fábio e Tâmela, tudo o que eu disser vai ser pouco para expressar a gratidão e o amor que sentimos por vocês.

Por fim, muito obrigada aos colegas e professores, em especial ao meu orientador, Prof. Doutor João Canavilhas, uma referência não apenas acadêmica, mas pessoal: sempre disposto a ajudar, acessível e sem rodeios. Dentre tantas outras coisas referentes a este trabalho, em especial, agradeço pela liberdade que tive na escrita e na condução da pesquisa. Senti-me respeitada para expor minhas ideias, orientada para evoluir e não para simplesmente mudar – inclusive características em termos de idioma. Minha admiração que já era grande, só aumentou.

Folha em branco

Resumo

Neste trabalho é analisada a influência da pandemia de COVID-19 no telejornalismo esportivo brasileiro. A interrupção de competições esportivas em todo o planeta despertou o interesse em saber quais os reflexos no jornalismo especializado em esportes no Brasil, particularmente na televisão, devido à dependência de imagens, de entrevistas e da participação dos repórteres a partir dos locais onde decorrem treinos e competições.

A análise teve como objeto de estudo o programa *Redação SporTV*, do canal *SporTV*, por três motivos principais: é um programa com mais de 15 anos na grade de programação do *SporTV*, canal que em 2019 havia sido líder de audiência; foi o primeiro programa esportivo da televisão brasileira adaptado para ser transmitido de casa durante a pandemia provocada pelo novo Coronavírus, inclusive com a mudança temporária de nome para *Redação Home Office*; é um programa que originalmente se encaixa no formato *mesa-redonda* (ou seja, depende de convidados), mas igualmente apresenta notícias em diferentes formatos.

Os resultados obtidos evidenciaram as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do jornalismo esportivo na televisão brasileira durante a pandemia de COVID-19, desde a necessidade de adaptações técnicas até outras questões mais profundas referentes a conteúdo – com repetições sequentes e por longos períodos de determinados assuntos – bem como falhas estéticas e de execução.

Palavras-chave

Jornalismo Esportivo; COVID-19; Telejornalismo; Televisão; Redação SporTV.

Folha em branco

Abstract

In this thesis we analyze the influence of the COVID-19 pandemic in Brazilian sports telejournalism. The interruption of sports competitions across the planet aroused interest in knowing the reflections in the specialized sports press in Brazil, particularly on television, due to the dependence on images, interviews and the participation of reporters from where training and competitions take place.

The object of analysis was the TV program *Redação SporTV*, that integrates the programming of the *SporTV* television channel, for three main reasons: it was the first sports program on Brazilian television adapted to be broadcast from home during the pandemic caused by the new Coronavirus, including the temporary name *Redação Home Office*; it is originally a debate show (ie, it depends on guests), but it also features other types of journalistic content; and it is also a consolidated attraction, since 2004 in the *SporTV* program schedule, a channel that in 2019 had been the audience leader among all cable TV channels in Brazil.

The results obtained evidenced the difficulties encountered in developing sports journalism on Brazilian television during the COVID-19 pandemic, from technical adaptations to other deeper aspects related to the content – with sequential repetitions and for long periods of certain topics – as well as failures aesthetics and of execution.

Keywords

Sports Journalism; COVID-19; Telejournalism; Television; *Redação SporTV*.

Folha em branco

Índice

Lista de Figuras	xv
Lista de Tabelas	xvii
Lista de Acrónimos	xix
Introdução	1
1. A história do Jornalismo Esportivo no mundo e no Brasil	4
1.1 Do jornalismo generalista ao jornalismo especializado	7
1.2 Esporte: o que mudou com o aparecimento da TV	12
1.3 A história do esporte na televisão brasileira	15
1.4 Os canais esportivos do Brasil e a relação com o futebol	18
2. Convergência e sua influência na forma de fazer jornalismo	23
2.1 Convergência profissional	23
2.2 Convergência de conteúdos	27
2.3 Convergência Empresarial e impacto nas redações	29
3. A programação em televisão	32
3.1 Tipos de programas	33
3.2 Função da grade	37
3.3 Programação dos canais brasileiros especializados em futebol	40
4. Esporte e saúde	47
4.1 As relações entre saúde e esporte de alto rendimento	49
4.2 Saúde pública e esporte	52
4.3 Epidemias, pandemias e seus reflexos no futebol	54
4.4 Os impactos da COVID-19 no futebol brasileiro	57
5. Metodologia	60
5.1 A Análise de Conteúdo	60
5.2 A entrevista	62
5.3 Objeto de estudo: Redação SporTV	63
5.4 Amostra e hipóteses	65
5.4.1 Amostra e período de análise	66
5.4.2 Hipóteses de investigação	67
6. Resultados e discussão	69
6.1 Duração e disposição na grade	69
6.2 Adequações técnicas	71
6.3 Temas	75

6.4 Esportes	76
6.5 Formatos das Notícias	78
6.6 Tipologia de imagens	81
Conclusões	84
Referências Bibliográficas	87
Anexos	97

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1 – Anúncio de serviço de informações faladas para jogo de futebol	11
Figura 2 – Grade de programação de TV aberta divulgada em jornal	39
Figura 3 – Exemplo da programação atual do Fox Sports	42
Figura 4 – Programação do canal ESPN Brasil	43
Figura 5 – Programação do canal Bandsports	44
Figura 6 – Programação do canal SporTV	45
Figura 7 – Início e duração do programa <i>Redação Home Office</i>	69
Figura 8 – Problemas técnicos visíveis no primeiro intervalo	73
Figura 9 – Problemas técnicos visíveis no segundo intervalo	74
Figura 10 – Assuntos com maior duração no período <i>home office</i>	75
Figura 11 – Comparativo entre os assuntos extra-esporte mais abordados	77
Figura 12 – Formatos das notícias em paralelo com percentual de programas	79
Figura 13 – Características das entradas ao vivo no segundo intervalo	79
Figura 14 – Exemplo de entrada ao vivo com repórter em <i>home office</i>	80
Figura 15 – Exemplo de entrevista ao vivo feita à distância	80
Figura 16 – Duração de cada conteúdo oriundo de terceiros	82
Figura 17 – Continentes com veículos ao menos citados nos dois intervalos	83

Folha em branco

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Cronologia das evoluções tecnológicas nas transmissões esportivas	12
Tabela 2 – Canais esportivos na televisão brasileira em 2018 e 2021	41
Tabela 3 – Classificação dos esportes de acordo com tipo de exercício e contato	53
Tabela 4 – Normas de autorização de participação conforme esporte/infecção	53
Tabela 5 – Fatos marcantes relacionados à COVID-19 no futebol masculino	57
Tabela 6 – Amostragem probabilística de semanas compostas na pré-análise	65
Tabela 7 – Detalhamento da amostragem probabilística de semanas compostas	66

Folha em branco

Lista de Acrónimos

CADE	Conselho Administrativo de Defesa Econômica do Brasil
CBD	Confederação Brasileira de Desporto
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
FA	Football Association
FIFA	Federação Internacional de Futebol
NBA	National Basketball Association
NFL	National Football League
OMS	Organização Mundial de Saúde
SMS	Short Message Service
UHF	Ultra High Frequency
VHF	Very High Frequency
VT	Videotape

Folha em branco

Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia da COVID-19, doença causada por um novo tipo de Coronavírus. Os primeiros casos foram diagnosticados ainda em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, e em menos de dois meses já havia notícias de pessoas infectadas em todos os continentes, à exceção da Antártida¹.

Por consequência, competições esportivas ao redor do globo foram paralisadas, transferidas ou canceladas. No Brasil, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) determinou em 15 de março a suspensão das atividades competitivas, o que levou os clubes da primeira divisão a darem férias aos atletas a partir do início de abril – decisão também tomada em virtude das determinações de combate à propagação da COVID-19 no país. Outras modalidades seguiram o mesmo tipo de protocolo.

Estas questões interferiram diretamente nas atividades do jornalismo esportivo no país, ao ponto de empresas responsáveis pelos canais televisivos especializados no assunto tomarem medidas para reduzir ou suspender programas ao vivo². Mas, pouco tempo depois, presenciamos o surgimento de uma proposta inovadora para manter ao menos uma das atrações diárias e em tempo real: o programa *Redação SporTV*, da emissora *SporTV* – a líder de audiência na TV fechada em 2019 – ficou fora do ar por apenas uma semana até voltar remodelado para o formato *home office*, sendo apresentado ao vivo, mas sem a estrutura habitual e, sim, com o auxílio de dispositivos móveis, via internet, da casa do apresentador e dos entrevistados.

Este foi o momento-chave para o início desta pesquisa, tendo este programa sido escolhido para objeto de estudo com o intuito de verificar como seria a adaptação à nova realidade. Tal objetivo serviu como ponto de partida para esta pesquisa, norteando a investigação do início ao fim.

Construímos o referencial teórico deste trabalho iniciando pelo resgate histórico do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo. No primeiro capítulo, traçamos o caminho entre o jornalismo generalista e o especializado com base em autores como Erbolato (2002), Tavares (2009) e Alcoba (1980, 1984, 1994 e 2005) para, posteriormente,

¹ Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/02/25/asia/novel-coronavirus-covid-update-us-soldier-intl-hnk/index.html>. Acesso em: sete de Julho de 2021.

² Exemplo disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/03/21/globo-suspende-programas-do-sportv-e-diminui-tempo-do-esporte-espetacular.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

apresentarmos as mudanças verificadas neste segmento a partir do advento da televisão – bem como suas alterações tecnológicas, mercadológicas e, especialmente, de conteúdo, com uma linha cada vez mais tênue entre informação e entretenimento.

Também consideramos fundamental levantar aspectos relacionados à convergência tecnológica e às novas formas de fazer jornalismo, de modo a compreender melhor as adaptações necessárias para a realização da atividade jornalística, especialmente no início da pandemia. Este foi o assunto de nosso segundo capítulo, tendo como norte a obra de autores como Deuze e Witschge (2017), Jenkins (2009) e Salaverría (2003, 2008, 2010).

Sendo a televisão o veículo sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa, tratamos no terceiro capítulo dos detalhes referentes à programação – incluindo gêneros televisivos, principais formatos de apresentação das notícias e função da grade – até apresentarmos efetivamente os canais brasileiros especializados em futebol, dentre os quais, aquele em que se veicula o objeto específico de análise deste estudo: o *SporTV*.

Antes de entrarmos no detalhamento quanto ao programa específico a ser analisado, o *Redação SporTV*, bem como detalhes referentes à metodologia, consideramos fundamental fazer um paralelo entre esporte e saúde, para que fosse possível compreender melhor os impactos provocados pela pandemia da COVID-19. Assim, foi este o assunto do terceiro capítulo desta obra, onde abordamos as relações entre saúde e esporte de alto rendimento, saúde pública e esporte, tal qual os reflexos no futebol provocados por epidemias e pandemias (com especial atenção ao novo Coronavírus).

A parte empírica do trabalho começa no quarto capítulo, com a apresentação de forma mais aprofundada do nosso objeto de estudo - o *Redação SporTV* - detalhando intervalos, a amostra e as hipóteses. É apresentada a metodologia, sendo a Análise de Conteúdo a técnica de investigação utilizada – em seguimento às definições trazidas especialmente por Bardin (2018) – assim como também a entrevista, em complemento.

No quinto explicitamos a análise propriamente dita dos 30 programas gravados em dois intervalos distintos: primeiro, entre 30 de março e 18 de junho de 2020 (formato *home office*) e, depois, de 29 de setembro a 20 de novembro de 2020 (com o apresentador de volta ao estúdio, mas com os convidados e alguns repórteres em *home office*). Com a utilização de um formulário de codificação aplicado às edições gravadas do início ao fim, pudemos identificar as nuances que possibilitaram atingir o objetivo desta pesquisa, bem como, comprovar as hipóteses iniciais.

Concluimos que a pandemia de COVID-19 influenciou profundamente no desenvolvimento do jornalismo esportivo brasileiro, especialmente durante o primeiro semestre de 2020, no período entre março e junho, devido à ausência de treinos e eventos esportivos. No caso do programa especificamente analisado – o *Redação SporTV* – a necessidade de ausência do estúdio por questões referentes à mitigação da pandemia impôs obstáculos técnicos que dificultaram a execução, mas que consideramos menos relevantes em termos jornalísticos do que a escassez de conteúdo e as dificuldades de abordagem partir disso.

Acreditamos que este trabalho possa ajudar a compreender um período marcante da história mundial porque foi possível verificar alterações nas rotinas profissionais que podem trazer reflexos futuros na maneira de fazer jornalismo esportivo na televisão, com a quebra de alguns paradigmas e criação de novos conceitos, até hoje, pouco explorados.

1. A história do Jornalismo Esportivo no mundo e no Brasil

Noticiar resultados, abordar desempenhos de equipes e atletas, apresentar calendários de competições. Embora estes aspectos estejam relacionados com o jornalismo esportivo (Barbeiro & Rangel, 2006), resumir desta forma a especialidade, ainda que com alguns acréscimos concernentes à prática esportiva, seria, no mínimo, injusto. O jornalismo esportivo se correlaciona a uma perspectiva mais ampla mesmo que, muitas vezes, de maneira indireta ou implícita:

Desta maneira chegamos ao nosso propósito de definir o jornalismo esportivo como um gênero superespecializado em razão da complexidade existente no tema que trata de refletir nos Instrumentos de Comunicação Coletiva, como fim de atender a uma demanda exigida por uma massa. (Alcoba, 1980, p. 210)

O princípio do jornalismo esportivo, a partir do primeiro periódico do gênero (*Journals des Haras*, 1828, Paris), coincide com uma corrente de transformação do esporte, especialmente na França. A popularização do ideal de conversão da simples atividade competitiva em um agente de mudança e desenvolvimento social levou ao surgimento, anos mais tarde, do Movimento Olímpico contemporâneo. O principal ideólogo, Pierre Frédy, Barão de Coubertin, foi um educador, pensador e historiador, que acreditava “numa reforma social através da educação e do desporto” (Santos, 2014, p. 5), tendo criado o Comitê Olímpico Internacional em 1894. Alcoba (2005) coloca o surgimento dos Jogos Olímpicos, em 1896, como um marco na história do esporte pela transformação das atividades desportivas em espetáculo, situação que será abordada no decorrer deste trabalho.

Em 1895, o *The New York Journal* criou páginas específicas para o esporte e com o aumento das vendas os concorrentes também se viram obrigados a publicar notícias sobre esta atividade (Da Silveira, 2009). A temática começou a ser interpretada como digna de atenção, ainda que com ressalvas e menosprezo por parte de alguns repórteres e editores, de modo a passar de coadjuvante a protagonista – com a informação, ainda que de maneira rudimentar, ocupando o espaço dos simples e pitorescos relatos:

As primeiras notícias esportivas aparecidas na imprensa se limitavam a resenhas de casos curiosos comentados por quem havia presenciado a luta entre o cozinheiro de Lord Smith e o pasteleiro do Duque de Bridge, numa modalidade denominada *boxeo*. [...] Aos poucos, as notas sobre esportes foram se ampliando para artigos descritivos de jogos e esportes mais praticados, os

aspectos que o esporte dispunha para a saúde, confrontos entre os esportistas dos novos clubes de futebol. (Da Silveira, 2009, p. 20)

Em 1926, pela primeira vez, a capa do *The New York Times* teve estampada a foto de um esportista, com o maior destaque para o assunto neste jornal até então³: Gene Tunney, campeão mundial dos pesos pesados de boxe, no dia 24 de setembro. Interessante destacar quão raras eram as imagens neste veículo, mesmo na capa, o que reforça a importância do momento em termos de jornalismo esportivo⁴.

No Brasil, data de 1856 o mais antigo de veículo de comunicação com abordagem esportiva: a revista *O Atleta*, publicada no Rio de Janeiro. Mas, apesar de trazer ensinamentos sobre o aprimoramento físico (Bahia, 1990), não era necessariamente um produto voltado ao noticiário esportivo da época. Relacionava-se muito mais à propagação de um discurso que poderia ser associado à promoção da saúde a partir da prática esportiva, um ideal crescente no século XIX:

Tratava-se, então da reprodução de uma “fala” já propagada pelas elites, principalmente pelos jovens engenheiros e médicos que sofreram influência do movimento higienista predominante na Europa e que, conseqüentemente, foram também defensores e difusores da prática esportiva. Assim, já que tais escritores são indivíduos inseridos em um determinado contexto social, convivendo harmonicamente com as normativas subjetivas ao campo, nada mais normal do que a concordância com a prática esportiva oriunda das elites. Isto iria ocorrer até o início da popularização do esporte, na década de 1920, e estes cronistas também estariam atentos ao fenômeno. (Capraro, 2007, p. 61)

Interessante salientar que, até então, a prática esportiva não era bem vista na sociedade brasileira. Conforme Nogueira (2006), o regime escravocrata fazia com que qualquer atividade minimamente considerada braçal, ou digna de esforço físico, fosse encarada como algo pejorativo. Assim, o ócio – e a conseqüente aparência física a partir dele – era mais apreciado (Malerba, 2006).

A partir dessa linha de pensamento é possível compreender porque o turfe foi o primeiro esporte a ser, oficialmente, praticado no Brasil:

Era uma prática híbrida, ou seja, agregava características esportivas associadas aos hábitos e costumes do regime monárquico/escravista. [...] O turfe se enquadrava perfeitamente na mentalidade em voga, pois o esforço físico primário se dava por parte do animal, ficando o jóquei em segundo plano. Além disso, o cavalo era o principal meio de transporte terrestre na época, logo, o

³ A capa e a notícia podem ser vistas em: <https://www.nytimes.com/1926/09/24/archives/tunney-always-master-challenger-bewilders-his-opponent-with-his.html>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

⁴ Em vídeo feito pelo artista digital Josh Begley é possível ver as imagens de todas as primeiras páginas do jornal entre 1851 e 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/204951759>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

significado da corrida era o de avaliar (e admirar) o que existia de melhor em termos de transporte. (Capraro, 2007, pp. 62-63)

Tal esporte apresentava outra possibilidade bastante apreciada como forma de lazer na época: a prática de apostas – em jogos de azar, rinhas de galo, ou o que mais fosse possível. Capraro (2007), também destaca que, por isso, o turfe tornou-se fato presente de maneira regular nos jornais brasileiros de cidades como o Rio de Janeiro, especialmente aos sábados, nas chamadas para os páreos que ocorriam aos domingos, e às segundas-feiras, com os resultados das provas.

O remo era outro esporte apreciado pela elite e, assim, também aparecia nos periódicos tradicionais, bem como em alguns outros especializados que começaram a surgir para atender à demanda:

[...] em 1885, circularam O Sport e O Sportman. Em 1891, surgiu em São Paulo A Platea Sportiva, um suplemento de A Platea, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícia de turfe, regatas e ciclismo. (Ribeiro, 2007, pp. 26- 27)

Já no século XX, a popularização do futebol tornou-se momento importante nesta linha do tempo da imprensa esportiva brasileira: um exemplo é o Diário de Pernambuco⁵, mais antigo jornal da América Latina ainda em circulação, que foi ativo no estabelecimento da *Liga Sportiva Pernambucana*, associação de futebol do estado, em 1915 (Lima, 2019).

De qualquer modo, havia menosprezo com quem escrevia sobre esse esporte – “Para os mais ignorantes, os semianalfabetos, neste início, estava sempre reservada uma alternativa: vai fazer polícia ou futebol” (Proença, 1981, p. 27). E, de modo geral, foi só na década de 1930 que o jornalismo esportivo propriamente dito começou a ganhar forma. Mário Filho, pernambucano criado no Rio de Janeiro, é considerado o responsável por romper com o antigo modelo, que tratava do esporte como futilidade, com escrita rebuscada (Castro, 1992).

Conforme Capraro (2011), a trajetória do jornalista começou muito cedo, em diários de propriedade da própria família, onde exerceu funções administrativas e foi responsável pelo caderno literário. Mas, na seção de esportes é que encontrou a grande paixão. Sua obra é considerada tão importante que ele dá nome a um dos maiores e mais

⁵ O Diário de Pernambuco foi fundado em 7 de novembro de 1825. Hoje está disponível também em formato on-line: <https://www.diariodepernambuco.com.br/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

emblemáticos estádios do mundo: em 1966, ano da morte do jornalista, o Maracanã passou a se chamar Estádio Municipal Mário Filho.

No decorrer deste capítulo, discorreremos mais acerca desta evolução do jornalismo esportivo no Brasil no século XX, com fatos históricos importantes, especialmente a partir das criações de outros veículos impressos especializados, a consolidação das transmissões esportivas no rádio e o surgimento da televisão. Afinal, foi nesse período de cem anos que o esporte veio a sofrer grandes adaptações num curto espaço de tempo (Rubio, 2011), inclusive quanto à comunicação e à imprensa – interferindo e sofrendo interferência.

Conforme Coakley (2006), foi no século XX que o esporte passou a ser encarado como um fenômeno sociocultural, envolvendo questões como mídia, dinheiro, poder político e ideologias. Algo que aconteceu porque, segundo Araújo (2010), o esporte – e especialmente o futebol – tem o poder de promover sentimentos básicos de identidade individual e coletiva. Também estimula a sensação de pertencimento (Damo, 1998) e esse forte sentimento é um dos responsáveis pelo poder da atividade (McIntosh, 1975).

A partir de então, o jornalismo esportivo se consolidou, desenvolvendo características cada vez mais particulares em termos de jornalismo especializado, como veremos a seguir, com evoluções e diferenciações significativas nos mais variados meios.

1.1. Do jornalismo generalista ao jornalismo especializado

Existem cada vez mais particularidades no jornalismo, desde a forma como é produzido e distribuído até às características do próprio produto – as notícias – que mudaram em termos de linguagem e de temáticas, por exemplo. Nesse último caso, a crescente especialização levou ao aparecimento de publicações e seções dedicadas exclusivamente a um tema.

Pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. 1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc). (Tavares, 2009, p. 115)

Os meios impressos precisaram se reinventar a partir do surgimento do rádio e da televisão, especialmente da década de 1960 em diante, sendo assim, o ponto inicial para o jornalismo especializado propriamente dito. Associada a isso está a exigência de conteúdos específicos para atender consumidores com perfis sociais cada vez mais distintos e a necessidade de auxílio para interpretar assuntos complexos. O jornalismo moderno se encarrega de noticiar os fatos e proporcionar ao leitor uma explicação sobre eles, pois “O homem mortal comum, perdido no labirinto da economia, da ciência e das invenções, pede que alguém lhe dê a mão e o acompanhe em seus passos, através de tanta complexidade” (Erbolato, 2002, p. 33).

Pesquisas feitas na Espanha nas décadas de 1970 e 1980 apontavam para um sentimento de que o futuro da Imprensa seria a especialização, não dividindo, mas multiplicando o saber profissional (Herrera, 2003). Orive e Fagoaga (1974) consideravam que esta seria a coluna vertebral de um novo jornalismo, capaz de servir melhor à sociedade – e é neste cenário que o jornalismo esportivo, propriamente dito, ganha mais espaço, inclusive no Brasil.

Foi neste período que o país passou a contar com veículos dedicados a tratar de esporte como notícia, com o objetivo de aprofundar-se nas informações – inicialmente, as publicações relacionadas a praticamente todo tipo de esporte se aproximavam muito mais da crônica que do jornalismo: “[...] há uma idolatria aos jogadores e um escrito que tem por finalidade motivar o torcedor. Impreciso, sem muito comprometimento com a realidade, com a objetividade e a imparcialidade” (Da Silveira, 2009, p. 23).

Como exemplo, podemos citar o envolvimento de grandes nomes da literatura neste trabalho, entre eles, Olavo Bilac⁶:

E era ver o espetáculo do Prado, – as arquibancadas, como vastos canteiros de flores humanas, pompeando ao sol o esplendor das claras toilettes de verão, num delírio de cores, num emaranhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas; o recinto da passagem, cheio da turba dos sportmen suados e ofegantes, discutindo, rixando, berrando; os bolos de gente ávida, junto dos guichês, disputando as pules a murro e a pontapé; e os botequins reboantes de clamores, de tinir de copos, de estalar de rolhas, e a raia, embaixo, lisa, batida, inundada de luz, por onde os cavalos voavam em nuvens de poeira dourada, entre as aclamações delirantes (Bilac *apud* Melo, 2001, pp.63-64).

Tal dramaticidade no relato seguiu-se em outros esportes, inclusive o futebol. Segundo Capraro (2002), na maioria dos casos, as notícias eram inseridas nas colunas sociais,

⁶ Olavo Bilac foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e sua obra poética enquadra-se no Parnasianismo. É o autor da letra do Hino à Bandeira. Informações disponíveis em: <https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.

com destaque às personalidades presentes, elogios à beleza dos praticantes, só não se comentava efetivamente sobre o decorrer da partida e os resultados.

Ou seja, eram relatos de uma elite e com as práticas esportivas tratadas como representação de tal. Assim, muitos dos aspectos esportivos relacionados a outras camadas da sociedade, acabavam subjugados. Para suprir, em parte, essa lacuna, surgiu a chamada *Imprensa Negra* (Domingues, 2009), também no início do século XX, com jornais produzidos por negros e voltados para luta em defesa de suas questões – de certa forma, também uma forma de especialização: “tratava-se de uma rede de comunicação, expressão cultural, articulação de ideias e reivindicação política de um segmento sem voz ou visibilidade na sociedade brasileira” (Domingues, 2009, p.96). Entre os assuntos abordados constantemente estava o futebol:

Essa modalidade esportiva exprimia as expressões culturais valorizadas pelos afro-brasileiros e era promovida pelas “associações dos homens de cor”, que chegaram, inclusive, a organizar partidas entre times de brancos e pretos. O desempenho dos times de pretos, que com frequência se sobrepunham aos brancos nesses jogos, reverberava nas páginas dos jornais da *Imprensa Negra* e servia para fortalecer as identidades negras naquele contexto. [...] O futebol era um dos poucos espaços daquela sociedade recém-saída da escravidão em que o negro encontrava reconhecimento, visibilidade e prestígio. Na mesma direção, as páginas da *Imprensa Negra* eram um dos poucos espaços onde esse desempenho atlético-esportivo era noticiado, com o intuito de capitalizar a positividade da “raça negra” numa atmosfera cultural totalmente adversa, embebida de preconceitos e estereótipos³ contra esse grupo étnico/racial. (Abrahão & Soares, 2012, p. 64)

O jornalismo esportivo no Brasil teve evoluções com o passar dos anos, mas seguiu de maneira semelhante por um longo período. Por outro lado, ainda que faltassem veículos verdadeiramente especializados em futebol, o processo de popularização desse esporte, a partir da década de 1910, e a formação das instituições gestoras da prática, foram responsáveis pelas primeiras obras publicadas sobre o assunto:

Em 1918, os cronistas Antônio Figueiredo e Leopoldo Sant’Ana, dos periódicos *A Gazeta* e *O Estado de São Paulo*, publicaram os livros *História do Football em São Paulo* e *O Football em São Paulo*. E, ainda, Sant’Ana continuou suas produções sobre o futebol com *Veteranos e Campeões* em 1924 e *Supremacia e decadência do futebol paulista* em 1925, sendo que o último título evidencia a decadência de um futebol praticado pelas elites. (Schatz, 2015, p. 28)

Aliás, foi *A Gazeta* que, em 1928, criou um suplemento temático sobre esportes: *A Gazeta Esportiva* foi um sucesso tão grande ao ponto de circular de maneira autônoma a partir de 1947 (Toledo, 2012) – e seguiu até 2001. Ainda assim, o primeiro diário exclusivo de esportes foi o *Jornal dos Sports*, criado no Rio de Janeiro em 1931 por

Ozeás Mota e Argemiro Bulcão – passou ao comando de Mário Filho, em 1936 (Schatz, 2015).

De qualquer modo, a revista *Placar*, lançada em 1970 pela *Editora Abril*⁷, é considerada o primeiro veículo impresso brasileiro a tratar de esporte com características jornalísticas de maneira especializada – e destaque para o futebol, já que foi criada visando a Copa do Mundo de 1970:

[...] era um projeto que nascia com a Editora Abril em 1950, ano em que o Brasil sediou a IX Copa do Mundo e em pleno Maracanã perdeu o título mundial para a Seleção do Uruguai [...] Como em 1970 era nítida a falta de uma revista especializada em esportes [...] entre 03 de fevereiro e 13 de março são lançados os seis primeiros números da revista em caráter experimental. Com a positiva repercussão da revista pelo país, a *Placar* é oficializada em 20 de março do mesmo ano. (Schatz, 2015, pp. 46-47)

Embora até 1935 o rádio não se organizasse em termos comerciais (Dalpiaz, 2002), a primeira transmissão integral e oficial de um jogo de futebol ocorreu em 19 de julho de 1931, com Nicolau Tuma narrando a partida entre a Seleção Paulista e a Seleção do Paraná, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista – dois anos antes da profissionalização do futebol no país.

Porém, existem inúmeras divergências quanto a esse fato. Guimarães (2020) traz o que seria o primeiro anúncio de algo próximo à irradiação de uma partida de futebol no Brasil. A nota publicada pelo jornal *A Gazeta* em seis de janeiro de 1923 “informava que um serviço de informações faladas seria prestado para a Sorveteria Meia Noite, no Anhangabaú, na cidade de São Paulo” (p.87), para os jogos entre Corinthians x Ipiranga e Syrio x São Bento:

⁷ A revista segue disponível, para assinantes, de forma impressa e digital. Alguns conteúdos podem ser acessados em outras páginas do grupo Abril. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/placar-de-janeiro-destaca-50-jogos-inesqueciveis-um-por-ano-desde-1970/>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.



Figura 1: Anúncio feito no jornal “A Gazeta” para o serviço de informações faladas da Sorveteria Meia Noite (Guimarães, 2020, p. 88)

Em termos de transmissão radiofônica, Leopoldo Sant’Anna foi o autor de uma narração entre paulistas e cariocas no ano de 1924 (Soares, 1994). Outros, afirmam que Amador Santos foi o precursor na atividade: segundo Mostaro e Kischinhevsky (2016), mesmo impedido de narrar diretamente do Estádio das Laranjeiras um clássico entre Fluminense e Flamengo, no ano de 1925, Santos teria atuado desde um galinheiro, próximo ao campo.

Esse tipo de proibição era comum nos primórdios do rádio esportivo no Brasil, como parte das ações de protesto dos dirigentes dos clubes:

Eles alegavam que o rádio seria uma concorrência para o espetáculo em si e que muitos torcedores poderiam deixar de ir ao estádio para acompanhar as partidas em casa. Em 1929, o Botafogo Futebol Clube proibiu a Rádio Club do Brasil de transmitir informações da partida internacional entre o Bologna, da Itália, contra a seleção carioca. O Fluminense Football Club havia procedido da mesma forma quando de seu encontro diante dos húngaros do Ferencvaros. (Guimarães, 2020, p. 83)

Até mesmo um jogo da Seleção brasileira, ainda naquele ano, não pôde ser transmitido pela mesma rádio.

De modo geral, também havia precariedade de informações, sendo o narrador uma figura praticamente exclusiva. Ainda conforme Guimarães (2020), além das questões

técnicas, que dificultavam a compreensão dos ouvintes, “As narrações eram lineares e, muitas vezes, com o locutor limitando-se apenas a descrever quem estava com a bola” (p.83). Somente a partir da década de 1940, com a sistematização dos processos, é que surgiria o comentarista esportivo, porém, acumulando as funções que hoje são desempenhadas pelos repórteres de campo⁸. Ele fazia uma análise semelhante à de um torcedor, sobre as circunstâncias da partida e não sobre a técnica do jogo (Martins, 1991).

Mas, assim como no impresso, a partir da década de 1960 a opinião passou a dar lugar à informação no esporte (Ferraretto & Guimarães, 2018), especialmente com o trabalho do repórter e do comentarista. Segundo os autores, sobretudo no que tange ao comentário, o processo evolutivo “coincide com as transmissões de jogos de futebol pela televisão” (p. 186).

1.2. Esporte: o que mudou com o aparecimento da TV

A televisão pode ser considerada a principal responsável por impulsionar a espetacularização do esporte (Finger & Oselame, 2014). No início, conforme apontam Silva e Marchi Junior (2009), não possuía tecnologia suficiente para acompanhar e transmitir os eventos e o esporte não possuía organização para ser televisionado. Gradativamente esta situação foi mudando e o telespectador passou a aproximar-se das emoções vividas, podendo perceber os diferentes lances, por diferentes ângulos, como veremos a seguir.

De antemão, no Brasil mais especificamente, podemos citar alguns pontos chave em cada década, tendo como base os grandes eventos esportivos – momentos de teste e estreia da maioria dos recursos, também como forma de chamar a atenção da audiência.

Décadas	Modificações tecnológicas
1950	Primeira transmissão esportiva (1950); Primeiro programa dedicado ao esporte na televisão brasileira (1950); Primeira transmissão de futebol à longa distância (1956).
1960	Primeira Copa do Mundo transmitida (1962).
1970	Primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo e com testes de transmissões a cores (1970); Uso de computação pela primeira vez nos Jogos Olímpicos para registrar distância percorrida pelos atletas, os tempos alcançados e os recordes (1972);

⁸ “[...] visitava o vestiário, conversava com os jogadores e reunia as informações para auxiliar o locutor durante a narração” (Dalpiaz, 2002, p. 65)

	Câmeras substituem cronômetros na linha de chegada das provas de atletismo (1972); Uso de câmeras submersas em provas de natação e recurso o <i>slow motion</i> (1982); Primeira Copa do Mundo transmitida a cores (1974); Primeira Copa do Mundo transmitida com utilização de satélite exclusivo para o Brasil (1978).
1980	Primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo exclusivamente por uma emissora brasileira – Rede Globo (1982); Primeira Copa do Mundo transmitida para todas as regiões do Brasil via satélite (1982); Emissora brasileira Rede Globo é a única do mundo a ter repórter em todas as 14 cidades-sede do Mundial (1982); Equipamento de computação passa a permitir que telespectadores tenham acesso a dados estatísticos das disputas em diferentes modalidades olímpicas (1984); Estreia do “Tira-Teima”, software que conseguia paralisar a imagem de uma jogada e esclarecer os lances polêmicos (1986).
1990	Equipamento digital passa a permitir câmera lenta ao vivo, sem a necessidade do replay (1992); Análise de jogadas com recurso <i>touch screen</i> a partir da imagem congelada (1994); Entrevistas com atletas concentrados na Vila Olímpica a partir de videoconferência (1996); Evolução do “Tira-Teima”, com análise tática a partir de informações como velocidade da bola, distância de barreira, visão do juiz, visão do goleiro, visão do bandeirinha, círculo de 9,5m (1998); Utilização de satélite de retorno do Brasil que possibilitava a conversa ao vivo de jogadores com familiares a partir da emissora (1998). Programa especial antes da Copa do Mundo foi a primeira transmissão digital intercontinental recebida e difundida no país (1998)
2000 a 2010	Captação de imagens em alta-definição e uso de fibras óticas para transmissão de sinal (2004); Rede Globo utiliza tecnologia <i>multi touch</i> de última geração em tela de 1,5m x 1,3m com acesso à internet durante os Jogos Olímpicos (2008); Primeira Olimpíada com TV Digital operando oficialmente no Brasil (2008)
2010 a 2020	Transmissões de sinal a partir de tecnologia 3G (2010); Primeira transmissão ao vivo em 8K, ainda que experimental – Jogo Brasil x Camarões (2014); Utilização de mesa tática em esportes olímpicos (2016); Primeira unidade 4K com interconectividade IP do mundo (2016); Primeira transmissão em 8K aberta ao público (2016); Utilização de efeitos de realidade aumentada (2016); As Unidades Móveis de Transmissão dão lugar, quase na totalidade aos sistemas de transmissão ao vivo a partir de rede de telefonia celular 4G (2018).

Tabela 1: Cronologia com algumas das principais evoluções tecnológicas nas transmissões esportivas brasileiras (elaborada pela própria autora)

Assim, o jornalismo esportivo neste meio também passou a ganhar força, afinal, os assuntos não se esgotavam com o apito final. Como veremos na sequência deste trabalho, no Brasil, primeiramente as chamadas *mesas-redondas* obtiveram espaço, tendo em vista a facilidade de execução. Depois, os telejornais, propriamente ditos – alternativa que se mostrava interessante para quem, por exemplo, não realizava transmissões, mas encontrava um público sedento pela informação especializada que ia além da exibição da disputa em si.

A TV fez do esporte um negócio ainda mais lucrativo, com transações milionárias. Capaz de projetar consideravelmente a imagem de seus praticantes e das diferentes marcas patrocinadoras – seja através da publicidade vista nos estádios e nas camisas, ou dos acessórios e materiais esportivo dos atletas. A paixão e o desejo de consumo são

estimulados por aquilo que o torcedor pode ver em tempo real sem, necessariamente, estar no local onde a disputa esportiva acontece.

Nos Estados Unidos, já em 1946, o horário nobre (*prime time*⁹) era ocupado na rede NBC pela faixa esportiva, incluindo um programa chamado *The Gillette Cavalcade of Sports*. Este programa não era de propriedade da emissora, mas da marca de lâminas de barbear, que acreditava ser um excelente espaço para a publicidade. O foco principal estava na transmissão das lutas de boxe (Neal-Lunsford, 1992).

Esta conjunção profícua fez com que equipes e entidades organizadoras tivessem que adaptar-se. Nos estádios brasileiros, por exemplo, a adequação estrutural que começou com a construção de cabines de rádio – impulsionada no final da década de 1940 com a edificação do Maracanã (Guimarães e Ferraretto, 2018) – precisou ampliar-se para as transmissões esportivas da televisão. E não só isso: regras passaram a ser alteradas para melhorar a audiência e adaptar-se à programação. Podemos citar como exemplos o *tie-break* no tênis, o encurtamento dos circuitos no automobilismo e a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos – quando as partidas foram para o horário do meio-dia, apesar do sol e do intenso calor, para adequar-se às emissoras internacionais – pelo fuso-horário (Jimenez & Saito, 2002). E a Federação Internacional de Futebol não parou por aí:

A FIFA cogitou dividir as partidas em quatro tempos, para incluir publicidade. Enfrentou a resistência geral, mas não deixou de impor mudanças, a partir de 1997, para tornar o espetáculo visualmente mais interessante. Goleiros, por exemplo, não podem agarrar mais bolas recuadas e “enrolar” as partidas: ficam, ademais, com o limite de seis segundos para a posse de bola. (Jimenez & Saito, 2002, pp. 65-66).

Com o passar dos anos, esta percepção quanto ao lucro do esporte estendeu-se, conforme destacam Oselame e Costa:

Não por acaso, desde a edição realizada em 1984, em Los Angeles, nos Estados Unidos, a viabilidade econômica de eventos esportivos como os Jogos Olímpicos passou a ser garantida pela venda dos direitos de transmissão especialmente para as emissoras de televisão, mas também para as estações de rádio e, mais recentemente, na última década, para os portais de internet (Oselame & Costa, 2002, p. 2).

Na TV aberta brasileira, só o contrato que a Rede Globo mantém com a FIFA desde 2015 e com validade até 2022 (para a Copa do Catar), é de US\$ 600 milhões. Em contrapartida, apenas em patrocínio para o Mundial da Rússia, as seis cotas vendidas

⁹ Originalmente (e até 1971) definido entre 19h e 22h (hora do leste americano).

pela emissora ficaram ao redor dos R\$ 180 milhões¹⁰. Levando em consideração que 214 empresas de mídia com direitos de transmissão estiveram na Copa do Mundo de 2018¹¹, é possível ter uma ligeira ideia do montante envolvido. Isso sem falar nos valores estabelecidos para as competições em cada país, onde muitos clubes têm nas cotas de transmissão a principal renda fixa: em 2019, só o Flamengo, time brasileiro com maiores rendimentos neste sentido, teria recebido mais de 66 milhões de reais¹².

A influência da televisão no meio esportivo também fez com que especialmente as rádios tivessem que se reinventar: no Rio de Janeiro, passaram ainda na década de 1970 a transmitir até jogos simultaneamente para tentar atrair o maior número possível de torcedores (e, conseqüentemente, de patrocinadores). Em 1999 a rádio Pampa, de Porto Alegre, foi pioneira no Brasil ao criar uma programação para falar de esportes 24h por dia, especialmente futebol. E as transmissões no FM, não apenas no AM, também ganharam espaço a partir dos anos 2000.

Talvez algumas dessas mudanças tivessem ocorrido mesmo sem o surgimento da televisão, mas é inegável que, a partir da consolidação e de uma nova forma de ver, literalmente, o espetáculo, outros veículos de comunicação precisaram encontrar maneiras distintas de atrair o público.

1.3. A história do esporte na televisão brasileira

A história da televisão brasileira começa em 1939, quando foi feita a primeira transmissão em circuito fechado. Apenas em 1950 nasceria a primeira emissora do país, inaugurada oficialmente em São Paulo, no dia 18 de setembro, sob o nome de PRF 3-TV – que viria, posteriormente, a ser chamada de TV Tupi. Foi a primeira estação da América do Sul e a quarta do mundo, de responsabilidade do jornalista e empresário Assis Chateaubriand (Lins, 2013).

¹⁰ Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2018/02/esportes/613063-band-desiste-e-globo-sera-a-unica-emissora-de-tv-aberta-a-transmitir-a-copa-2018.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

¹¹ Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/the-2018-fifa-world-cuptm-in-numbers.pdf?cloudid=vej99mubas9idvf47rl>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

¹² Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodrico-capelo/post/2019/12/18/novo-modelo-de-distribuicao-aproxima-cotas-de-tv-aberta-e-fechada-no-futebol-brasileiro-em-2019-pay-per-view-desequilibra.ghtml>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

De acordo com Ribeiro (2007), o esporte esteve presente desde o primeiro dia da televisão brasileira, com o programa *Vídeo Esportivo*, apresentado por Aurélio Campos. O percussor dos programas de esportes diários aparecia de forma modesta.

Também pela TV Tupi os brasileiros puderam assistir a primeira partida transmitida no Brasil, em 15 de outubro de 1950 – ou, melhor dizendo, parte dela: por problemas técnicos, foi ao ar apenas o segundo tempo de São Paulo e Palmeiras, no Pacaembu.

Entre 1952 e 1953 surgem outras duas emissoras de televisão no Brasil, a TV Paulista e a TV Record. Esta segunda mostrava uma grande identificação com a área esportiva: em 1956, a TV Record fez a primeira transmissão de longa distância, de Campinas para São Paulo, justamente de um jogo de futebol. Dois anos antes, já havia lançado um programa dedicado especialmente ao assunto:

Para brigar pela concorrência a Record lança em 1954 o *Mesa Redonda*. O programa, que tem a apresentação de Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, traz transmissões ao vivo das partidas de futebol. (Da Silveira, 2009, p. 24)

Na Copa do Mundo de futebol de 1962, realizada no Chile, os brasileiros conseguiram assistir a seleção canarinho pela TV, mas a transmissão não era ao vivo. As partidas eram exibidas em atraso, de até dois dias, porque as fitas com as imagens dos jogos tinham que ir ao Brasil de avião. O maior evento deste esporte só pôde ser visto em direto pelos brasileiros a partir de 1970, na Copa do México, quando já havia a possibilidade de acesso à televisão colorida – mesmo que ainda em caráter de testes¹³.

A Copa de 70 foi o primeiro evento com transmissão direta em cores. O teste interestadual feito com o sistema a cores foi realizado no padrão alemão PAL com ajustes brasileiros (PAL-M). A imagem colorida era enviada a receptores instalados no Rio, em São Paulo e Brasília e o resultado da experiência, para alguns poucos aparelhos adaptados, foi considerado excelente pela Embratel. (Memória Globo, 2021, s.p)

A TV Globo foi fundada em 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro. Diferente do que acontecia com outras emissoras até então, as instalações no bairro do Jardim Botânico foram projetadas para abrigar uma estação de televisão¹⁴. Desde o princípio, inovou em vários aspectos – em termos esportivos, não apenas na cobertura da Copa do Mundo, mas como o primeiro canal do Brasil a transmitir ao vivo os Jogos Olímpicos, direto de

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/tecnologia-de-transmissao-de-tv-evolui-junto-com-copas-veja-video.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

¹⁴ A TV Globo viraria a Rede Globo de Televisão nos anos seguintes, com a transmissão simultânea da programação para todo o país. São cinco emissoras de propriedade da Família Marinho e 115 afiliadas. Assim, o sinal da Rede Globo chega atualmente a 5.478 municípios brasileiros. Informações disponíveis em: <https://robertomarinho.globo.com/hgg/>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

Munique, na Alemanha, em 1972¹⁵. Em 1973 também passou a transmitir o Mundial de Fórmula 1, sendo a primeira prova o Grande Prêmio da Argentina, em Buenos Aires.

Menos de uma semana depois da estreia da TV Globo, foram ao ar os primeiros programas esportivos da emissora, ambos apresentados por Teixeira Heizer: *Por Dentro da Jogada*¹⁶ (em parceria com o também apresentador Luís Alberto), e *Em Cima do Lance*¹⁷, com participações especiais dos jogadores Zizinho e Zagallo e quatro comentaristas no estúdio, sendo que um deles, Gama Malcher, falava especialmente sobre a arbitragem.

Entre 1966 e 1969 o canal exibiu ainda outros quatro diferentes programas aos finais de semana. Três deles não tratavam apenas de futebol (*Portão 16*, *Telebox* e *Teleglobo esportivo*), mas o outro, e de grande destaque, era sobre o esporte bretão – àquela época, já uma paixão nacional consolidada: chamado *Grande Resenha Facit*, marcou época na televisão brasileira. Surgiu na TV Rio, em 1963, com o nome de *Grande Revista Esportiva*. Mudou de nome “[...] logo depois que ganhou o patrocínio da empresa Facit, fabricante de máquinas de escrever. A mesa-redonda foi trazida para a TV Globo em setembro de 1966” (Memória Globo, 2021, s.p). A marca já havia patrocinado o programa *Facit com a Seleção*, pouco antes do início da Copa do Mundo da Inglaterra – mais uma prova do interesse comercial e publicitário relacionado ao esporte na televisão.

O *Grande Resenha Facit* foi uma criação do apresentador e comentarista Luiz Mendes, com proposta semelhante à de um debate político – novidade na época em termos esportivos. O foco era nos quatro principais clubes de futebol do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), que eram defendidos, respectivamente, pelos comentaristas José Maria Scassa, Vitorino Vieira (por vezes acompanhado do ex-jogador Ademir), João Saldanha e Nelson Rodrigues. Armando Nogueira e Hans Henningsen (conhecido como “Marinheiro Sueco”) também participavam da atração.

Esse programa foi ao ar nas noites de domingo até 1971 – nos últimos três meses com o nome de *Super Resenha Esportiva*. Uma curiosidade é que, em 1969, João Saldanha saiu do programa para assumir o comando da Seleção brasileira de futebol. O jornalista montou a equipe conhecida como *As Feras do Saldanha*, mas não comandou o que

¹⁵ Mais informações e vídeos da cobertura estão disponíveis em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/olimpiadas-de-munIQUE-1972/>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

¹⁶ Foi ao ar nas tardes de sábado, de primeiro de maio de 1965 até janeiro de 1966.

¹⁷ O programa foi exibido nas noites de domingo entre dois de maio e dezembro de 1965.

viria a ser a conquista do tricampeonato por divergências com a então Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

O comentário esportivo era a base sólida da programação esportiva brasileira até o fim da década de 1970¹⁸. Só em outubro de 1977 é que surgiria o primeiro projeto de telejornal esportivo diário do Brasil, também na TV Globo: o *Copa Brasil*, apresentado por Léo Batista, ia ao ar diariamente, exceto sábados e domingos, e mostrava “os principais destaques dos campeonatos estaduais e nacionais de futebol, além de trazer entrevistas com técnicos, jogadores, preparadores físicos e dirigentes e exibir uma seleção com os gols da rodada” (Memória Globo, 2021, s.p).

O *Copa Brasil* serviu de piloto para o programa *Globo Esporte*, considerado oficialmente o primeiro telejornal esportivo da televisão brasileira, lançado em 14 agosto de 1978 na mesma faixa de programação: é exibido até hoje de segunda a sábado, às 12h50¹⁹.

Com a chegada da TV a cabo/TV por assinatura no Brasil, a programação esportiva ficou mais ampla, com canais dedicados exclusivamente a essa cobertura e, assim, dando nova dimensão ao conceito de jornalismo especializado no país.

1.4. Os canais esportivos do Brasil e a relação com o futebol

A TV Bandeirantes, fundada em 1967, foi a primeira do Brasil a ter toda a programação transmitida a cores, já em 1972. A partir da transmissão da Copa do México, em 1970, o canal passou a construir uma identificação com os esportes, até que em 1983 estreou o programa *Show do Esporte*, que permaneceu no ar durante 20 anos – entre os membros da equipe estavam Luciano do Valle, Silvio Luiz e Álvaro José.

¹⁸ Todos os programas esportivos da história da TV Globo podem ser conhecidos em <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

Também foi a pioneira no país a transmitir a Fórmula Indy, a NBA e os campeonatos de futebol da Itália e da Espanha. Bastante identificada com o voleibol, chegou a promover competições especialmente voltadas para este esporte²⁰.

Este foco, que se manteve grande até meados da década de 1990, levou à criação do slogan *Canal dos Esportes*. Ainda assim, a programação não era totalmente voltada às competições e notícias esportivas – havia outros conteúdos. O primeiro canal 100% dedicado ao assunto em TV aberta no Brasil surgiu apenas em 2007: o Esporte Interativo.

A emissora, cuja operação iniciou no Rio de Janeiro, oferecia conteúdo em sinal UHF, e chamava a atenção pelas grandes competições disponibilizadas sem custo: em 2012, por exemplo, adquiriu os direitos de transmissão da NFL, Liga dos Campeões e Liga Europa para a TV aberta, ampliando a oferta de conteúdo multiesportivo. Neste mesmo ano, lançou o EI Plus, aplicativo que possibilitava assistir a programação ao vivo em *Tablets, Smartphones e Smart TVs*.

O Esporte Interativo concentrou-se em uma camada da população brasileira que era desassistida em termos de jornalismo especializado em esportes, por não ter acesso aos canais por assinatura. E, como o nome já diz, com interatividade:

Quem imaginaria que o João, morador do interior do Piauí, se tornaria fã do Milan, saberia tudo de Liga dos Campeões, participaria, por SMS no celular, de jogos com perguntas e respostas e ainda montaria seu perfil no Facebook e Twitter para poder enviar mensagens e participar de transmissões esportivas? Talvez ninguém soubesse que esse cidadão piauiense existia. Ninguém tinha dado a oportunidade de ele se apaixonar, interagir, conectar e se entreter com a emoção do esporte. (Maços, 2011, p.8)

Em 2015 a emissora, que já oferecia conteúdo em operadoras menores de TV por assinatura, foi comprada pela programadora Turner. Mas o negócio levou ao encerramento das atividades do canal em 2018. Assim, *Esporte Interativo* tornou-se o nome de uma faixa esportiva exibida nos canais TNT e Space, pertencentes ao mesmo grupo, além do serviço via Internet²¹. Ainda nesse mesmo formato, em janeiro de 2021 a marca *Esporte Interativo* foi totalmente extinta pela WarnerMedia e deu lugar à TNT Sports como substituta²².

²⁰ Informação disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/rede-bandeirantes>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.mktesportivo.com/2018/08/esporte-interativo-encerra-as-atividades-e-migrara-para-o-digital/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

²² Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/01/16/tnt-sports-divulga-nova-marca-que-substitui-o-esporte-interativo-veja.htm>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

Chegava ao fim a programação 100% dedicada ao esporte na TV aberta brasileira. Restaram os telejornais esportivos, alguns programas especiais e determinadas transmissões. Os canais especializados estão, exclusivamente, nas operadoras de TV por assinatura.

Segundo Paternostro (2006), este modelo tem origem na TV a cabo, nos Estados Unidos, como forma de satisfazer a demanda de consumidores que tinham dificuldade de assistir televisão com qualidade, já que as regiões onde moravam eram montanhosas e o sinal, apenas com antena, não era recebido de maneira adequada.

Mas o que, inicialmente, era só para atender clientes dos vendedores de televisões destas localidades, de maneira bastante rudimentar, tornou-se uma indústria baseada na exclusividade, oferta de conteúdo especializado e possibilidade de maior de interatividade:

A partir de meados da década de 1970, com o avanço da tecnologia de satélites de comunicação, os sistemas de transmissão, até então regionais, se expandiram rapidamente, incluindo captações de sinais via satélite. Os telespectadores começavam a receber uma programação especializada: eram os primeiros canais temáticos, como previsão do tempo, movimento das bolsas, eventos culturais. (Paternostro, 2006, p. 40).

O serviço era pago e conjugava dois sistemas de transmissão: cabo e satélite.

No Brasil, a TV por assinatura foi regulamentada por um decreto em 1988 e oficializada no ano seguinte. O primeiro canal foi o Canal +, que já contava com a ESPN, emissora esportiva do grupo *Disney*, mas exibido a partir de uma programadora norte-americana – a ESPN Brasil seria lançada apenas em 1995.

A primeira programadora de TV por assinatura do Brasil foi inaugurada em 1991, chamada *Globosat*, pertencente ao Grupo Globo de Comunicação. Foi então que surgiu o pioneiro dentre os canais esportivos especializados com conteúdo brasileiro: o Top Sports ficou no ar de 1991 a 1994²³.

Na TV fechada existem hoje 13 canais disponibilizados em pacotes de programação a serem adquiridos pelos clientes²⁴ e mais três serviços em formato *Pay-Per-View*²⁵, ou seja, que não estão incluídos em nenhuma assinatura de televisão e precisam ser comprados separadamente.

²³ Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

²⁴ São eles: BandSports, ESPN, ESPN 2, ESPN Brasil, ESPN Extra, FishTV, Fox Sports, Fox Sports 2, Fuel TV, Golf Channel, Sportv, Sportv 2 e Sportv 3. Consulta feita em 15 de janeiro de 2021.

²⁵ Combate, Conmebol TV e Premiere. Consulta feita em 15 de janeiro de 2021.

O foco deste trabalho está no SporTV, que substituiu o *Top Sports* na *Globosat* a partir de 1994, e do qual o programa *Redação SporTV* faz parte. Falaremos mais sobre ambos no decorrer desta pesquisa, mas antes, consideramos fundamental apresentar alguns números sobre a audiência esportiva na televisão e porque o futebol acaba sendo o principal assunto.

Segundo dados do Ibope Repucon coletados em 2015²⁶, 94% da população brasileira tem o hábito de assistir a TV para manter-se informada sobre seus esportes favoritos. Para 42% dos entrevistados, este esporte, pelo qual nutrem um interesse além do normal, é o futebol.

Existem outros dados que podem ajudar a traduzir estes percentuais e dar uma ideia do que a parceria entre televisão e futebol representa no Brasil:

Segundo dados da Federação Internacional de Futebol (FIFA), 172,92 milhões de brasileiros assistiram a pelo menos 20 minutos da Copa do Mundo da Rússia em 2018. O equivalente a 82,5% da população do país. Só a derrota por dois a um para a Bélgica, que culminou na eliminação da equipe canarinho da competição, foi acompanhada ao vivo por 56,68 milhões de pessoas. (Patatt & Bandeira, 2020, p. 264)

Vários estudos realizados ao longo dos anos, em diferentes países, questionam o processo de futebolização do esporte na televisão, como, por exemplo, na Espanha, Alcoba (1984 e 1999) e Montín, (2008), no Brasil, Sousa (2005) e Costa e Oselame (2014). Existe a crença de que o modelo esteja sustentado mais no entretenimento e no desejo de atrair o público – tendo, como consequência, mais patrocinadores – do que no compromisso com o jornalismo propriamente dito, baseado, por exemplo, nos critérios de noticiabilidade.

Ainda assim, é preciso inserir em qualquer análise deste quesito o fato de o futebol estar profundamente ligado com a formação da identidade cultural do Brasil:

Mais até do que o carnaval (de imensa importância para uma análise do Brasil), o futebol se espalha por todo o país e se manifesta o ano inteiro. Costuma-se dizer, que o “reinado do Rei Momo” dura 4 dias e que o “reinado do Rei Pelé” dura o ano todo [...] A história do futebol brasileiro é um capítulo da história de nossas lutas sociais, pela democratização e pela inclusão social. É capítulo da resistência à exclusão e às ideologias discriminatórias, que dominam as nossas classes e grupos dirigentes, desde o ingresso do país na lógica da dominação mercantil e colonial, no início do século XVI, primórdios da «era moderna» e do capitalismo. Portanto, é no interior de nossa história e de nossa sociedade, de

²⁶ O Ibope Repucom é líder mundial em pesquisa de marketing esportivo. Pesquisa disponível em: <http://www.iboperepucom.com/br/artigos/um-pais-que-respira-esportes/>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

nossas contradições e de nossos embates, que o futebol deve ser compreendido. (Murad, 2007, p.109 e 112)

As questões sociológicas que envolvem o futebol no Brasil, bem como os aspectos relacionados à formação da identidade cultural, são temas dignos de aprofundamento. De fato, é difícil mensurar o que ele representa, muito além do jogo si e do que acontece dentro das quatro linhas.

Falar sobre a profunda relação entre o futebol e o jornalismo esportivo brasileiro é fundamental, mas antes, consideramos necessário abordar as alterações na rotina produtiva dos jornalistas, dentro e fora das redações, ocorridas especialmente nos últimos anos, com enfoque especial aos profissionais que atuam com televisão – veículo chave neste trabalho. O conceito fundamental a estudar neste capítulo é o de convergência, algo que iremos abordar nas várias facetas que influenciam o fazer jornalismo.

2. Convergência e sua influência na forma de fazer jornalismo

Nos primórdios da imprensa, a organização dos jornais em quase nada se assemelhava à atualidade. O trabalho que envolvia a impressão dos materiais considerados de caráter noticioso exigia um esforço de diferentes profissionais, mas, conforme Jorge (2018), ainda que a nova prática aproximasse artífices de ofícios distintos, não há registros, por exemplo, do trabalho conjunto de redatores. Ou seja, as redações em si – como espaço físico de trabalho dos jornalistas e de concentração produtiva dos materiais – não existiam, como também as competências e tarefas dos profissionais da comunicação não estavam bem definidas.

O jornalismo começou a estruturar-se de forma mais profissional a partir da segunda metade do século XIX, especialmente após a aceleração da tiragem, das reformas nos sistemas de impressão, as invenções do *offset*, do linotipo, e da máquina de escrever, assim como uma mudança no entendimento da prática jornalística:

Alguns diários nova-iorquinos resolveram, em 1848, reunir-se na Harbour News Association e fizeram um *pool* para cobrir um evento. Nesse mesmo ano, Bernard Wolff criou, na Alemanha, a primeira agência de notícias, a Agência Wolff e em 1852 Israel Beer Josaphat – que mudou seu nome para Paul-Julius Reuter – instalou em Londres a Agência Reuters, hoje a maior do mundo nesse setor. Quatro anos depois, a agência norte-americana Associated Press começou a funcionar. (Jorge, 2018, p. 7)

Estes exemplos permitem perceber que as alterações no processo de produção jornalístico tiveram, e seguem tendo, uma relação direta com as evoluções tecnológicas (Cabral *et al*, 2012). A tecnologia pode não ser a única responsável pela mudança no fazer jornalístico, mas é um dos indutores dessas alterações.

A convergência tecnológica é, aliás, uma das quatro identificadas por Salaverría (2010), sendo as restantes três a convergência Profissional, a de Conteúdos e a Empresarial.

2.1. Convergência profissional

Fidalgo (2008) discorre acerca do surgimento das profissões como “formas específicas de organização” (p. 1) a partir do momento em que o conhecimento emergiu como “entidade sociocultural de direito próprio” (Macdonald, 1999, p.157):

Erigido o saber num dos traços distintivos do profissionalismo, compreende-se que todas as profissões, ou ocupações aspirando a tal estatuto, se tenham empenhado em definir e proclamar as suas bases epistemológicas, um fundamento científico, racional, formal, que lhes fornecesse tanto legitimidade como crédito de confiança e valor de mercado para a sua autonomização e implantação na sociedade. (Fidalgo, 2008, p. 2)

Ainda que este processo não seja estático e tenha passado por modificações e evoluções ao longo dos anos, Deuze e Witschge (2017) defendem que o jornalismo tem desfrutado de uma história de profissionalização rica e relativamente estável, mas que, cada vez mais, exige reflexões acerca da própria “ideologia ocupacional, cultura profissional e sedimentação em rotinas e estruturas organizacionais” (p.165), especialmente no que diz respeito às redações jornalísticas e a necessidade de reconfiguração do jornalismo como posto – seja industrial ou empresarial, bem como as formas atípicas de trabalhar e estar no trabalho.

Muitas das alterações às quais se referem Deuze e Witschge (2017) estão associadas ao conceito de convergência midiática, estabelecido por Jenkins (2009): “Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos a partir de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação de múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (p.27). Ainda que grande parte da obra *Cultura da Convergência* não se refira especificamente ao jornalismo é possível estabelecer um paralelo com aquilo que ela apresenta nesta área profissional.

Salaverría e Negredo (2008) consideram que a convergência seja capaz de viabilizar “uma integração de ferramentas, espaços de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma” (p.45).

Mas esta ampla aplicação que, inicialmente, poderia ser considerado um diferencial, hoje é quase que obrigatória. Não basta mais estar apenas comprometido com a verdade – estando essa embasada na disciplina da verificação – bem como apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional (Kovach e Rosenstiel, 2007), cumprindo o papel social da profissão jornalista (Franciscato, 2003). É preciso estar em muitos lugares ao mesmo tempo (não necessariamente físicos, mas virtuais e midiáticos), com novas habilidades profissionais e atualizadas concepções dos fenômenos temporais que o jornalismo opera: “instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública” (Franciscato, 2003, p. 18).

Para atender a tais padrões temporais, Santos e Fausto Neto (2013) afirmam que “toda produção de notícias deve seguir um esquema rígido, previamente montado, para que seja possível haver tempo suficiente para a perfeita finalização do material a ser veiculado” (p.107). A questão é que os padrões aceleraram de forma tão drástica que alguns autores falam em ciclone noticioso (Klinenberg, 2005):

As mídias não têm mais horário de fechamento e são publicadas à medida que os fatos se sucedem. Enquanto o jornal ou a revista tem um deadline para a impressão gráfica, na tela, a notícia eterniza-se como num vai e vem das ondas do mar (Adghirini & Pereira, 2011, p. 46).

Da mesma forma, as subdivisões e hierarquias internas à profissão, estabelecidas a partir do século XX com o intuito da agilidade – com o jornalista deixando de experimentar e participar de todo o processo de produção e limitando-se a atuar dentro das competências de sua área ou departamento (Salcetti, 1995) –, mais uma vez se modificaram: “agora é preciso trabalhar mais depressa [...] conhecer novas técnicas de investigação para o uso das fontes digitais e dominar os códigos tanto textuais como audiovisuais para a elaboração de conteúdo multimídia” (Salaverría, 2003, p. 33).

Traduzimos isso como a necessidade, por exemplo, de um jornalista ser capaz de utilizar equipamentos de gravação e geração de imagens sem auxílio de outro profissional – como um cinegrafista – realizar transmissões ao vivo (sejam elas pelas redes sociais digitais ou não), bem como conhecer linguagens de programação para a *web*, a exemplo do HTML. Tais constatações são também baseadas na pesquisa intitulada *Perfil Profissional do Jornalista Brasileiro*²⁷, realizada em 2012, na qual são apontadas 288 descrições de novas funções e 177 de novas atividades relacionadas à prática jornalística, dentre as quais, coordenador de mídias digitais e estratégia, analista de conteúdo digital, redator de blog e analista de mobilização social.

Santos *et al* (2019) acreditam que, desta forma, “o jornalista precisa mostrar-se capaz de assumir diversas etapas do processo produtivo. Neste caso, o desafio para a empresa é viabilizar capacitação e formação de seus profissionais diante do novo cenário” (p.106).

Essa situação também se reflete nas rotinas produtivas dos jornalistas, as quais podemos definir, de uma forma genérica, como “os processos convencionalizados e algo mecanicistas de produção de alguma coisa [...] No jornalismo, podem ser consideradas

²⁷ Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em: 20 de Julho de 2021. Uma nova pesquisa está em fase de coleta de dados e deve ser disponibilizada até 2022.

como respostas práticas às necessidades das organizações noticiosas e dos jornalistas” (Sousa, 1999, p.26). Em resumo, procedimentos que possibilitam uma rápida transformação do acontecimento em notícia e que se dividem em três fases: recolha, seleção e apresentação (Wolf, 1987). E nas três, as mudanças a partir do advento da internet, intensificadas pela convergência, são muitas.

Oliveira e Angeluci (2019) discorrem que, desde suas origens, as notícias são “baseadas em fatos e dados coletados a partir de entrevistas, declarações de porta-vozes oficiais públicos e privados, obtidos em pesquisas, relatórios, livros e estudos” (p.400), mas que “a aceleração dos tempos, a variedade das plataformas e a convergência das mídias transformou o processo de produção e consumo de notícias, afetando diretamente a busca pelas informações” (p.400). O próprio consumidor torna-se um criador/produtor de conteúdo – *prosumer*: “Plataformas como sites de redes sociais, media sociais e ‘self media’ permitem que não-especialistas publiquem conteúdo para uma audiência que pode ser potencialmente global” (Amaral, 2012, p. 132). Da mesma forma, muitos veículos atuam como agregadores de notícias, funcionando como “processadores de notícias e organizadores de conteúdo noticioso, disponibilizando os conteúdos que vêm de outras fontes” (Santos, 2018, p. 3)

Ao encontro disso, podemos dizer que o jornalista está num processo em que o *gatekeeping* – quando a produção da informação é concebida “a partir uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, ‘portões’, áreas de decisão em relação às quais o jornalista tem que decidir o que vai ser publicado como notícia ou não” (Weber, 2010, p.6) – dá lugar ao *gatematching* (Patterson *et al.*, 2008) em que:

[...] observa as várias fontes de informação e faz um filtro daquilo que encontra, identificando o que é importante e relevante, bem como de interesse público para toda a comunidade. O exercício da profissão encontra-se também numa fase marcada por uma nova sociologia da produção, assinalada pela omnipresença e contemporaneidade, onde a individualização, a globalização e o papel das novas tecnologias em rede desafiam todos os pressupostos tradicionais. (Santos, 2018, p. 5)

Assim, as rotinas atuais do jornalismo baseiam-se na curadoria da informação e na decisão, de modo a segmentar, selecionar e filtrar o conteúdo para cada público-alvo (Guerrini, 2013). Tal consciência também levou a uma reformulação das funções dos jornalistas: o desafio é “pensar como se pode conseguir o máximo aproveitamento informativo das coberturas multimídia” (Negredo & Salaverría, 2008, p. 36).

2.2. Convergência de Conteúdos

Canavilhas (2012) diz que “só se pode falar de convergência quando o produto final é um conteúdo com características únicas” (p. 9). Para tal afirmação cita autores como Machado e Teixeira (2010), Boczkowski (2006) e McLuhan (1964), que, de diferentes formas, concidem no pensamento de que a conjunção de particularidades específicas de cada meio origina algo completamente novo.

Ou seja, convergência não significa apenas distribuir em diferentes plataformas. Se assim fosse, poderia ser considerada apenas uma remediação:

Por remediação (remediation) entende-se o processo de renovação de velhos conteúdos efetuado pelos novos meios [...] há uma diferença importante entre os dois conceitos: enquanto a convergência implica necessariamente uma nova linguagem que integre os conteúdos anteriores, a remediação pode ser uma acumulação de conteúdos de diferentes origens distribuídos numa mesma plataforma. Nesse sentido, a convergência é sempre uma remediação, mas nem todas as remediações podem ser consideradas uma convergência porque esta última implica integração e não uma mera acumulação de conteúdos. (Canavilhas, 2012, pp. 9-10)

O autor acredita que, especialmente com novos meios, haja uma tendência de “misturar os conteúdos dos seus antecessores (remediação) até estabilizarem uma linguagem própria (convergência)” (Canavilhas, 2012, p. 10), mas é interessante percebermos que alguns casos, especialmente em determinados momentos, tal remediação se mantenha como forma de atender uma necessidade que, naquele instante, não pode ser suprida – conforme veremos no decorrer deste trabalho.

Por exemplo, um canal de televisão que apresenta uma imagem congelada ao invés de em movimento/sonorizada estaria, conforme este ponto de vista, remediando a fotografia, ainda que adaptada ao formato televisivo. Da mesma forma, um registro apenas de áudio que vai ao ar na TV, sem a imagem, é uma remediação do rádio – e vice-versa quando temos o programa de televisão na íntegra distribuído como *podcast*, sem levarmos em consideração as particularidades do formato. O *website* que apenas reproduz um programa de rádio ou televisão também não estaria praticando aquilo que se entende genuinamente como convergência.

Salaverría (2010) define essas situações como “confluência de conteúdos” (p. 39), quando determinados grupos com atuações em diferentes meios de comunicação apenas transportam suas produções de uma mídia para outra, especialmente versões

digitais, “criando uma sensação de multimedialidade que não é mais do que uma oferta tripla da mesma informação” (Canavilhas, 2012, p. 17).

Por outro lado, ainda tomando como base as ideias do autor, podemos considerar o aproveitamento da interatividade a partir da internet (através das redes sociais digitais, e-mail, etc.) uma forma genuína de convergência porque consegue utilizar-se da informação originária em um meio e transformá-la de maneira a compreender características de outro (por exemplo, o rádio ou a televisão), gerando algo completamente novo.

Da mesma forma, atuar de maneira convergente em termos de conteúdo significa planejar as coberturas jornalísticas não mais de forma individual, com cada meio de um mesmo grupo organizando apenas suas próprias demandas, mas projetar uma colaboração quase que em rede – e híbrida: “algo assim como um círculo virtuoso favorecedor de todos os meios” (Salaverría, 2010, p. 39).

Existem diferentes relatos dos esforços voltados à convergência de conteúdos mundo afora – ou pelo menos tentativa de realizá-la. Em novembro de 2006, 185 jornalistas que então trabalhavam no jornal espanhol *20 minutos* receberam um comunicado sobre uma série de mudanças estruturais a serem realizadas, dentre as quais, a nova maneira de produzir e informar:

A redação central de *20 minutos* terá que estar aberta 24 horas por dia, de modo que os redatores estejam gerando continuamente conteúdos (não apenas informação, mas também entretenimento, serviços, participação) e que uma mesa de direção decida em cada momento o que será feito com eles: se publicam imediatamente na internet ou via SMS, se guardam para a edição seguinte em papel, se guardam durante umas horas, se compartilham ao mesmo tempo em distintos suportes, etc. (Escolar, 2006, p. 1)

Escolar (2006) cita, referindo-se ao mesmo comunicado do jornal *20 minutos*, a necessidade de integração das diferentes redações e outras readequações como parte do procedimento de modo geral. Ou seja, realizar a convergência de conteúdos implica também em alterações estruturais, do ponto de vista físico. Não seria impossível, mas parece mais difícil consolidar a ideia de concentrar esforços em prol de um objetivo singular – e ao mesmo tempo tão amplo – tendo profissionais trabalhando separados, divididos por setores que, no fim das contas, já não existem mais. Por outro lado, apesar de representarem um passo importante, tais questões físicas não significam garantia de uma convergência efetiva, conforme veremos a seguir.

2.3. Convergência Empresarial e impacto nas redações

Falar da convergência no jornalismo é, em muitas empresas de comunicação, falar de otimização, seja de espaço, de tempo ou de recursos humanos. Existem mais tarefas a serem realizadas em um mesmo período – e na maioria das vezes com um menor número de pessoas, mas em diversificadas funções – bem como grandes equipes compartilhando espaços adaptados. Diferentes veículos, pertencentes a um mesmo grupo empresarial, que antes trabalhavam em setores, andares ou até edifícios separados, hoje, costumam conviver em redações integradas.

Conforme Salaverría (2010), o primeiro exemplo internacional significativo de fusão de redações passou a ser executado no ano 2000 pelo grupo norte-americano Media General que, na cidade de Tampa, na Flórida...

[...] reuniu em um mesmo edifício as redações do jornal *Tampa Tribune*, do portal local Tampa Bay Online (TBO.com) e a emissora de televisão WFLA-TV [...] pôs em prática um modelo de convergência *a três* – jornal, internet e televisão – mais ambicioso que a simples convergência *a dois* – papel e internet ou qualquer de suas versões duais. (Salaverría, 2010, p. 30)

No Brasil, um exemplo desta situação vem do Grupo Estado, com sede em São Paulo. Conforme Gonçalves e Capoano (2017), em 2005 alguns dos veículos do conglomerado – o jornal O Estado de S. Paulo, a Agência Estado e a rádio Eldorado FM, conjuntamente com a extinta Rádio Estadão – passaram a orbitar em torno do site Estadão.com.br e, “gradativamente, as redações foram fundidas nas etapas subsequentes” (p.20) de um projeto de convergência, entre 2007 e 2010.

Ou seja, a convergência afetou não apenas o processo produtivo, mas também a estruturação das redações sob o ponto de vista físico, ainda que tais processos de reorganização possam ser definidos apenas como “a espuma superficial de um fluxo muito mais profundo” (Negredo & Salaverría, 2008, p. 16). Os autores consideram que esta integração seja muito mais uma consequência da convergência e que também possam ocorrer integrações físicas das redações – visando redução de custos e aumento de produtividade, por exemplo – sem que tal convergência realmente tenha ocorrido:

[...] as medidas de suposta renovação digital escondem na realidade uma estratégia de matizes *lampedusianas*: mudar tudo para que nada mude. Segundo estas interpretações críticas, a convergência seria apenas uma manobra empresarial para firmar o meio dominante, movida exclusivamente pela finalidade de aumentar a produtividade dos jornalistas e reduzir custos. Existem dados que justificam esse temor: a complicada digestão da crise

econômica se saldou na Espanha com uma cifra de mais de 3.000 jornalistas despedidos desde finais de 2007 até o outono de 2009. (Salaverría, 2010, p. 28)

Avilés *et al.* (2009, 2014) apresentam três modelos de convergência de redações e que são sintetizados por Santos *et al* da seguinte forma:

O primeiro é o da integração plena, no qual a infraestrutura para produção multiplataforma concentra-se em uma única redação, controlada por um sistema central de notícias e de gestão do fluxo informativo. Nesta plena integração, os jornalistas deveriam receber formação para se adaptar à produção multimídia, ressaltam os autores. O segundo modelo é o da colaboração entre redações, em que os jornalistas trabalham em seções e redações diferentes, mas estão conectados por meio dos seus coordenadores multimídia ou de certas rotinas colaborativas ao longo do fluxo informativo. Neste modelo existe um intercâmbio de conteúdos e uma comunicação constante entre as equipes responsáveis pelos diferentes suportes, contudo, não há necessariamente uma integração da redação. Por último, é apresentado o modelo de coordenação de suportes isolados. Neste caso, não há uma organização da integração no fluxo de trabalho. Existe apenas uma colaboração voluntária de cada jornalista no processo de elaboração das notícias. (Santos *et al*, 2019, p. 107)

García e Fariña (2007) afirmam que as mais ambiciosas iniciativas de integração de redações jornalísticas se consolidam de 2007 em diante, com o jornal inglês The Daily Telegraph. O Grupo La Nación, que publica o diário de maior circulação na Costa Rica, com média de 100 mil exemplares/dia iniciou neste mesmo ano uma integração que se estendeu até 2011 e representou um investimento de US\$ 7 milhões.

Na redação trabalham cerca de 700 pessoas. Os jornalistas do La Nación estão envolvidos no conceito de “digital first”, ou seja, todas as ações primeiro devem se voltar primeiro para a área digital. Assim surgiram as editorias Radar e Eco, para tratar da edição on-line e da difusão de conteúdo nas mídias sociais e dispositivos móveis. Essa super-editoria funciona com 15 pessoas, incluindo uma editora e quatro community managers, redatores com tarefas especiais de relacionamento com o público através das redes sociais. (Jorge, 2018, p. 12)

Por outro lado, Deuze e Witschge (2017) atentam para o fato, de que “a redação não é necessariamente uma entidade sólida ou coerente no jornalismo pós-industrial de hoje” (p.166). É possível – e, em alguns casos, considerado uma tendência – o trabalho fora dela, à distância, e em total sincronia com os ideais mais profundos da convergência:

Até recentemente, a participação de jornalistas na construção discursiva do jornalismo era regido por estar empregado em (como aluno, estagiário ou acadêmico) uma redação. A redação era a forma dominante de emprego e organização de trabalharam no jornalismo ao longo do século XX. Este arranjo serviu para estabilizar a indústria, indo de mãos dadas com a formação de práticas consensuais nos estudos e educação de jornalismo. A redação era o local para ser jornalista, para ser reconhecido como tal, e os estudiosos validaram esse processo perseguindo abordagens empíricas dedicadas às

redações e ao trabalho jornalístico nelas contido. (Deuze e Witschge, 2017, p. 169)

Conforme os autores, é preciso atentar para o fato de que grande parte da coleta de notícias, edição e empacotamento ocorre fora da redação, com as organizações virtualizando o fluxo de trabalho como uma rede que transcende as fronteiras organizacionais. Para Russel (2015) é um desafio considerar o jornalismo como uma prática em rede que vai além dos limites físicos da redação e ao encontro, de certa forma, daquilo que Castells (2005) define como sociedade em rede, tendo a Internet um papel crucial na alteração do cotidiano por ser uma rede global que permite uma interconexão entre as diversas redes, estando presente na vida de cada vez mais pessoas.

Os papéis das instituições no trabalho de notícias são dinâmicos e estão mudando, abrindo nossos olhos para o movimento ao invés de estabilidade, para o que o jornalismo se torna ao invés do que jornalismo é (Deuze & Witschge, 2017, p. 170).

O entendimento destes processos e das modificações pelas quais passam o jornalismo é fundamental para compreendermos também como foi possível a adaptação do trabalho e da rotina produtiva especialmente durante o período inicial da pandemia de COVID-19, conforme veremos na sequência de trabalho, especialmente no que diz respeito à capacidade multimídia dos jornalistas, as adaptações aos novos processos e a atuação à distância, sem o espaço físico de uma redação estabelecida, mas em um universo virtual.

Antes, porém, é preciso que nos aprofundemos na estrutura televisiva em termos de tipologia dos programas, grade de programação e as especificações neste sentido quanto às principais emissoras especializadas em esportes no país, conforme veremos no capítulo a seguir.

3. Programação em televisão

Falar de televisão é algo complexo, mais complexo do que dissertar acerca de outros meios de comunicação (Wolton, 1996). Sua importância divide opiniões: para alguns críticos, a televisão é o retrato mais fiel de uma indústria cultural cujo principal objetivo é o lucro a partir da espetacularização (Adorno & Horkheimer, 1985), mas embora refém da publicidade, também oferece sua contribuição, por exemplo, para o desenvolvimento das democracias modernas (Habermas, 1984; Blumler & Gurevitch, 1995) que atribuem à TV, tal como às demais mídias, a função de vigiar o sistema social e político.

Wolton (1996) considera a televisão tão importante quanto o voto nas sociedades democráticas, já que em termos de participação coletiva representaria uma espécie de eleição contínua e diária. Para o autor, a cultura da televisão permanece como laço entre as classes sociais.

Qual o caráter da televisão? Reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea. (Wolton, 1996, p. 15)

Williams (2003) vai mais além: para ele, a TV é, ao mesmo tempo, uma tecnologia e uma forma cultural, assim como o jornalismo pode ser visto como uma instituição social.

Consideramos importante fazer este paralelo entre diferentes pontos de vista, formulados em épocas distintas, a respeito de um mesmo meio de comunicação, de modo a possibilitar o entendimento de que falar sobre televisão dificilmente será encontrar um único caminho ou acepção para aquilo que se apresenta – incluindo as definições, hipóteses e teorias sobre as formas como a programação televisiva é estruturada.

Souza (2004) afirma que programação é o conjunto de programas transmitidos. Para compreender como essa estruturação acontece é fundamental levar em conta os aspectos econômicos que, motivados pelas audiências, refletem os horários onde a publicidade será mais cara. Mas é preciso também captar o que existe para além disso, como as relações mais profundas estabelecidas entre emissor e telespectador, uma vez que a maneira como a programação é estabelecida está igualmente relacionada à

imagem da rede ou do canal de TV (Petraglia,1988). Neste capítulo propomos uma abordagem sobre os tipos de programas, as maneiras como se estruturam atualmente e disposições em termos horários/grade de programação, até chegarmos à especificidade deste trabalho, que se refere à programação nos canais brasileiros de futebol.

3.1. Tipos de programas

Machado (1999) considera que a televisão abrange “um conjunto bastante amplo de eventos audiovisuais que têm em comum apenas o fato da imagem e do som serem constituídos eletronicamente e transmitidos de um local (emissor) a outro (receptor)” (p. 144). Para o autor, cada conteúdo exibido é carregado de particularidades determinantes, não apenas para a sua compreensão, mas para o estabelecimento de uma relação com quem assiste:

Cada programa, cada capítulo de programa, cada bloco de um capítulo de programa, cada entrada de reportagem ao vivo, cada vinheta, cada spot publicitário, constituem aquilo que os semioticistas chamam de um enunciado. Os enunciados televisuais são apresentados aos espectadores numa variabilidade praticamente infinita. A rigor, poder-se-ia dizer que cada enunciado concreto é uma singularidade que se apresenta de forma única, mas foi produzido dentro de uma certa esfera de intencionalidades, sob a égide de uma certa economia, com vistas a abarcar um certo campo de acontecimentos, atingir um certo segmento de telespectadores e assim por diante. (Machado, 1999, p. 144)

A partir desta percepção, podemos tratar daquilo que Bakhtin (1986) define como gêneros discursivos e que levam a programação em televisão a se estabelecer a partir de gêneros televisivos (Martín-Barbero, 1995): estratégias de comunicabilidade capazes de promover interação entre programa e telespectador, alicerçadas nas bagagens cultural e televisiva. Uma espécie de chave necessária para que as pessoas compreendam o que se passa na história.

Mittel (2004) afirma que os gêneros são constituídos a partir de práticas discursivas, mas o mais importante é a forma como a audiência e a indústria fazem uso disso, destacando assim que os processos de produção e de recepção são fundamentais para definição de gênero.

Na televisão, os programas, de maneira individual, pertencem a um gênero particular e predominante que possibilita esse reconhecimento pela sociedade. Mesmo que

possamos encontrar inúmeras derivações, Souza (2004) identifica as categorias “entretenimento, informação, educação, publicidade e outros” (p.12), onde se enquadram 37 gêneros principais.

No caso dos programas esportivos, foco deste trabalho, os mesmos comumente são enquadrados como *entretenimento* ou *informação*, dependendo de suas especificidades – e, em muitos casos, sendo tênue a linha que os separa, conforme veremos a seguir.

No entretenimento o foco está no espetáculo (Trigo, 2003), estabelecido a partir de “uma intrincada rede que agrupa em um mesmo fenômeno atividades que, na origem, são diferentes (esportes, notícias, arte, educação, lazer, turismo, show-business), mas que se articulam enquanto mercadorias destinadas a um consumo específico caracterizado pelo prazer” (p.21).

Já a categoria *informação* envolve todos os gêneros relacionados ao Jornalismo e a transmissão de notícias (Souza, 2004), dentre os quais está o de programas telejornalísticos, uma variação específica dentro daquilo que se estabelece como jornalismo na TV:

Os telejornais, programas de entrevistas, documentários televisivos, as várias formas de jornalismo temático (esportivos, rurais, musicais, econômicos) são variações dentro do gênero: podemos chamá-los subgêneros ou formatos. E demandam ser abordados em categorias que impliquem considerá-los, ao mesmo tempo, como um produto de jornalismo televisivo – o que implica uma abordagem que leve em conta a linguagem televisiva e os elementos próprios do campo jornalístico – e como um produto comunicacional. (Gomes, 2011, pp.32-33)

O telejornal é “um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes” (Souza, 2015, p. 149). Ou, conforme Fachine (2008), baseando-se no ponto de vista semiótico, o telejornal pode ser definido como um enunciado englobante (o noticiário em sua totalidade), que resulta da articulação – a partir do(s) apresentador(es) – de um conjunto de enunciados englobados (as diversas formas de notícias), dotados de uma relativa autonomia.

As notícias são mais comumente apresentadas nos seguintes formatos: Reportagem, Ao vivo (ou link), Stand up (ou Boletim, também chamado de falso ao vivo), Nota Coberta, Nota Pelada e Entrevista de Estúdio (Boaventura, 2020).

Rezende (2000) concebe *reportagem* como “a matéria jornalística que fornece um relato mais ampliado do acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões” (p. 157). O autor divide a reportagem basicamente em cinco partes: a cabeça, o *off*, a passagem, as sonoras e o pé. Para ele, a omissão de uma ou mais partes não significam, necessariamente, uma descaracterização do conceito de reportagem.

O *ao vivo* (também chamado de link) é definido por Barbeiro & Lima (2005) como “a ligação entre dois ou mais pontos para a transmissão de sinais de imagem e som” (p. 166). Pode ser a “transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre” (Paternostro, 2006, p. 136), ou a participação do repórter, por exemplo, direto do local onde determinado fato já ocorreu, de modo a trazer informações consideradas importantes para a abordagem de tal assunto. Quando o repórter transmite as informações de maneira semelhante, mas o conteúdo é reproduzido a partir de uma gravação denominamos *boletim* ou *stand-up*. Pela semelhança, em muitas emissoras tal formato é também conhecido como *falso vivo* (Boaventura, 2020).

A *nota pelada* é a informação lida sem a utilização de recursos visuais para ilustrá-la (Siqueira, 2012). A falta de tais recursos a difere da *nota coberta*, que é ilustrada – e pode ser lida ao vivo pelo apresentador ou então ser exibida de maneira gravada.

E a *entrevista de estúdio*, como indica o próprio nome, é quando alguém é convidado a passar informações durante o telejornal no próprio estúdio de modo que se estabeleça um “diálogo do entrevistador (quem faz as perguntas) com o personagem ou fonte de informação (que as responde)” (Boaventura, 2020).

Ainda que sejam mais característicos e evidenciados no telejornal, tais formatos de apresentação das notícias também são comuns em outros subgêneros dentro da gama de programas telejornalísticos. Conforme veremos mais especificamente na última parte deste capítulo, dentro da categoria *informação* encontramos ainda programas esportivos na televisão brasileira relacionados aos gêneros *debate*, *entrevista* e *documentários*.

Os debates são sustentados por provocações despertadas sob a forma do comentário (Boyle, 2006). Ainda que este abrigue práticas bastante distintas – como a análise, o palpite e a crítica – a prática é compreendida como uma modalidade do amplo cenário que compõe jornalismo esportivo.

O modo em que o debate mais aparece é através das chamadas *mesas-redondas*:

À primeira vista, as mesas-redondas esportivas na TV estão assentadas em três características principais. A primeira diz respeito à tradicional configuração espacial dos integrantes no estúdio, que será projetada pelos televisores. Os participantes são distribuídos em semicírculo, muitas vezes separados por uma bancada – daí a denominação desse tipo de programa. A segunda tem relação com quem participa nos programas. Os membros fixos das mesas-redondas sobre esportes, chamados de comentaristas esportivos, são responsáveis por proferir análises, principalmente, acerca dos acontecimentos futebolísticos. O último é a prática do comentário esportivo, que atravessa toda a trajetória das mesas redondas. A escolha dos integrantes permanentes costuma seguir dois critérios: ou os debatedores advêm da comunidade esportiva e acumularam experiência na rotina de clubes e entidades esportivas; ou têm trajetória ligada à imprensa, com carreira em redações de veículos importantes do país. (Herbert Neto, 2019, pp.14-15)

Já os programas voltados às grandes reportagens se aproximam mais da ideia de documentário, com um conceito que vai além do imediatismo da notícia – mesmo que, em televisão, ela seja mais comumente apresentada dessa forma: “a grande reportagem estende-se no tempo e não está presa ao conceito de actualidade” (Teixeira, 2009, p. 16). Para Raboy e Grimard (2000), a grande reportagem está situada entre a informação relatada e a informação explicada, capaz de reunir elementos de pesquisa profunda.

A necessidade de atrair audiências leva muitas vezes à espetacularização (Debord, 1992), tendo em vista a existência de uma ideia bastante relacionada, especialmente ao esporte na televisão: a hibridização dos gêneros:

Na contemporaneidade, a informação, deixa de significar a representação simbólica dos fatos para se apresentar como um produto híbrido que se associa ora à publicidade, ora ao entretenimento, ora ao consumo; mas muitas vezes deixando de cumprir sua missão primordial de informar. (Bezerra, 2009, p. 4)

Este infoentretenimento (do inglês, *infotainment*) é definido como “uma mistura de informação e entretenimento que produz espetáculo” (Patias, 2006, p.92). No jornalismo esportivo, a linha divisória entre estes gêneros se mostra ainda mais tênue porque, conforme apresentamos anteriormente, cada vez mais o esporte está associado ao espetáculo.

No caso da televisão, a dificuldade em distinguir essa fronteira não se deve apenas ao fato das emissoras se envolverem na transmissão dos eventos esportivos, os quais representam altos investimentos que precisam ser compensados, mas porque estas utilizam o jornalismo para promovê-los, com considerável valorização e deixando, em muitos casos a informação de lado: “É como se, com o intuito de promover o show, os jornalistas contassem com uma espécie de ‘licença’ para ignorar princípios básicos do

jornalismo, como, por exemplo, o compromisso com a verdade dos fatos” (Oselame & Finger, 2013, p.65).

Os programas caracterizados como *revistas eletrônicas*, também bastante comuns nos canais esportivos, podem igualmente exemplificar essa hibridização, já que “a notícia torna-se espetáculo e faz parte de uma espécie de show de informações [...] reportagens, prestação de serviços, entrevistas, comentaristas e, para descontraír, artes, espetáculos e lazer” (Souza, 2004, p. 130).

São motivos que tornam complexa a tarefa de definir os programas esportivos na televisão. Ainda que muitos contem com produções de caráter noticioso, não raro estas estão mescladas a outras propostas.

3.2. Função da grade

Os programas são divididos dentro de uma grade de programação – forma de organizá-los por faixas horárias tendo em vista estratégias, protocolos, interesses comerciais e determinações legais. No Brasil, por exemplo, é estabelecido por lei que as emissoras tenham que respeitar as classificações indicativas de conteúdo levando em consideração os horários estabelecidos para exibição²⁸.

O fluxo na televisão é dividido em uma série de unidades cronometradas que correspondem aos programas exibidos e aos intervalos comerciais (Gambaro e Becker, 2016). A oferta sucessiva é capaz de gerar a sensação de que o próximo programa será melhor do que o anterior, algo que Williams (2003) define como eterno porvir, um recurso que acaba por prender a atenção do telespectador. Segundo esse autor, a ideia de fluxo é proveniente da tecnologia de difusão de ondas eletromagnéticas, que dá suporte à televisão, e resulta na estrutura em forma de canais com programação sequencial. Assim, quem emite o conteúdo procura interligar as diferentes narrativas de maneira linear (blocos de programas, vinhetas, comerciais, etc.), entregando o produto final de maneira simultânea para todos os receptores.

As emissoras encadeiam os programas segundo uma ordenação lógica chamada programação, apresentada no formato de uma grade que inclui a distribuição dos

²⁸ Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/manual-da-nova-classificacao-indicativa.pdf>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2021.

programas em horários planejados desde o início até o encerramento das transmissões no período de 24 horas por dia, sete dias por semana. (Souza, 2015)

Essa grade pode ser horizontal e/ou vertical. A grade horizontal representa as faixas de programas de segunda a sábado com horários fixos, enquanto a vertical é “idealizada por faixa de públicos que vão se interessando pelos programas dos horários seguintes, e que serve para prender o telespectador o tempo todo naquele mesmo canal” (Bonventti, 2017, p.53).

A Grade de programação, tradicionalmente, é estável e não muda. Essa premissa permite que o telespectador memorize toda programação de um canal e se acostume aos horários dos programas. Rotinas pessoais e familiares são definidas em função do começo ou do fim dos programas. Uma grade de programação estável ajuda, portanto, na fidelização do público e gera credibilidade para uma emissora de TV. (Gambaro & Becker, 2016, p. 349)

A grade acaba por estabelecer uma espécie de pacto com o telespectador. Especialmente nos canais de televisão abertos e generalistas (Wolton, 1996), com o passar dos anos essa organização estruturada leva as pessoas a terem quase certeza do tipo de conteúdo que vão encontrar ao ligarem a televisão em determinados horários, mesmo que não conheçam os programas de determinado canal.

Esta identificação tende a mudar de país para país por motivos socioeconômicos, políticos e culturais (Souza, 2015). É o caso dos horários das telenovelas, que na antiga Iugoslávia não eram exibidas entre 19h e 22h, horário tradicional no Brasil (Obradović, 1990).

Mas, nem sempre foi assim. Nos primórdios da televisão havia apenas um “amontoado de produções exibidas em horários considerados convenientes e adequados pela direção das emissoras. O espaço comercial era feito sem nenhum critério de duração, ou momento de entrada e saída” (Erthal, 2013, p. 17).

No Brasil, a grade começou a ser organizada na década de 1960. Na TV Excelsior, os comerciais, que antes podiam ter duração de até 5 minutos, passaram a ter obrigatoriamente entre 30 segundos e um minuto (Bonventti, 2017). Essa foi também a emissora precursora do modelo de grade horizontal e vertical no país, em 1961:

O telespectador já estava acostumado com as faixas da programação horizontal, ou seja, às 19h com telenovela, às 20h com um telejornal, às 20h30 com um show e às 21h com filmes ou seriados cinematográficos e assim por diante, todos os dias. Agora seria preciso acostumá-lo com a programação vertical, isto é, o que viria depois do horário que ele tinha escolhido. Assim, quem estivesse

interessado apenas em telenovela às 19h, deveria ser cativado para as atrações seguintes, sem desligar o aparelho ou mudar de canal. (Moya, 2004, p. 192)

Guia. TV		Canais. Abertos	
Domingo 22/11/2020			
CULTURA			
00h45	Minúsculos	03h05	Corujão: Acima das Nuvens
01h45	Roda Viva	04h50	Corujão II: Como Criar o Barroto Perfeito
03h30	Voz Populi	06h30	Santa Missa
04h30	Grandes Cursos Cultura na TV	07h20	Antena Paulista
05h30	Especial Cultura Meio Ambiente	07h55	Pequenas Empresas & Grandes Negócios
06h00	Vamos Pedalar	08h30	Globo Rural
06h30	Saúde Brasil	09h25	Auto Esporte
07h00	Vida, Minha Vida	10h00	Esporte Espetacular
08h00	Missa de Agradecida	12h45	Escolinha do Professor Raimundo - Nova Geração
09h00	Sr. Brasil	13h40	Temperatura Máxima: Moana - Um Mar de Aventuras
10h00	Agrocultura	15h45	Futebol 2020
10h30	Planeta Turismo	18h05	Domingão do Faustão
11h00	Paulistão Feminino: Taubaté x Ferroviária - Ao Vivo	20h00	Fantástico
13h00	Esporte Ponto (Final)	22h50	Domingo Maior: Atentado em Paris
13h30	O Boneco de Barro e o Rei		
13h45	Rev & Roll		
14h00	Bubu e as Carujinhas		
14h15	A Galinha Pintadinha Mini		
14h30	Thomas e Seus Amigos		
14h45	Porto Papel		
15h00	O Show da Luna		
15h15	Nella, Uma Princesa Corajosa		
15h45	Shoun, o Carneiro		
16h00	Vivi Viravento		
16h15	Lurma da Mônica		
16h30	Tá Certo?		
17h00	Planeta Terra		
18h00	Repórter Eco		
18h30	Matéria de Capa		
19h00	Café Filosófico		
20h00	Ipovoca		
21h00	Persona em Foco		
22h00	Camarote.21		
22h30	Jazz Sinfônica Brasil		
23h30	Opinião		
RECORD			
01h15	Fala que eu te Escuto		
06h00	Programa do Templo		
07h00	Santo Culto em seu Lar		
08h30	Programação IURD		
09h00	Record Kids - Desenhos Bíblicos		
10h00	Record Kids - Pica Pau		
11h00	Record Kids - Todo Mundo Odeia o Chris		
13h15	Cine Maior: Sicário: Dia Do Soldado		
15h15	Hora do Faro		
19h45	Domingo Espetacular		
23h15	A Fazenda		
23h45	Câmera Record		
REDETV!			
00h45	ENCRENCA - Melhores Momentos		
05h00	Operação de Risco		
06h00	RedeTV! News		
07h00	TV Fama		
07h30	Saúde e Sexualidade		
08h05	Show da Saúde		
08h35	Camisaria Fascynios		
08h55	Dirigido Sobre Rodas		
09h30	Show da Saúde		
10h00	Igreja Universal do Reino de Deus		
11h50	Te Peguei		
12h00	Cleiton Rodrigues		
12h20	Camisaria Fascynios		
12h40	Saúde e Você		
13h00	SuperBike		
14h00	Te Peguei		
14h15	Igreja Cristã Maranata		
15h15	É da Gente, Com Netinho de Paula		
16h48	A Hora e a Vez da Pequena Empresa		
17h03	Educação Na TV - Apeoesp		
17h16	Podshop		
18h00	Renda Extra		
18h40	TV Fama		
19h00	Operação de Risco		
20h00	ENCRENCA		
23h00	João Kleber Show		
GAZETA			
02h10	Gazeta Shopping		
06h00	Igreja Universal do Reino de Deus		
07h00	Ultrafarma		
08h00	Gazeta Shopping		
08h30	Missa De São Judas Tadeu - Ao Vivo		
09h30	Gazeta Shopping		
11h00	Gazeta Motors		
12h00	Gazeta Imóveis		
13h00	Modão do Brasil		
15h00	Fortapag		
16h00	Cozinha Amiga		
18h00	Paz e Vida		
19h30	Cozinha Amiga		
20h00	Programa Seguro		
21h00	Mesa Redonda		
23h00	Estilo Romy		
23h30	Gazeta Shopping		
BAND			
01h20	Cine Privé: Floresta da Perdido		
03h00	Sex Privé Club		
03h45	Cine- Ameaça No Ar		
06h00	Band News.doc		
06h30	Capital e Mercado		
07h00	Band Kids - O Diário de Mika		
07h30	Band Kids - Os Choclix		
08h00	Band Kids - Pac-Man		
08h30	Band Kids - Rob, o Robô		
09h00	Band Kids - Hello Kitty		
09h30	Band Kids - Beyblade Burst Turbo		
10h00	Show do Esporte		
11h30	Campeonato Alemão: Freiburg x Mainz 05 - Ao Vivo		
13h30	Show do Esporte		
14h00	Campeonato Italiano: Udinese x Genoa - Ao Vivo		
16h00	Campeonato Brasileiro Sub-20: Santos x São Paulo - Ao Vivo		
18h00	3º Tempo		
20h00	Campeonato Brasileiro Feminino Al. Kindermann-Araú x Corinthians - Ao Vivo		
22h00	Cine Ação: Turbo Kid		
23h00	Orange is The New Black		

Figura 2: No Brasil, os jornais diários (em modo impresso e on-line) ainda costumam divulgar as grades de programação das emissoras de TV aberta (Estadão²⁹, 2020)

Apesar desses guias de TV, bastante resumidos, ainda serem comuns, no Brasil jamais houve a popularização dos guias mais completos, como acontecia nos Estados Unidos (Souza, 2015). Ainda que a Excelsior tenha sido a precursora em alguns aspectos, o modelo consolidado no país e estabelecido até hoje é o da Rede Globo de Televisão (Erthal, 2013).

Para Wolton (1996), a programação desta forma “remete à mídia generalista que, para satisfazer diferentes públicos, constrói uma grade de ofertas suscetível de gerar múltiplas expectativas” (p. 100), em oposição ao que acontece nos canais especializados. Com o advento da TV digital, o fato dos programas poderem ser assistidos apenas em um determinado horário começou a ser superado, inclusive a

²⁹ Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,programacao-da-tv-aberta,70003522226>. Acesso em: 15 fevereiro de 2021.

partir do momento em que as operadoras de TV por assinatura passaram a oferecer em seus próprios receptores a possibilidade de gravação para exibição futura, assim como o acesso dos programas via internet:

A possibilidade de acessar conteúdos televisivos em outras plataformas, quando e onde quiser, permite agora ao espectador assistir a programas completos ou a seus fragmentos descolados da programação, “montando”, assim, sua própria grade. É inegável, certamente, que esse desprendimento do fluxo televisual implica novos modos de produção de sentido. Mas será que, diante da emergência de formas assíncronas e personalizadas de consumo dos conteúdos televisivos, essa TV que se organizou como sistema broadcasting de comunicação, a partir de fluxo de conteúdos audiovisuais, tende mesmo a ficar apenas no passado? Com tantas possibilidades de escolhas de dispositivos e conteúdos, há ainda algum sentido em assistir à televisão acompanhando sua grade de programação? (Fechine, 2014, p. 2)

As perguntas sobre o futuro dos meios de comunicação, incluindo a TV, tornam-se ainda mais comuns e evidentes quando determinados números, neste caso, de audiência, apontam para mudanças significativas no modo de consumo. Dados do Kantar Ibope³⁰ mostram que, em 2020, aumentou a quantidade de televisores ligados no Brasil: acréscimo de um ponto percentual na comparação com 2019. Mas, a pesquisa revela que todas as principais emissoras de TV aberta e até os canais pagos perderam audiência, consequência da explosão do consumo de *streaming*. No caso das TVs por assinatura, onde estão os canais especializados em esporte, foco deste trabalho, houve uma queda de 15% na audiência em comparação com 2019.

Mas, é interessante salientar que alguns destes canais pagos também ofereceram determinados programas gratuitamente na Internet, como foi o caso do *Redação Home Office*, do canal SporTV, objeto desta pesquisa, ou através de aplicações pagas criadas pelas próprias emissoras, sem qualquer relação com as operadoras, o que, inclusive, levou a ações judiciais³¹

3.3. Programação dos canais brasileiros especializados em futebol

O mercado televisivo focado em jornalismo esportivo no Brasil passou por alterações significativas nos últimos três anos. Em 2018, existiam cinco grandes grupos no

³⁰ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/tv-tradicional-perde-forca-em-2020-mas-globo-ainda-domina-o-mercado-48932>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

³¹ Mais informações disponíveis em: <https://tecnoblog.net/317128/fox-proibida-vender-canais-pela-internet-de-novo-justica-anatel/>. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

comando de 13 canais com programação que era focada em futebol ou incluía, em muitos momentos, materiais voltados a esse esporte³². Hoje, são apenas três grupos com dez canais³³:

Grupos	Canais	
	2018	2021
The Walt Disney Company	ESPN ESPN 2 ESPN Brasil ESPN Extra	ESPN ESPN 2 ESPN Brasil ESPN Extra Fox Sports Fox Sports 2
21st Century Fox	Fox Sports; Fox Sports 2.	
Bandeirantes de Comunicação	BandSports	BandSports
Globo	SporTV SporTV 2 SporTV 3	SporTV SporTV 2 SporTV 3
Esporte Interativo	Esporte Interativo Esporte Interativo 2 Esporte Interativo BR	

Tabela 2: Panorama da distribuição dos canais esportivos com especialização em futebol, em atividade no Brasil nos anos de 2018 e 2021 para efeitos de comparação. (elaborada pela própria autora)

A compra dos canais Esporte Interativo pela *Turner* levou a programação a ser absorvida, naquela época, por outros dois canais: *TNT* e *Space*. Assim, deixou de ser 100% dedicada ao esporte – algo que perdura até hoje e inclui outras modificações. O fato, ocorrido em agosto de 2018, culminou na demissão de cerca de 250 funcionários³⁴.

Já no caso dos canais Fox Sports, a aquisição por conta da *The Walt Disney Company* só foi formalizada em março de 2020³⁵. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica do Brasil (CADE) levou mais de um ano para autorizar a fusão que fez com que, em dezembro de 2020, todos os programas da grade do Fox Sports fossem extintos³⁶. Hoje, Fox Sports e Fox Sports 2 são utilizados apenas para transmissões de eventos, como jogos da Copa Libertadores da América e Liga Europa.

³² Sem contar os serviços em formato *Pay-Per-View* que se referem exclusivamente às competições esportivas.

³³ Dados coletados em 27 de fevereiro de 2021.

³⁴ Disponível em: <https://uoesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2018/08/09/ei-encerra-canais-na-tv-e-programacao-migra-para-tnt-e-space/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

³⁵ Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/cade-aprova-compra-da-fox-sports-pela-disney-e-garante-3-anos-de-vida-ao-canal/>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

³⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/01/11/disney-encerra-programas-do-fox-sports-canal-ficara-exclusivo-para-eventos.htm>. Acesso em 28 de fevereiro de 2021.

Veja, abaixo, a programação do FOX Sports de domingo, 28 de fevereiro de 2021:



FOX Sports
7h às 8h - WRC: Etapa da Finlândia: Dia 2 - Reprise
8h às 9h30 - WRC: Etapa da Finlândia: Dia 3 - AO VIVO
9h30 às 9h45 - Especial: Barcelona de Frank Rijkaard - Reprise
9h45 às 10h15 - Mundo Premier League - Reprise
10h15 às 12h20 - Campeonato Holandês, PSV vs. Ajax - AO VIVO
12h20 às 14h30 - LaLiga, Cadiz vs. Betis - AO VIVO
14h30 às 16h30 - Copa do Nordeste, Vitória vs. Santa Cruz - Reprise
16h30 às 16h55 - Prévia de LaLiga - Reprise
16h55 às 19h - LaLiga, Villarreal vs. Atletico de Madrid - AO VIVO
19h às 19h20 - Momento ESPN: Além da Bola - Hernane Brocador - Reprise
19h20 às 21h20 - Copa da Liga Argentina, Argentinos Juniors vs. Velez Sarsfield - Reprise
21h20 às 23h30 - Copa da Liga Argentina, Boca Juniors vs. Sarmiento - AO VIVO
23h30 à 0h - Mundo Premier League - Reprise
0h às 2h - Liga NOS, Porto vs. Sporting - Reprise
2h às 4h - Premier League, Tottenham vs. Burnley - Reprise
4h às 6h - Championship, Derby County vs. Nottingham Forest - Reprise

Figura 3: Exemplo da programação atual do Fox Sports, totalmente focada em eventos (ESPN Brasil³⁷)

As transmissões de eventos se relacionam com o que Fecine (2001) define como “formato fundado na transmissão direta” (p.21). Conforme a autora, o foco está na simultaneidade entre a realização do acontecimento e a sua transmissão pela TV, ainda que algumas emissoras disponibilizem reprises dos referidos eventos esportivos.

Nessa simultaneidade, está o próprio apelo estético do programa e/ou quadro. O acontecimento/fato transmitido determina toda a função comunicativa desse tipo de transmissão televisiva, cujo principal atrativo é justamente a imprevisibilidade, a espera pelo inesperado, proporcionados pela simultaneidade entre a produção, transmissão e recepção. (Fecine, 2001, p. 21)

Importante salientar que as transmissões esportivas costumam contar com uma equipe em frente às câmeras composta por narrador, comentarista e repórter. De maneira simplista, podemos resumir a ação da seguinte forma: “O narrador explica o que acontece e como acontece, pede a opinião ou a análise do comentarista e os repórteres de campo apresentam detalhes pontuais ou registros técnicos que os primeiros não dispõem” (Gasparino, 2013, p. 24).

³⁷ Disponível em: https://www.espn.com.br/artigo/_/id/8245406/fox-sports-ao-vivo---veja-a-programacao-completa-de-sabado-27-e-domingo-28-de-fevereiro-de-2021. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

Devido a essa mudança no conteúdo de Fox Sports e Fox Sports 2, apenas os canais identificados como SporTV, ESPN e BandSports passaram a contar com outros programas de caráter jornalístico em suas grades de programação.

Os três têm uma característica em comum: o grande destaque para o debate esportivo. Até mesmo os telejornais e revistas eletrônicas apresentam tais características – algo que, para Fecine (2001), aponta à dupla natureza dos formatos. Os programas de entrevista, que também integram a programação esportiva especializada em futebol no Brasil, são enquadrados pelo autor no mesmo formato ao qual o debate se relaciona: “Fundado no diálogo: é aquele fundado essencialmente na conversação interpessoal, na exploração das situações de interlocução direta e nas suas diferentes manifestações [...] a TV funcionando como metáfora de um grande chat” (Fecine, 2001, p. 20).

Comumente, existe ao menos um comentarista no estúdio com a proposta de estabelecer diálogos e contestações com os demais participantes dos programas. Isso acontece em todas as emissoras, como veremos a seguir.

O telejornal, respeitando os atributos inerentes ao formato, também tem destaque, assim como as revistas eletrônicas e os programas destinados às grandes reportagens – ambos igualmente encontrados nos três canais brasileiros especializados em futebol.

Futebol	
12:00	Linha de Passe: Mesa-Redonda
17:00	Futebol No Mundo
22:00	Futebol Na Veia
1:00	Linha de Passe: Mesa-Redonda
3:00	Linha de Passe: Mesa-Redonda
BB DEBATE	
15:00	BB Debate
CAMPEONATO INGLÊS	
7:00	Newcastle vs. Wolverhampton
10:00	Chelsea vs. Manchester United
19:50	Everton vs. Southampton
CAMPEONATO PORTUGUÊS	
4:00	Benfica vs. Rio Ave
UEFA EUROPA LEAGUE	
6:00	UEFA Europa League Highlights
SportsCenter	
9:00	SportsCenter
13:00	SportsCenter
18:00	SportsCenter
23:00	SportsCenter
0:00	SportsCenter
2:00	SportsCenter

Figura 4: Programação do canal ESPN Brasil para o dia 01 de março de 2021 (ESPN³⁸)

³⁸ Disponível em: <https://www.espn.com.br/watch/calendario>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

No caso do canal ESPN Brasil, encontramos no dia primeiro de março de 2021, segunda-feira, programas que podem ser categorizados como *debate* (*Linha de Passe: Mesa Redonda, Futebol na Veia e BB Debate*), *revista eletrônica* (*Futebol No Mundo*), *transmissão esportiva* (*Newcastle x Wolverhampton, Chelsea x Manchester United, Everton x Southampton, Benfica x Rio Ave*, e a reprise dos melhores momentos da Liga Europa), assim como também *telejornal* (*Sports Center* em seis distintos momentos do dia).

00:00	Depois do Jogo
00:30	Campeonato Italiano
02:15	Campeonato Italiano
04:00	Depois do Jogo
06:00	Campeonato Russo
07:45	Campeonato Russo
09:30	BandNews em Forma
10:00	Viva o Esporte
11:00	Primeiro Tempo
12:00	Primeiro Tempo
13:00	Bandsports News
13:45	Bandsports News
14:30	Campeonato Italiano
16:15	Mini Doc Bandsports
16:30	BandNews em Forma
17:00	Bola Rolando
18:30	Bandsports News
19:30	Campeonato Italiano
20:00	Baita Amigos

Figura 5: Programação do canal Bandsports para o dia 01 de março de 2021(BandSports³⁹)

³⁹ Disponível em: <https://bandsports.band.uol.com.br/programacao> . Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

No canal BandSports a programação do dia primeiro de março de 2021, segunda-feira, incluía *debate* (*Depois do Jogo, Bola Rolando e Baita Amigos*), *revista eletrônica* (*Viva o Esporte*), *transmissão esportiva* (Campeonatos Italiano e Russo com jogos não especificados), *entrevista* (*BandNews em Forma*) assim como também *telejornal* (*Primeiro Tempo* e *BandSports News*) e programa de *grande reportagem* (*Mini Doc BandSports*).

Boleiragem 2ª feira (01/03), às 01:00
VT - Bragantino x Corinthians 2ª feira (01/03), às 01:30
Giro da Rodada 2ª feira (01/03), às 02:30
VT - São Paulo x Botafogo SP 2ª feira (01/03), às 03:30
VT - Inter x Genoa 2ª feira (01/03), às 05:00
VT - Bragantino x Corinthians 2ª feira (01/03), às 06:00
Giro da Rodada 2ª feira (01/03), às 07:00
VT - Grêmio x Palmeiras 2ª feira (01/03), às 07:45
SporTV News - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 08:45
Redação SporTV - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 10:00
SporTV News - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 12:30
Seleção SporTV - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 13:00
Portuguesa Santista x Portuguesa - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 15:20
Tá na Área - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 17:30
Guarani x Ituano - Ao Vivo 2ª feira (01/03), às 18:45
Especial SporTV: Acesso Total - Corinthians 2ª feira (01/03), às 21:00
Bem, Amigos! 2ª feira (01/03), às 22:00

Figura 6: Programação do canal SporTV para o dia 01 de março de 2021(Canais Globo⁴⁰)

Já no SporTV, foram exibidos no dia primeiro de março de 2021, segunda-feira, programas nos formatos: *debate* (*Boleiragem, Redação SporTV, Seleção SporTV* e *Bem Amigos*), *revista eletrônica* (*Giro da Rodada* e *Tá na Área*), *transmissão esportiva* (reprises de *Bragantino x Corinthians* – que vai ao ar duas vezes – *São Paulo x Botafogo-SP, Inter x Genoa* e *Grêmio x Palmeiras*, assim como, ao-vivo,

⁴⁰ Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/programacao/sportv/3180419/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

Portuguesa Santista x Portuguesa e Guarani x Ituano), telejornal (SporTV News) e grande reportagem (Acesso Total - Corinthians).

É inegável o fenômeno cultural e financeiro que representa o esporte, em especial o futebol, na televisão. A tal ponto que a influência dos veículos não raras vezes se estende aos campos, às quadras e arenas de modo a fazer com que a prática se torne muito mais associada a essa midiaticização e suas influências/consequências do que aquilo ao menos imaginado como essência da atividade física – ainda que competitiva: saúde, bem-estar e desenvolvimento de quem a pratica.

4. Esporte e Saúde

Podemos considerar *atividade física* qualquer movimento produzido pela musculatura esquelética de nosso corpo e que resulte em gasto energético, desde ações simples, como caminhadas, até jogos, lutas e danças (Pitanga, 2002). Quando a atividade física é planejada, estruturada e repetitiva, tendo por objetivo a melhoria/manutenção de um ou mais componentes da aptidão física, atribui-se a tal prática a definição de *exercício físico* (Caspersen, Powell & Christensosn,1985). E quando isso ocorre de maneira competitiva, seguindo determinadas regras para prática e desempenho, chamamos de *esporte* (Bracht, 2003) – ainda que alguns não demandem grandes gastos calóricos, como o bilhar ou do xadrez.

Há dezenas de outras definições que têm conduzido a divergências e debates, porém no presente trabalho consideramos que as definições usadas sejam suficientes para incitar uma tentativa de compreensão no que diz respeito à relação entre saúde pública e atividade física/exercício/esporte.

Embora muitas civilizações da antiguidade valorizassem as competições e o culto ao corpo, foram os gregos quem deram à prática esportiva conotações semelhantes às que temos hoje. Eles inventaram o esporte em um ideal de civilização e cultura, de forma a celebrar a paz e a beleza “como uma prática e um símbolo de homens livres que transcendiam e visavam o sonho de dobrar o portal de entrada do Olimpo” (Gaya & Torres, 2008, p. 60). Vanoyeke (1992) acrescenta que os gregos enxergavam no exercício físico uma forma de conservar ou reencontrar a saúde.

Tais ideias não eram compartilhadas em todas as partes do mundo e, muitas delas, com o passar dos anos, ficaram esquecidas. Fonteboa (2015) acredita que “o corpo e a atividade física começam a perder espaço e importância, com o surgimento do Cristianismo. Com ele, o centro das atenções estava nas conquistas de uma vida celestial” (pp. 134-135). Capinussú (2008) corrobora e afirma que a maior importância dada à salvação da alma levou ao desprezo pelo culto ao corpo durante a Idade Média na Europa, exceto pelo treinamento para funções específicas, como no caso dos guerreiros, e que levavam à organização de algumas competições restritivamente relacionadas. Nessa mesma linha de pensamento, a educação também passou a ser secundária, com a ciência dando lugar à religião.

Mascarenhas de Jesus (1999) relembra o fato de o Imperador romano Teodósio ter proibido a continuidade dos Jogos Olímpicos por pressão da Igreja Católica. Conforme

o autor, também é possível encontrar facilmente registros policiais de perseguição implacável às práticas esportivas populares nas cidades medievais: o corpo poderia servir apenas como “espaço cristão” (p. 24). Essa situação só começou a mudar no período Renascentista:

Foram assim retomados alguns ideais greco-romanos relacionados ao uso do corpo, instaurando-se uma nova fase de desenvolvimento da cultura física. Todavia, mesmo no Renascimento, os esportes que exigiam grande aplicação de força e/ou atritos corporais se mantiveram desprestigiados, dada a grande importância atribuída pelos humanistas à erudição em detrimento da atividade muscular. (Mascarenhas de Jesus, 1999, p.24)

Na Europa do século XVIII, com a popularização dos ideais Iluministas, que levaram a inúmeras descobertas científicas, o princípio da elaboração de uma política pública baseada na higiene levou ao aparecimento do chamado “neo-hipocratismo” (Costa, 2013, p. 52). A essa concepção ambientalista da Medicina, fundamentada na hipótese de essencial relação entre doença, ambiente e sociedade, estava associado o higienismo (Jordonova, 1979).

É neste contexto que o foco se volta para a prática de atividades físicas como forma de manter o corpo saudável, inclusive com projeção de espaços dentro das cidades europeias para que as pessoas pudessem cultivar hábitos de vida saudáveis, algo que, até então, não havia (Costa, 2013). Tais motivações também levaram a modificações no processo educacional. Sigoli e De Rose Junior (2004), apontam para a influência de pensadores iluministas nos primórdios da educação física moderna, com destaque para Jean Jacques Rousseau (1712-1778) que:

[...] valorizava em seus preceitos educativos a formação moral e física do jovem [...] e influenciou um grande número de estudiosos e pedagogos em diversos países da Europa, culminando com o surgimento das Escolas Ginásticas. [...] As Escolas Ginásticas surgiram na Europa no início do século XIX e tiveram desenvolvimento simultâneo em diversos países, o que favoreceu o intercâmbio de informações e tendências (Sigoli & De Rose Junior, 2004, p. 113).

O processo de evolução foi lento e gradual, tanto por parte dos governantes quanto da população em termos de aceitação e entendimento, inclusive com a apropriação de determinados conceitos para outras finalidades:

Apesar dos grandes avanços pedagógicos, científicos e higienistas provocados pela evolução das escolas ginásticas europeias, foi sensível a importância dada ao uso dos exercícios com objetivos militares. As instituições educacionais e militares passaram a utilizar métodos ginásticos na preparação de exércitos e na propagação ideológica e nacionalista. Estas prerrogativas políticas e militares das escolas ginásticas permaneceram no século XX, acompanhando o

desenvolvimento da Educação Física pelo mundo. (Sigoli & De Rose Junior, 2004, p. 114).

Ademais, existem críticas também a determinadas propostas higienistas como sendo relacionadas a modelos discriminatórios, focados na busca pelo poder e na manutenção de um sistema capitalista. Barbosa (2011) diz que o objetivo era tornar o corpo mais forte e saudável para que fossem melhores as forças de trabalho.

Nessa linha, Foucault (1984) trata sobre aquilo que define como *medicina social* e a visão de saúde associada à mão-de-obra presente e capaz de dar conta da demanda. O corpo deixa de ser visto como individual e passa a ser visto como um *corpo social*:

O capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (Foucault, 1984, p.46)

Independentemente das divergências quanto às reais motivações e os efeitos paralelos em termos sociais, manter o corpo em movimento é algo considerado necessário para estar orgânica e emocionalmente saudável (Andersen, 1983). Ainda que esse pensamento, de modo geral, seja quase um consenso entre os pesquisadores da área, existem questionamentos quanto a relação linearmente positiva que se estabelece entre o esporte e a saúde de seus praticantes, especialmente tratando-se do alto rendimento, conforme veremos a seguir.

4.1. As relações entre saúde e esporte de alto rendimento

Ainda que a ideia de corpo em movimento, conforme citado anteriormente, seja relacionada à saúde, o oposto também é necessário: estar salubre para desempenhar determinadas atividades físicas e, especialmente, esportivas, é fundamental (Teixeira, Klimeck & Rezende, 2019).

Conforme a Sociedade Brasileira de Medicina no Esporte (1996), o tipo de prática a ser desenvolvida deve estar rigorosamente associada às condições de saúde do possível praticante para que os efeitos positivos sejam alcançados, levando em consideração todos eventuais fatores de risco:

Indivíduos sintomáticos e/ou com importantes fatores de risco para doenças cardiovasculares, metabólicas, pulmonares e do sistema locomotor, que poderiam ser agravadas pela atividade física, exigem avaliação médica especializada, para definição objetiva de eventuais restrições e a prescrição correta de exercícios (Sociedade Brasileira de Medicina no Esporte, 1996, p. 79)

Determinados indícios relacionados com doenças, como febre, por exemplo, ainda que não haja outros sintomas considerados mais graves, também representam sérias ameaças à saúde individual dos atletas, sem falar no perigo de propagação a terceiros, que aumenta em determinadas atividades conforme as características da enfermidade:

A febre produz uma série de efeitos que podem ser divididos em físicos e fisiológicos. Entre os primeiros, é importante considerar que temperatura corporal elevada produz redução da força, da potência aeróbica e da *endurance*. Provoca ainda redução da coordenação e da capacidade de concentração. Isso implica aumento importante do risco de lesão do atleta. Sem dúvida, os efeitos fisiológicos que a febre produz sobre o desempenho são muito mais importantes. Primeiramente, ao nível cardiovascular provoca aumento do trabalho cardíaco durante exercícios submáximos; isto causa elevação da frequência cardíaca, do consumo de oxigênio e da ventilação [...] No sistema regulador da temperatura, produz-se aumento do ponto de ajuste térmico no hipotálamo, o que provoca aumento da temperatura corporal, com o conseqüente risco de desidratação. Quanto à função pulmonar, ocorre aumento da resistência das vias aéreas e redução da capacidade de difusão e das trocas gasosas. Ao nível do sistema músculo-esquelético, ocorre redução da força muscular isométrica, que provoca o surgimento de fadiga precoce e redução da capacidade de trabalho. (Díaz, Guillén & Carrero, 2000, p. 23)

O cuidado deve ser ainda maior com praticantes do chamado esporte de alto rendimento (Teixeira, Klimeck & Rezende, 2019), o qual pode ser caracterizado como o esporte estruturado e orientado para o cumprimento de determinada tarefa – vitórias, títulos, quebra de recordes – com demanda de comprometimento e esforço, sendo esse o nível que define o esporte profissional (Dimande, 2010). Autores como Campos, Capelle e Maciel (2017) estabelecem um paralelo entre esse conceito e a definição de trabalho feita por Chanlat (1996): a força concentrada dos esforços de um indivíduo para executar uma tarefa ou meta.

A questão é que esporte e saúde nem sempre andam lado a lado, até porque estar saudável não é algo estático. Conforme Bento (1991), esse processo é permanentemente ativo. Para o autor, a saúde deve ser entendida como algo que precisa ser constantemente adquirido e mantido, pois diz respeito à relação não só com o nosso corpo, mas também com o nosso mundo. E, no caso do esporte de alto rendimento, a interferência do meio, inclusive pelas das necessidades impostas em relação ao resultado, são ainda maiores – em termos de saúde física e também mental.

Kretly (2002) disserta sobre o assunto a partir da ótica do risco ocupacional em uma unidade desportiva: as doenças do trabalho seriam aquelas que podem ser derivadas diretamente de agentes biológicos, físicos ou químicos, envolvidos no processo de trabalho técnico (Laurell, 1981), assim como questões do ponto de vista psicológico (Duarte & Almeida, 2015). A autora desenvolveu uma pesquisa sobre a relação saúde-doença/trabalho a fim de verificar a existência de doença ocupacional em técnicos de natação, algo que poderia parecer incongruente se olhássemos unicamente a partir da ótica de que esporte é saúde.

Os resultados mostraram a existência de problemas como otite, bronquite, perda de olfato (em função do cloro aplicado na piscina), entre outras lesões, provocadas por condições de trabalho que também interferem no bem-estar dos atletas:

[...] o movimento repetitivo de entrar e sair da piscina acaba por acarretar problemas de ombro e joelho. Reconhecem insalubre a umidade, por trabalharem em local com grande quantidade de água, que é aquecida e evapora; barulho de movimentação da água em contato com o corpo e alto som das vozes; (a) oscilação da temperatura [...] pode ser fator desencadeante de problemas pulmonares e reumáticos. (Kretly, 2002, p.76)

Estudos feitos por Jorge *et al* (2019) mostram os altos níveis de risco de degradação da cartilagem articular em atletas de futebol de salão. Já De Rose Junior (2002), aponta as competições, de modo geral, como grande fonte de stress, enquanto Viana e Mezzaroba (2013), em uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica, levantam o seguinte questionamento: “Esporte de alto rendimento faz mal à saúde?” (p.190). Os exemplos são muitos, assim como as críticas à espetacularização de uma atividade onde a “boa estética” (Viana & Mezzaroba, 2013, p.192) estaria passando uma ideia errada do que realmente é saúde.

O esporte de alto rendimento procura construir uma imagem que pretende criar uma ilusão de que as práticas esportivas nada tem a ver com as drogas, ao passo que a convivência com elas – legais ou não – parece ser uma necessidade no alto rendimento dadas as enormes exigências competitivas e o extremo sacrifício somático e psicológico ao qual o indivíduo é submetido. (Vaz, 2005, p.28)

Esses são alguns exemplos de discussões acerca da importância da saúde no esporte e como tal espetacularização do mesmo é questionada como componente determinante na relação com a salubridade. Afinal, o show tem mesmo que continuar a todo custo, ainda que a cultura de excessos, e em muitos casos também o ambiente, não sejam favoráveis? A indagação se intensifica em momentos nos quais questões relacionadas à saúde pública, e não apenas individuais, estão em jogo, conforme veremos a seguir.

4.2. Saúde pública e esporte

A humanidade está permanentemente a experienciar novos episódios de doenças infecciosas que emergem e reemergem, com variável disseminação, sendo estas, em geral, “irrestritas ao tempo, lugar ou condição temporal da complexidade de organização humana” (Cadilho, Pereira & Omena, 2020, p.3).

Conforme Pelogi (2020), existem quatro principais definições para os níveis de contaminação de determinada patologia: surto, endemia, epidemia e pandemia. A primeira delas se refere ao aumento repentino na propagação de uma enfermidade contagiosa. Quando esse surto se espalha por uma região bastante específica chamamos “endemia” (Cadilho, Pereira & Omena, 2020, p.3). Porém, se o número de casos aumentar consideravelmente por uma área não delimitada, a caracterização é de epidemia – que passa a pandemia quando estendida a níveis mundiais e, conseqüentemente, implica numa série de medidas a serem tomadas, com reflexos por todo o planeta (Pelogi, 2020).

Ao longo da história da humanidade, a proliferação, incidência e mortalidade de determinadas doenças marcaram época, bem como também provocaram mudanças significativas em diversas áreas, incluindo o esporte. Apenas entre os séculos XX e XXI podemos citar grandes propagações de enfermidades como varíola, cólera, gripe espanhola, ebola e H1N1 – facilitadas, em alguns aspectos, pela maior circulação de pessoas entre países e continentes, conforme explica Mascarenhas (2019), ao dissertar acerca da cólera.

O meio esportivo acaba tornando-se também um espaço onde a difusão de doenças contagiosas é facilitada por vários motivos, especialmente o grau de contato entre os participantes e as estruturas à sua volta (Díaz, Guillén & Carrero, 2000), sem contar a necessidade de deslocamentos em competições de longa duração, como, por exemplo, campeonatos de futebol que se estendem por toda uma temporada com jogos dentro e fora de casa.

Díaz, Guillén & Carrero (2000) desenvolveram duas tabelas para exemplificar a intensidade dos exercícios e o grau de contato, em paralelo com o que recomenda a Associação Americana de Pediatria quanto à participação desportiva em relação ao tipo de esporte e ao tipo de infecção:

De contato intenso	Contato limitado intenso	Sem contato intenso	Moderada intensidade	Baixa Intensidade
Hóquei no gelo	Basquete	Iatismo	Badminton	Arco e Flecha
Rúgbi	Handebol	Esgrima	Golfe	Boliche
Boxe	Ciclismo	Natação	Tênis de Mesa	Tiro
Caratê	Vôlei	Tênis		
Judô	Esqui	Atletismo		
Futebol	Ginástica	Pólo Aquático		
	Remo	Levantamento de Peso		
	Basebol	Remo ⁴¹		
	Megulho			
	Patinação			

Tabela 3: Classificação dos esportes de acordo com a intensidade do exercício e com o tipo de contato (Díaz, Guillén & Carrero, 2000, p. 27)

O grau de contato de determinado esporte se relaciona diretamente ao risco de contágio (maior ou menor) de diferentes tipos de infecções – incluindo as cutâneas. “São considerados agentes infecciosos microrganismos responsáveis por causar doenças infecciosas com potencial de transmissão para outros seres vivos, da mesma espécie ou não” (Instituto Nacional do Câncer, 2018, p.1). Os agentes infecciosos levam o organismo a processos inflamatórios que tem como objetivo a defesa do corpo. Estes podem ser agudos ou crônicos:

O processo inflamatório cessa quando os agentes agressores e os mediadores que foram secretados são destruídos. Esse processo pode ser dividido em agudo ou crônico. Inflamação aguda quando se inicia rapidamente, com ação curta, tendo como principais características o edema e a migração de leucócitos (neutrófilos). Inflamação crônica tem como características uma maior duração, presença de linfócitos e macrófagos, proliferação de vasos, fibrose e necrose. (Coultrato *et al*, 2017, p.1)

Tipo de contato	Infecções agudas	Infecções cutâneas	Infecções Crônicas
De contato intenso	Não	Não	Não
Contato limitado intenso	Não	Não	Não
Sem contato intenso	Não	Sim	Não
Moderada Intensidade	Não	Sim	Sim
Baixa intensidade	Não	Sim	Sim

Tabela 4: Relação de esportes e normas de autorização para a participação desportiva em relação ao tipo de esporte e ao tipo de infecção (Díaz, Guillén & Carrero, 2000, p.27)

Nem sempre tais preceitos e recomendações são respeitados naturalmente. Ao longo da história, várias situações mostram a necessidade de intervenção das autoridades em casos de contágios em larga escala, como epidemias e pandemias, para frear determinadas competições e, conseqüentemente, reduzir os índices de transmissão – entre atletas e também entre espectadores presenciais dessas disputas esportivas.

⁴¹ Há diferenciação entre as diferentes modalidades do mesmo esporte, por isso, o mesmo aparece em dois pontos da mesma tabela.

Desde que foi criada, em 1893, a Stanley Cup – principal liga de hóquei no gelo do mundo e disputada entre equipes canadenses e norte-americanas, apenas por duas vezes não teve um vencedor definido: a primeira delas foi em 1919, por conta da gripe espanhola, a segunda em 2005, devido a conflitos trabalhistas entre jogadores e donos das franquias.

Em seu livro *The National Hockey League, 1917-1967: A Year-by-Year Statistical History*, Marshall D. Wright (2010), relembra os fatos que envolveram a final entre Montreal e Seattle no início do século XX. A equipe canadense viajava para a disputa da série melhor de sete, quando, ainda na estrada, “um sinal sinistro de problema apareceu: Hall ficou doente com sintomas semelhantes aos da gripe, exigindo hospitalização, mas durão como ele era, foi liberado a tempo para a série” (Wright, 2010, p.15).

Joe Hall era um dos principais jogadores da equipe, por isso, considerado fundamental na busca pelo título, motivo que levou à liberação antecipada do atleta sem que estivesse totalmente recuperado. Isso foi perceptível no quinto jogo, em 26 de março de 1919: vários jogadores estavam muito doentes. Ainda assim, foram para a partida, mas atuaram de forma intermitente. Hall era um deles e ficou em estado grave, tendo, inclusive perdido os sentidos durante um jogo. O Departamento de Saúde de Seattle interrompeu a disputa e o jogo seis, que seria decisivo, e jamais foi disputado. Hall faleceu no hospital de Seattle em cinco de abril.

Mais recentemente, em 2009, só no Brasil foram cancelados dezenas de eventos esportivos por conta da H1N1 – também chamada de Gripe A ou Gripe Suína – dentre os quais, campeonatos de basquete (incluindo o torneio nacional sub-17 masculino), competições de ciclismo, caratê e futsal. No México, um dos países mais atingidos por essa doença, a 8ª etapa do A1-GP World Cup of Motorsport foi cancelada. Seria a última da temporada e, com a não realização, a etapa da Inglaterra marcou o final da época⁴².

Já a pandemia do novo Coronavírus, assim definida pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020, foi a que mais provocou efeitos negativos no meio esportivo mundial. Milhares de eventos foram cancelados ou adiados – o maior deles, os Jogos

⁴² Disponível em: <https://www.nscstotal.com.br/noticias/gripe-a-cancela-ou-adia-pelo-menos-33-eventos-de-esporte-no-brasil>. Acesso em: 17 de março de 2021.

Olímpicos de Tóquio, programados para 2020, foi transferido para 2021: a primeira vez na história moderna da competição que isso veio a acontecer⁴³.

4.3. Epidemias, pandemias e seus reflexos no futebol

A entidade pioneira em estabelecer regras para o futebol e para as competições desse esporte foi a *Football Association* (FA), criada na Inglaterra em 1863, por um pequeno grupo de clubes – a maioria deles sediada nos arredores de Londres (Arnold, 2006). A popularização da modalidade, inicialmente de elite, em diferentes grupos da sociedade e em diversos países deu-se nos anos seguintes: no Brasil chegou em 1894, com Charles Miller, filho de imigrantes.

Difundindo entre jovens da elite, foi aos poucos se popularizando entre todas as camadas sociais, em particular nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. As fábricas cumpriram um papel significativo neste processo, sendo um dos grandes exemplos a criação do Bangu Athletic Club por dirigentes e empregados ingleses da Companhia Progresso Nacional, que por se localizar no subúrbio da capital, teve que aceitar os empregados para completarem os times e ter adversários. (Biazzini & Franceschi Neto, 2007, p. 3)

Não passou muito tempo até que esse esporte se deparasse, pela primeira vez, com uma grande crise sanitária: a Gripe Espanhola, em 1918. A Primeira Guerra Mundial já havia paralisado as competições esportivas na Europa, “entretanto, a Gripe Espanhola encarregar-se-ia de trazer ao futebol sul-americano todo o transtorno que a própria guerra não trouxera” (Agostino, 2006, p. 62).

O terceiro Campeonato Sul-Americano de Futebol, que aconteceria no Rio de Janeiro, em 1918, foi adiado para o ano seguinte. Também houve o cancelamento do que seria o primeiro Campeonato Gaúcho da história. Ainda que tenha ficado paralisado por 56 dias, o Campeonato Carioca foi realizado até o final, porém, um jogador do Fluminense morreu: “Apesar de ter conquistado o título, perdeu um dos seus principais craques, o meia-esquerda inglês Archibald French, em novembro, vítima da epidemia”. (Napoleão, 2006, p. 92).

Já na pandemia de Gripe A (H1N1), em 2009, o México foi o país mais afetado. Dentre as muitas as alterações nas competições de futebol⁴⁴ esteve o cancelamento das finais do Torneio sub-17 de seleções da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e

⁴³ Disponível em: <https://www.olympic.org/news/ioc-president-the-olympic-flame-can-become-the-light-at-the-end-of-this-dark-tunnel>. Acesso em 17 de março de 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3cyljlx>. Acesso em: 23 de março de 2021.

Caribe (CONCACAF). As equipes *Chivas Guadalajara* e *San Luís* tiveram que abandonar a Libertadores da América, e o campeonato nacional foi finalizado com os portões dos estádios fechados (Henriques, 2011). Pelo mesmo motivo, *O Deportivo La Coruña*, clube da Espanha, adiou a viagem de pré-temporada para o México⁴⁵.

Entre 2013 e 2016, a África Ocidental – mais precisamente os países Libéria, Serra Leoa e Guiné-Conacri – sofreram com uma das piores epidemias de Ebola desde 1976, “ano do primeiro relato do vírus no antigo Zaire (atual Congo)” (Pimenta, 2019, p.1). A situação fez com que, em 2014, jogos válidos pelas eliminatórias da Copa das Nações Africanas fossem cancelados – como, por exemplo, a partida entre Seychelles e Serra Leoa.

Segundo o ministro do Esporte de Seychelles, Vincent Meriton, o Governo tomou a decisão de cancelar o jogo pelo medo de que os jogadores da equipe visitante tragam o vírus para a nação insular, que fica no Oceano Índico, e, até o momento, está livre do Ebola. Com isso, a seleção seichelense foi retirada das eliminatórias. (ESPN Brasil, 2014, s.p.)

Todos os jogos das eliminatórias que ocorreriam nos países atingidos pelo Ebola foram transferidos para Gana. Em 2015, o torneio aconteceu, mas a sede passou do Marrocos para Guiné Equatorial porque o governo marroquino considerou que a realização seria um risco para a saúde pública do país. Como consequência, a seleção foi banida das duas seguintes edições da competição e a Federação de Futebol Real do Marrocos (FRMF) condenada a pagar multas que, somadas, chegariam a quase 10 milhões de dólares⁴⁶.

De qualquer modo, nenhuma situação relacionada à saúde pública causou tantas alterações nas competições de futebol de todo o planeta, nem por tanto tempo, como a COVID-19:

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia da COVID-19, doença causada por um novo tipo de Coronavírus, identificado em janeiro do mesmo ano, denominado SARS-CoV-2. Os primeiros casos foram oficialmente diagnosticados ainda em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, e em menos de dois meses já havia registros de pessoas infectadas em todos os continentes, à exceção da Antártida. (Patatt & Rocha, 2020, p. 7)

Em todo o mundo, partidas foram canceladas e competições encerradas precocemente – como o campeonato francês⁴⁷. Outros torneios foram suspensos por meses e equipes

⁴⁵ Disponível em: <https://glo.bo/3vW9ArI>. Acesso em: 23 de março de 2021.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.reuters.com/article/esportes-fut-marrocos-punicao-idBRKBNOLA27820150206>. Acesso em: 23 de março de 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/liga-formaliza-fim-do-campeonato-frances-e-declara-psg-campeao-da-temporada-201920.ghtml>. Acesso em 15 de abril de 2021.

foram proibidas de treinar – como em Portugal – e mesmo com o retorno das atividades o público também não pôde acessar os estádios⁴⁸.

Na América do Sul, a principal competição de futebol do continente – a Copa Libertadores da América – foi suspensa⁴⁹ e os torneios de seleções foram reprogramados⁵⁰. No Brasil as alterações também foram significativas.

4.4. Os impactos da COVID-19 no futebol brasileiro

No Brasil, o primeiro caso da COVID-19 foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo: um homem de 61 anos voltou infectado de uma viagem à Itália⁵¹. Ainda assim, a realização de partidas aconteceu até 17 de março de 2020: em Roraima, pelo campeonato estadual, o GAS venceu o Atlético Roraimense por 3x0, sem a presença de torcedores. Foi o último jogo antes de o campeonato ser suspenso⁵².

No dia 15 do mesmo mês a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) já havia emitido um comunicado de suspensão das competições nacionais em vigor⁵³, mas deixou os estaduais a cargo das Federações – as séries A1 e A2 do Campeonato Brasileiro Feminino foram os últimos torneios adultos promovidos pela instituição a registrarem jogos. Já no futebol masculino, com mais competições em andamento pelo país, a situação foi diferente. Para facilitar a compreensão dos fatos mais marcantes relacionados à pandemia, elaboramos uma linha do tempo em formato de tabela.

Data	Evento	Competição	Detalhes
13/03/2020	Últimos jogos de nível nacional antes da paralisação pela COVID.	Copa do Brasil	Foram também os últimos em nível nacional com presença efetiva de torcedores: Vasco da Gama x Goiás; Brasil de Pelotas x Brusque.
13/03/2020	Último jogo de competição internacional com	Libertadores da América	Também o último em nível internacional com presença efetiva de

⁴⁸ Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/como-a-covid-19-afetou-o-desporto-em-portugal-e-no-mundo>. Acesso em 15 de abril de 2021.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/conmebol-libertadores-e-suspensa-temporariamente>. Acesso em 19 de abril de 2021.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/reprogramacao-de-torneios-de-selecoes>. Acesso em 19 de abril de 2021.

⁵¹ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em 19 de abril de 2021.

⁵² Disponível em: <https://www.cbf.com.br/pelo-mundo/regionais/norte-roraimense/campeonato-roraimense-2020>. Acesso em 19 de abril de 2021.

⁵³ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-suspende-competicoes-de-ambito-nacional-por-tempo-indeterminado>. Acesso em 19 de abril de 2021.

	presença de equipe brasileira antes da paralisação pela COVID.		torcedores: Grêmio x Internacional, na cidade de Porto Alegre.
16/03/2020	Dos 20 clubes da primeira divisão brasileira, nove anunciam suspensão dos treinos ⁵⁴ .	-	Athletico Paranaense, Botafogo, Bragantino, Corinthians, Flamengo, Palmeiras, Santos, São Paulo e Vasco da Gama.
05/05/2020	Equipes da primeira divisão começam a retomada dos treinamentos.	-	Primeiro a voltar foi o Internacional.
18/06/2020	Retorno das competições no Brasil.	Campeonato Carioca (Estadual)	Bangu x Flamengo.
08/08/2020	Retorno das competições de nível nacional.	Campeonato Brasileiro Série A	Jogos de estreia: Fortaleza x Athletico Paranaense; Coritiba x Internacional; Sport x Ceará.
15/09/2020	Retorno das competições de nível internacional com presença de equipe brasileira.	Copa Libertadores da América	Athletico Paranaense x Jorge Wilstermann.

Tabela 5: Fatos marcantes nas competições de futebol masculino, com presença de clubes brasileiros, relacionados à pandemia da COVID-19 (elaborada pela autora)

Ainda que jogos e treinos tenham retornado, os protocolos sanitários impostos na tentativa de conter a propagação promoveram alterações na rotina dos clubes, incluindo o contato com a imprensa: sem presença de repórteres nas atividades diárias nos centros de treinamento, com entrevistas na maioria das vezes apenas por videoconferência.

Mas, tais medidas não foram suficientes para frear os contágios: ao todo, 320 casos de COVID-19 foram registrados só na Série A do Campeonato Brasileiro. Contabilizando apenas os jogadores, sem contar treinadores e membros da comissão técnica, Vasco da Gama e Fluminense foram as equipes com o maior número de testes positivos para o SARS-CoV-2 durante a competição: 26 no total, cada. Já o Goiás, ainda que apresentando um número menor de atletas infectados (21) ficou desfalcado por dez deles logo na estreia da competição – todos contaminados pelo novo coronavírus (Viana, Castello Branco e Maleson, 2020).

As competições do calendário 2020 encerraram sem a presença efetiva de público – foi o primeiro Campeonato Brasileiro da história sem torcedores no estádio – exceto algumas situações isoladas como, por exemplo, a final da Copa Libertadores da

⁵⁴ Os demais aderiram à paralisação nos dias seguintes.

América: 2.500 convidados compareceram ao Maracanã, no Rio de Janeiro, para assistir ao jogo entre Santos e Palmeiras, já em 30 de janeiro de 2021:

[...] ficaram concentrados no setor oeste inferior do Maracanã. Em meio à pandemia do novo coronavírus, com mais de 220 mil mortos, houve aglomeração no estádio. Foi possível ver, em diferentes momentos, pessoas tirando as máscaras. A Conmebol disse que todos os convidados fizeram testes para Covid antes da partida. (Globoesporte.com, 2021, s.p.)

A ausência de público é considerada uma das principais causas, mas não a única, para a retração econômica do futebol brasileiro. Nos primeiros meses da pandemia, a projeção era de perdas na casa dos R\$ 2 bilhões⁵⁵, mas ainda não há uma definição exata dos números referentes à temporada 2020.

De maneira geral, além-fronteiras, Um estudo feito pela empresa SPSG Consulting em conjunto com a plataforma *World Football Summit* apontou que os impactos financeiros e operacionais causados pela pandemia de COVID-19 na indústria do futebol poderão perdurar até 2024⁵⁶ – com reflexos também na imprensa e em diferentes setores da comunicação.

⁵⁵ Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2020/06/epoca-negocios-pandemia-pode-fazer-futebol-brasileiro-ter-retracao-de-r-2-bilhoes.html>. Acesso em 19 de abril de 2021.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/08/12/desporto/noticia/estudo-aponta-impacto-covid19-futebol-podera-perdurar-ate-2024-1927860>. Acesso em 15 de abril de 2021.

5. Metodologia

A revisão bibliográfica nos permitiu perceber, entre outras coisas, o tamanho e o tipo de relação entre esporte e saúde, as interferências em termos esportivos, salutareos e econômicos provocadas por surtos, epidemias e, especialmente, pandemias, assim como a relação estabelecida entre o jornalismo esportivo brasileiro e o futebol.

A partir da conjunção destes fatores, em associação com as excepcionais situações provocadas pela COVID-19, definimos como objetivo compreender as adaptações que foram necessárias em termos de jornalismo esportivo brasileiro para que o trabalho da imprensa especializada nessa área continuasse a ser feito, mesmo com imposições de distanciamento social, ausência de jogos e treinos com uma rotina produtiva completamente atípica.

Para tal, estabelecemos como objeto de análise o primeiro programa esportivo da televisão brasileira completamente adaptado para o formato *home office* devido à pandemia: o *Redação SporTV*, com o apresentador e os convidados nas próprias casas, inclusive com adequação do nome, vinheta e características visuais condizentes a proposta de teleconferência, como veremos mais adiante.

No decorrer deste capítulo detalharemos os aspectos mais específicos relacionados ao trabalho empírico, começando pelas metodologias.

5.1. A Análise de Conteúdo

A Análise de Conteúdo vem sendo utilizada pelo menos desde o século XVIII, quando uma coleção de noventa hinos religiosos anônimos, chamados *Cantos de Sião*, foi analisada pela corte suíça em busca de heresias (Krippendorff, 1990). Mas foi no início do século XX que ganhou impulso, sendo teoricamente estabelecida entre as décadas de 1940 e 1950: em 1948, Berelson e Lazarsfeld elaboraram e publicaram *Content Analysis in communication research*, que é considerado o primeiro manual sobre Análise de Conteúdo (Gomes Campos, 2004).

Posteriormente, na década de 1970, Laurence Bardin aprimorou a Análise de Conteúdo, a qual define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (Bardin, 2018, p. 42)

A Análise de Conteúdo ocupa-se basicamente com a análise de mensagens, sendo assim, a técnica mais adequada para a realização desta pesquisa. O mesmo ocorre na Análise Semiológica e Análise do Discurso, mas, segundo Fonseca Júnior (2006), apenas a Análise de Conteúdo cumpre com os requisitos de sistematicidade e confiabilidade.

Bardin (2018) estrutura a Análise de Conteúdo em três fases cronológicas: pré-análise (planejamento do trabalho), exploração do material (a análise propriamente dita), e tratamento/interpretação dos resultados (tornar a análise significativa e válida, em alguns casos, com o uso de operações estatísticas). A pré-análise pode ser considerada uma das fases mais importantes por ser o período de organização, que vai alicerçar a construção do trabalho: “Geralmente, essa primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos para análise, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”. (Bardin, 2018, p. 96).

Lozano (1994) considera a Análise de Conteúdo um método sistemático porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo o conteúdo analisável. O autor também o define como confiável e objetivo por permitir que diferentes pessoas cheguem à mesma conclusão, mesmo aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens.

Ainda que as perspectivas de Berelson e Lazarsfeld quanto à Análise de Conteúdo se referissem a métodos quantitativos, o processo passou por evoluções e adaptações que, à ótica das novas tendências, tratam o assunto a partir das inferências – numa perspectiva qualitativa de pesquisa (Fonseca Júnior, 2006). Ou então em uma abordagem mista, também chamada de quali-quantitativa de forma a fazer o que Bauer (2002) considera uma ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa de materiais.

Consideramos o método misto o mais adequado à nossa proposta ao percebermos na pré-análise que, em adição às estatísticas e percentuais – importantes na obtenção dos resultados – algumas questões exigiriam uma interpretação para além de tais especificidades devido ao número de variáveis, no sentido apresentado por Dal-Farra e

Lopes (2013): para os autores, a conjugação de elementos qualitativos e quantitativos possibilita ampliar a obtenção de resultados em abordagens investigativas, proporcionando ganhos relevantes para as pesquisas complexas.

Os chamados métodos mistos combinam os métodos predeterminados das pesquisas quantitativas com métodos emergentes das qualitativas, assim como questões abertas e fechadas, com formas múltiplas de dados contemplando todas as possibilidades, incluindo análises estatísticas e análises textuais. Neste caso, os instrumentos de coleta de dados podem ser ampliados com observações abertas, ou mesmo, os dados censitários podem ser seguidos por entrevistas exploratórias com maior profundidade. No método misto, o pesquisador baseia a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado (Creswell, 2007, *apud* Dal-Farra e Lopes, 2013, p.71).

Nessa linha de métodos mistos, consideramos também interessante associar a esta investigação outra técnica de pesquisa: a entrevista, de modo a ampliar a perspectiva a partir da possibilidade de comparação de dados e informações cruciais para a elaboração deste trabalho.

5.2. A entrevista

O uso da entrevista não é uma exclusividade da abordagem qualitativa, mas é utilizada com mais frequência neste tipo de pesquisa por ser reconhecida como uma técnica de qualidade para a coleta de dados (Duarte, 2004) que propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos durante a investigação (Minayo, 2014).

A entrevista como técnica de pesquisa social teria sido usada inicialmente por Booth, em 1886, num estudo sobre as condições sociais e econômicas dos habitantes de Londres (Fraser & Gondim, 2004).

Utilizar-se da entrevista para obtenção de informação é buscar compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois se trata do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis [...] Caracteriza-se como uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, onde o pesquisador busca coletar os dados e o pesquisado se apresenta como fonte de informações. (Batista, Matos & Nascimento, 2017, p.27)

Gil (2008) divide as entrevistas em dois grandes grupos: as estruturadas – que predeterminam em maior grau as respostas a serem obtidas – e as semiestruturadas,

aquelas desenvolvidas de forma mais espontânea. Neste trabalho, a opção foi pela entrevista semiestruturada, já que partimos de perguntas chave, mas que se desdobraram em outras, conforme as dúvidas foram surgindo e necessitando serem sanadas. A particularidade neste caso foi a realização pelo telefone, que facilita o alcance do pesquisador em termos de número de pessoas e com o benefício de maior clareza em comparação ao questionário (LoBiondo-Wood & Harber, 2001).

Em nosso caso, a escolha se justifica pela distância entre entrevistadora e entrevistado, ambos em países diferentes, bem como pela necessidade de menor contato presencial imposta pelo estado de pandemia. A transcrição completa da entrevista encontra-se no Anexo 1. O apresentador do *Redação SporTV*, programa que é o objeto deste estudo, foi o escolhido para responder as perguntas por considerarmos que seria a pessoa adequada para relatar o panorama geral – em aspectos de pré-produção, produção e execução – de modo a fornecer o complemento necessário para alcançarmos os objetivos aqui propostos.

Compartimos da ideia de alguns autores (Flick, 2002; Gil, 2008; Haguette, 2007) quanto a outras vantagens da entrevista em relação ao questionário especialmente pela relação direta que se estabelece com o entrevistado, possibilitando também a análise das expressões verbais e não verbais, o que facilitaria a obtenção das informações inclusive a partir da possibilidade de adaptação das perguntas.

Ao juntarmos duas técnicas - Entrevista à Análise de Conteúdo – procurou-se obter uma interpretação mais robusta dos dados obtidos.

5.3. Objeto de estudo: Redação SporTV

O programa *Redação SporTV* estreou no dia 12 de Junho de 2004 no canal SporTV, do grupo Globo, criado para ser uma “atração que reúne jornalistas, analisa a imprensa e abre espaço para a participação do telespectador” (SporTV.com, 2014, p. 1), com foco no esporte – e especialmente no futebol – como é a proposta do canal.

A ideia era oferecer um programa ao vivo no turno da manhã da emissora em formato *mesa-redonda* – que, conforme já mencionado neste trabalho, é a maneira mais comum de debate esportivo na televisão brasileira. A intenção era também aproveitar a popularidade de um dos narradores do canal, Luís Roberto, da mesma forma como já acontecia nos turnos da tarde e da noite com os programas *Arena SporTV* e *Bem*

Amigos, respectivamente apresentados pelos também narradores Cléber Machado e Galvão Bueno (Bretones, 2010).

O jornalista Marcelo Barreto, hoje apresentador do programa, foi um dos idealizadores do *Redação SporTV* e revelou, em entrevista para este trabalho que, desde o início, a intenção era usar especialmente os jornais, mas também outros veículos de imprensa, como fonte do debate. Tanto que a leitura ao vivo das principais manchetes de sites e diários impressos é prática habitual, raras exceções:

Esse olhar para outros veículos de comunicação, ele é uma característica do *Redação* [...] inspirado no *Meet The Press*, um programa da televisão americana que conversa com os jornalistas, ele foi muito baseado na imprensa escrita, até porque a imprensa escrita era mais relevante [...] Então a gente sempre teve essa visão, de olhar para os jornais do Brasil e do exterior e debater não só o noticiário esportivo como, também, a cobertura da imprensa [...] como a imprensa está tratando os assuntos importantes do esporte. (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

Dessa proposta vem o nome *Redação SporTV*, já que informar-se com outros veículos e discutir as principais notícias e manchetes, trabalhando a partir destas possíveis adaptações e ampliações, é algo comum nas redações jornalísticas do Brasil e do mundo. Conforme Barreto, a interatividade com o público também sempre foi considerada um ponto chave da atração.

O formato tradicional do *Redação SporTV* consiste na presença de, pelo menos, dois comentaristas jornalistas que debatem junto ao apresentador os principais assuntos do dia, em uma espécie de compilado das notícias dos mais variados veículos de comunicação. Acrescem informações repassadas pelos repórteres do próprio canal, especialmente em entradas ao vivo ou boletins gravados. A participação do público tradicionalmente acontece através da rede social digital Twitter, com a utilização de *hashtags* específicas. O programa tem, habitualmente, duas horas e meia de duração, entre 10h e 12h30, horário de Brasília, de segunda à sexta-feira.

Mas, a adaptação para o formato *home office* levou a alterações, em determinados momentos, não só no horário de exibição e na duração, mas também na estruturação e execução do programa em si, o que foi possível perceber antes mesmo do início da análise, tendo em vista os anúncios feitos inclusive pela direção do canal: depois de ficar fora do ar por uma semana, assim como outros programas, devido ao agravamento da pandemia da COVID-19 (entre 23 e 27 de Março de 2020)⁵⁷, o SporTV

⁵⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/03/21/globo-suspende-programas-do-sportv-e-diminui-tempo-do-esporte-espetacular.htm>. Acesso em: 11 de Maio de 2021.

anunciou o retorno do *Redação SporTV* para 30 de Março de 2020, mas em novo espaço na grade de programação e também mais curto, apenas das 13h às 14h⁵⁸. Ainda assim, naquele momento, foi o único programa diário a ser exibido ao vivo em toda a emissora.

O programa voltou a ser apresentado diretamente do estúdio no dia 22 de Junho de 2020⁵⁹.

Para verificar os elementos base que possibilitariam ou não a realização deste trabalho, aplicamos uma pré-análise mais aprofundada em dez programas, durante seis semanas, usando o que Fonseca Junior (2006) define como “amostragem probabilística de semanas compostas” (p. 293): à exceção da data de estreia do programa, que consideramos fundamental como ponto de partida, os demais foram sorteados de modo a totalizar dois ciclos completos de segunda a sexta – dias em que ia ao ar – ficando da seguinte forma:

Semana de análise	Data/disposição dos programas
1ª semana	30/03 (segunda-feira) e 02/04 (quinta-feira)
2ª semana	08/04 (quarta-feira) e 10/04 (sexta-feira)
3ª semana	14/04 (terça-feira)
4ª semana	20/04 (segunda-feira) e 22/04 (quarta-feira)
5ª semana	28/04 (terça-feira) e 30/04 (quinta-feira)
6ª semana	8/05 (sexta-feira)

Tabela 6: Detalhamento da execução da amostragem probabilística de semanas compostas na pré-análise (elaborada pela autora)

Nesta pré-análise iniciamos o processo de elaboração da tabela de análise que, posteriormente à revisão bibliográfica, foi transformada no formulário definitivo para codificação dos dados, composto pelas variáveis qualitativas e quantitativas definidas para comprovação das hipóteses, conforme veremos na terceira parte deste capítulo.

5.4 Amostra e hipóteses

Para a realização deste trabalho, partimos da suposição que a pandemia de COVID-19, especialmente a paralisação das competições esportivas, treinos e a imposição de distanciamento físico, alterou a rotina produtiva dos veículos de comunicação brasileiros especializados nesse segmento, com particular gravidade nos canais de televisão pela dificuldade na obtenção de imagens para ilustrar os conteúdos.

⁵⁸ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sportv/programas/redacao-sportv/noticia/sportv-estreia-nesta-segunda-feira-o-redacao-home-office-com-marcelo-barreto-e-comentaristas.ghtml>. Acesso em: 11 de Maio de 2021.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/19/redacao-sportv-volta-a-ser-apresentado-de-estudio-na-proxima-semana.htm>. Acesso em: 11 de Maio de 2021.

5.4.1. Amostra e período de análise

Para determinar a amostra, coletamos um total de 30 programas em dois intervalos de análise distintos: primeiro, 20 programas gravados entre 30 de março de 2020 (data de estreia do *Redação Home Office*) e 18 de junho de 2020 (semana que antecedeu a volta ao estúdio). Já o segundo intervalo, sendo apenas para efeitos de comparação com o primeiro, totalizou 10 programas – estes, gravados entre 29 de setembro de 2020 (exatos três meses após o retorno do programa ao formato habitual) e 20 de novembro de 2020 – totalizando duas semanas de análise (de segunda a sexta em dias alternados) durante dois meses, mas, desta vez, já tendo retornado as principais competições futebolísticas do Brasil e do mundo. Assim sendo, com uma maior gama de assuntos a serem abordados, de forma a ser considerada mais próxima à normalidade.

Para eleger estes programas, utilizamos a mesma metodologia da pré-análise, mencionada anteriormente neste trabalho, a partir do que apresenta Fonseca Junior (2006): com a “amostragem probabilística de semanas compostas” (p. 293) demos seguimento aos dez programas que já haviam sido coletados no primeiro intervalo, sendo que, à exceção da data de estreia do formato *home office* – considerada fundamental como ponto de partida – os demais foram sorteados de modo a totalizar quatro ciclos completos de segunda a sexta – dias em que ia ao ar. O sorteio foi repetido no segundo intervalo, também com exceção do primeiro dia de coleta – tendo em vista a exatidão dos três meses de retorno ao estúdio – totalizando dois ciclos completos de segunda a sexta e ficando da seguinte forma:

Semana de análise	Data/disposição dos programas (1º intervalo)	Data/disposição dos programas (2º intervalo)
1ª semana	30/03 (segunda-feira) e 02/04 (quinta-feira)	29/09 (terça-feira)
2ª semana	08/04 (quarta-feira) e 10/04 (sexta-feira)	8/10 (quinta-feira)
3ª semana	14/04 (terça-feira)	14/10 (quarta-feira) e 16/10 (sexta-feira)
4ª semana	20/04 (segunda-feira) e 22/04 (quarta-feira)	19/10 (segunda-feira)
5ª semana	28/04 (terça-feira) e 30/04 (quinta-feira)	5/11 (quinta-feira)
6ª semana	8/05 (sexta-feira)	10/11 (terça-feira) e 11/11 (quarta-feira)
7ª semana	12/05 (terça-feira) e 13/05 (quarta-feira)	16/11 (segunda-feira) e 20/11 (sexta-feira)
8ª semana	18/05 (segunda-feira) e 22/05 (sexta-feira)	
9ª semana	28/05 (quinta-feira)	
10ª semana	02/06 (terça-feira) e 5/06 (sexta-feira)	
11ª semana	10/06 (quarta-feira)	
12ª semana	15/06 (segunda-feira) e 18/06 (quinta-feira)	

Tabela 7: Detalhamento da execução da amostragem probabilística de semanas compostas (elaborada pela autora)

Para proceder com a análise deste estudo, utilizamos a ferramenta *Apowesoft*, que permite a gravação da tela do computador, de modo a obtermos as edições necessárias

em arquivo direto do site do programa *Redação SporTV*. Relembramos que durante todo o período de *Redação Home Office* o mesmo foi disponibilizado gratuitamente para acesso ao público tanto em formato de vídeo quanto áudio – através de *podcast*: o tradicional “Vocês da Imprensa”⁶⁰, criado em dezembro de 2019 passou a reproduzir na íntegra o *Redação Home Office* desde o dia da estreia do formato, em 30 de março de 2020, até 20 de junho do mesmo ano, data que antecedeu o retorno ao estúdio, totalizando 60 programas publicados sempre às 17h.

Eu tinha sugerido que meu *podcast* se transformasse num *podcast* diário pra que a gente continuasse usando nossos comentaristas, porque eu não sabia se haveria a capacidade técnica, né. Como pintou essa possibilidade, rapidamente foi decidido que o programa continuaria no ar e o *podcast* passou a repetir o conteúdo para que ficasse disponível numa parte maior do dia. (M. Barreto, comunicação pessoal, 29 de Dezembro de 2020).

Posteriormente, obtivemos o material através do site *Globoplay*⁶¹, com acesso como assinantes, de modo a poder assistir – e, neste caso, gravar – a edição ao vivo.

Desta forma foi possível acessar o conteúdo original, idêntico ao do público em geral, o que consideramos importante para uma análise mais fidedigna. O primeiro período, composto por 20 programas, se estendeu de 30 de março e 18 de junho de 2020 e a coleta de dados foi feita com o preenchimento manual do formulário de codificação disponível no Anexo 2.

A compilação dos dados coletados também foi feita de forma manual, sendo justificada pelo caráter quali-quantitativo proposto como técnica de investigação para este trabalho, associado a um número de elementos que também permitia um aprofundamento em paralelo à elaboração dos percentuais para comparações futuras entre os intervalos, confrontamento às hipóteses e elaboração da conclusão. Ou seja, conseguimos nos debruçar sobre especificidades das variáveis que, talvez, de outra forma, passariam despercebidas. Assim, consideramos que pudemos obter resultados mais completos e enriquecedores.

5.4.2. Hipóteses de investigação

Advimos da seguinte pergunta de investigação: qual o impacto da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento das atividades do telejornalismo esportivo brasileiro? Para

⁶⁰ Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/podcasts/programa/voces-da-imprensa/> e com reprodução oficial por outras cinco diferentes plataformas de áudio. Acesso em: 28 de Junho de 2021.

⁶¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em 05 de julho de 2021.

encontrar a resposta a tal questionamento, associado especificamente ao nosso objeto de análise – o *Redação SporTV*, pelos motivos aqui já explicitados – apresentamos o conjunto das seguintes hipóteses a serem testadas:

- 1) Houve uma redução no tempo de duração do programa *Redação SporTV*, especialmente enquanto adaptado ao formato *home office*, devido à escassez de conteúdo – o que também levou à alteração da disposição do programa na grade de programação;
- 2) A utilização dos dispositivos móveis para produções individuais foi a principal saída encontrada para atender as demandas, sem a padronização visual habitualmente vista no programa analisado e com aumento nos problemas técnicos para exibição;
- 3) Os assuntos se repetiam em diferentes programas: pequena gama, pequena variação, ampla duração;
- 4) Para além do futebol, outros esportes ganharam mais espaço, assim como assuntos fora do cenário esportivo, especialmente a pandemia;
- 5) Houve alteração nos formatos das notícias apresentadas no *Redação SporTV*, tendo em vista as adversidades quanto à produção de conteúdo – especialmente no que diz respeito à saída dos repórteres à rua e envolvimento na redação;
- 6) Houve um aumento na utilização de imagens de arquivo e/ou disponíveis na internet, assim como conteúdos produzidos por terceiros, incluindo outros veículos de comunicação e TV's dos clubes (no caso mais específico do futebol);

Para responder a estas questões foram definidas as seguintes variáveis: duração do programa, horário de exibição, número de convidados e origem (funcionários da empresa ou não), formatos das notícias apresentadas, padrão visual, adequações/problemas técnicos, número de assuntos abordados, duração dos assuntos, entrada ao vivo de ambiente externo, origem das imagens utilizadas e abordagens extra-esporte.

Para a análise dos programas foi elaborado um formulário de codificação (Anexo 2) para ser aplicado aos programas, apresentando-se no próximo capítulo os resultados e a discussão.

6. Resultados e discussão

O objetivo deste trabalho é verificar de que forma a pandemia afetou o funcionamento das redações e a programação esportiva no Brasil, mais especificamente na televisão. Para tanto, analisamos o primeiro programa do país a ser transmitido integralmente com apresentador e convidados em *home office*: o *Redação SporTV*, da emissora SporTV, a então líder em audiência na televisão fechada brasileira.

Com essa finalidade, no capítulo anterior foram definidas as variáveis a analisar, sendo agora apresentados e discutidos os resultados.

6.1. Duração e disposição na grade

Nossa primeira hipótese era de que teria havido uma redução na duração do programa *Redação SporTV*, com alteração da disposição na grade de programação.

Confirmamos que ambos os fatos ocorreram durante o primeiro período de análise, aquando da suspensão das competições, todos as edições do referido programa foram exibidas em formato *home office* – com o apresentador, convidados e repórteres sempre no ambiente de suas casas.

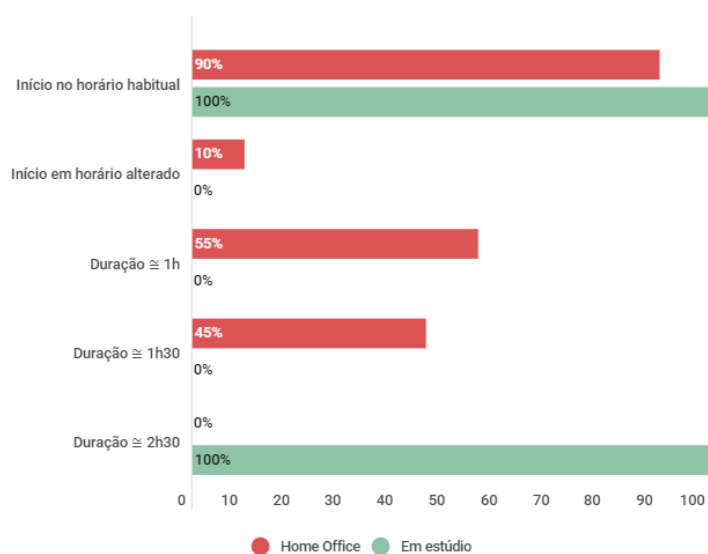


Figura 7: Comparativo entre os intervalos quanto à duração e hora de início do programa. (Elaborada pela autora)

As variações de horários de início do programa apresentadas no gráfico, ou seja, com alteração de disposição na grade, foram verificadas especialmente nas primeiras edições analisadas.

Com relação ao posicionamento na grade, a ideia era ocupar a mesma faixa de horário, com diferença de que não tinha mais o SporTV News, nem antes, nem depois, era a única atração ao vivo da manhã. E pouco tempo depois do Redação entrou o Seleção, que não era na sequência, acho que tinha uma hora de diferença entre um e outro, mas, enfim, aí começou a encher um pouquinho mais a grade. (M. Barreto, comunicação pessoal, 29 de Dezembro de 2020)

Ou seja, tais mudanças de posicionamento foram necessárias pelo fato de que outros programas não estavam podendo ser gravados ou realizados ao vivo também por conta da pandemia. Situação diferente do segundo intervalo, de 29 de setembro a 20 de novembro de 2020: ainda que num formato misto em todos os programas analisados – com o apresentador no estúdio e estando convidados, ocasionalmente também repórteres, em *home office* – o início foi sempre às 10h da manhã e com duração de 2h30.

Especialmente quanto ao tempo total de extensão do programa, o apresentador do *Redação SporTV*, Marcelo Barreto, em entrevista para este trabalho, explicou as motivações para que isso acontecesse:

A gente começou só com uma hora, [...] a duração normal do programa na televisão é de duas horas e meia e a gente chegou a duas horas assim que as questões técnicas ficaram bem resolvidas. (M. Barreto, comunicação pessoal, 29 de Dezembro de 2020).

Nenhuma das edições por nós verificadas durante o período *home office* teve mais de 1h30, ou seja, indo ao encontro do que relata o âncora, avaliamos que as dificuldades técnicas chegaram a ser totalmente resolvidas durante este intervalo.

Outro aspecto ao qual atribuímos a redução na duração do *Redação SporTV* no formato *home office* foi a dificuldade no que diz respeito às pautas abordadas no programa: 60% das edições analisadas no período foram realizadas com os principais torneios do mundo paralisados e sem atividades internas nos clubes brasileiros, relacionadas às práticas esportivas. Todas foram emitidas sem ter havido sequer uma partida de futebol no Brasil – o principal foco do programa.

6.2. Adequações técnicas

Para que o *Redação SporTV* pudesse ser realizado em formato *home office* supusemos que haveria necessidade de adequação técnica não apenas da própria emissora, mas de todos os participantes ao vivo do programa. Na entrevista realizada com o apresentador Marcelo Barreto, foi possível comprovar este fato:

A mudança tecnológica mais importante foi a utilização do *Cloudcast* [...] Alguns testes foram feitos para estudar a viabilidade, então quando ficou claro que esse programa tinha condição de levar o *Redação* ao ar com alguma estabilidade, que era a preocupação maior – porque um programa que você vai pôr no ar na televisão ele não pode cair como uma reunião do *Zoom*, tá lá funcionando e de repente tem um problema no sinal e cai – então a gente precisou fazer muitos testes nesse sentido pra saber a confiabilidade do programa. Isso foi o mais importante: ter o programa, saber que ele funcionava e desenvolver pessoas dentro da empresa que fossem capazes de utilizar o programa, corrigir eventuais problemas. (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

Seguimos nesta linha para comprovar nossa segunda hipótese de investigação. Esta se referia à possibilidade de utilização dos dispositivos móveis como principal saída encontrada para atender as demandas – levando à falta de padronização visual e com aumento nos problemas técnicos para exibição e conexão. Associada aos dados coletados entre março e junho de 2020, a entrevista foi fundamental para alcançar este propósito.

Inicialmente, identificamos que havia diferença entre os aparelhos utilizados pelos debatedores e o apresentador, ainda que o *software* fosse o mesmo. Tal dissimilitude era perceptível aos telespectadores pelas diferenças de qualidade de imagem e som. Ao que tudo indicava, a dependência de um equipamento que suportasse o *Cloudcast* ao mesmo tempo em que tivesse conexão com a internet e também câmera, bem como captação/reprodução de áudio, fazia com que notebooks ou celulares fossem os aparelhos mais utilizados nas transmissões – para conjugar todas as funcionalidades sem necessidade de aparelhos complementares.

As referidas diferenças de qualidade foram interpretadas por nós como indícios de uma não padronização resultante da utilização de dispositivos móveis de propriedade dos participantes de cada edição, já que também não havia padrão para cores e formatos de fones de ouvido, luminosidade e cenários. Para comprovar, cruzamos tais informações com as fornecidas posteriormente por Barreto (2021), tendo ele confirmado que cada participante do programa utilizava o equipamento próprio que mais se adequasse em termos de qualidade de imagem, som e conexão. Ele foi o único a receber um aparelho

novo: “Não tinha equipamento específico cedido pelo SporTV. Eu recebi um notebook em casa, mas só pra garantir uma conexão melhor” (M. Barreto, entrevista pessoal, 12 de julho de 2021).

Em termos operacionais, além do acesso à ferramenta *Cloudcast*, o canal SporTV apenas forneceu suporte em casos especiais e fundamentalmente relacionados à conexão dos convidados:

Algumas pessoas não tinham a conexão confiável, o *Cloudcast* tinha uma exigência de banda e estabilidade muito grande, mais do que muitas pessoas, algumas pessoas na verdade, tinham em casa, então, para algumas pessoas, foi necessário enviar equipamento para as casas, pra outras não foi possível resolver, porque foram coisas que a gente não conseguia identificar, não era necessariamente a qualidade da banda larga da pessoa, tinha algum problema que não dava estabilidade com o *Cloudcast*. (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

Temos aqui questões contraditórias em termos de convergência, assunto abordado no decorrer deste trabalho. Os jornalistas precisaram desempenhar diferentes funções, utilizando equipamentos que, em situações normais, seriam operados por outras pessoas (os próprios telefones celulares ao invés das tradicionais câmeras de televisão, por exemplo), o que demonstra aspectos da convergência profissional. Também precisaram fazer uso de recursos tecnológicos relacionados à internet, porém, adaptados para a TV – numa tentativa muito mais de substituição emergencial do que convergência. Apesar do aumento nas exigências e demandas, a empresa não ofereceu formação complementar aos jornalistas, restringindo-se apenas à parte da equipe que operou o software *cloudcast* do ponto de vista técnico. O restante, especialmente os profissionais que apareceriam no vídeo, não receberam a mesma atenção, fosse em termos de fornecimento de equipamentos ou treinamento, de modo a evitar transtornos por nós verificados, com a conseqüente queda de qualidade do produto final.

Alguns problemas visíveis a quem assistia ao programa, ocasionados pelas oscilações de conexão e diferenças entre os equipamentos utilizados, se repetiram constantemente no primeiro intervalo analisado, sendo verificados em 85% dos programas.

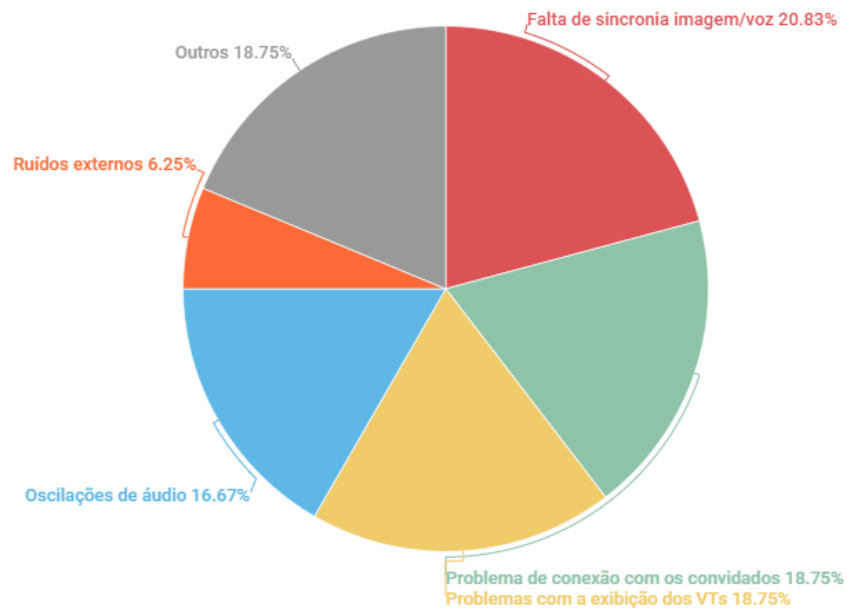


Figura 8: Tipos de problemas técnicos visíveis aos telespectadores no período home office – primeiro intervalo (Elaborada pela autora)

A área em cinza no gráfico – identificada como *outros* e percentual de 18,75% – compreende: tremidas e cortes de câmera, erros de caracteres e uma “invasão” do filho de um dos convidados.

A recorrência de tais problemas visíveis aos telespectadores levou, em muitos momentos, a desabafos feitos no ar pelo apresentador. Por exemplo, em relação aos ruídos externos, no dia 28 de abril de 2020: “A pergunta que não será respondida no *Redação* de hoje é ‘quem resolve usar uma furadeira a essa hora da manhã?’” (Barreto, 2020, 56’18). Em 30 de abril de 2020, Barreto, ao vivo, justificou a partir das dificuldades técnicas a falta de interatividade com os telespectadores.

Já no programa do dia 18 de junho, o âncora se pronunciou logo na abertura perante o fato do início do programa ter atrasado mais de 10 minutos e, posteriormente, detalhou a situação da seguinte forma:

[...] as maiores dificuldades foram realmente quando houve problema técnico, ou na plataforma ou problemas muito recorrentes com quem estava participando do programa, inclusive eu, que a conexão caiu algumas vezes durante o período do *home office*. Na maioria das vezes a gente conseguiu disfarçar, mas algumas vezes os comentaristas tiveram que assumir e dizer que eu ia voltar a qualquer momento. (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

No segundo intervalo, embora com a volta do apresentador do estúdio, as participações dos debatedores seguiram acontecendo à distância, nos mesmos moldes, e, assim,

novamente, sem padrão visual – com as mesmas variações encontradas no primeiro período.

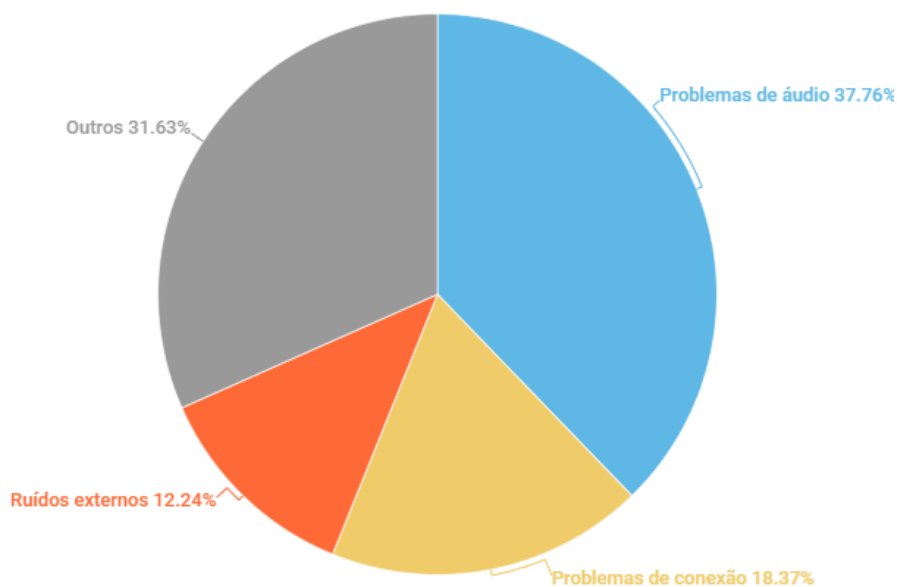


Figura 9: Tipos de problemas técnicos visíveis aos telespectadores no retorno ao estúdio – segundo intervalo (Elaborada pela autora)

A situação também se estendeu a alguns repórteres em *home office*. Conseqüentemente, vários problemas técnicos se repetiram, chegando a 80% das edições analisadas. Ainda assim, importante destacar que, apesar do alto percentual de incidência, as falhas foram menos expressivas e relacionadas quase que exclusivamente aos participantes que estavam em casa e não, diretamente, à estrutura do programa.

Em cinza, o percentual de 31,63% que indica outros problemas técnicos visíveis aos telespectadores compreende: tremidas e cortes de câmera, erro na inserção de caracteres, e uma “invasão” do cachorro de uma repórter durante a entrada ao vivo em *home office*.

Os problemas técnicos também afetaram a participação do público no programa. Verificamos uma diferença significativa entre os dois períodos analisados: enquanto no primeiro intervalo ocorreu em apenas 30% dos programas, no segundo chegou a 70% - em ambos os casos, sempre pela rede social digital *Twitter*. Mais um aspecto em que a proposta de convergência ficou afetada, já que, conforme apresentado no segundo capítulo desta pesquisa, podemos considerar a interatividade na televisão a partir da internet como uma forma de convergência de conteúdos.

6.3. Temas

No primeiro intervalo de análise constatamos uma repetição nos principais assuntos, indo ao encontro de nossa terceira hipótese: pequena gama, pequena variação, ampla duração.

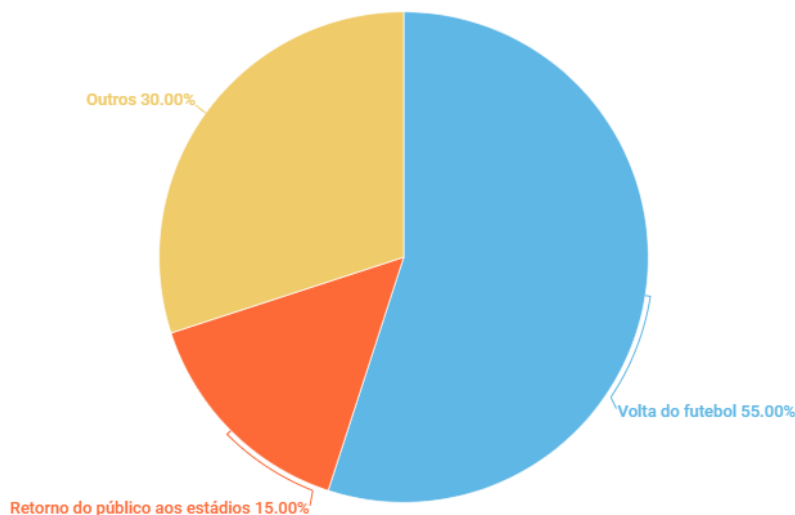


Figura 10: Assuntos com maior duração nos programas analisados no período home office – primeiro intervalo (Elaborada pela autora)

Interessante destacar que as abordagens relacionadas ao retorno do público aos estádios também vinculavam o debate ao retorno do futebol. Nestes casos, a média de duração foi de 29,7 minutos para tais assuntos – no dia 30 de abril de 2020 as discussões nesta linha representaram 72% do tempo total de programa.

As outras temáticas com maior duração foram: a prisão do jogador Ronaldinho Gaúcho, futebol inglês, jogos de futebol que marcaram história, 30 anos da Copa do Mundo de 1970 e a relação entre esporte e política, com uma média de 13,6 minutos no total.

Já no segundo intervalo não encontramos sequer uma repetição dentre os tópicos com maior duração. Ainda que 60% deles se referissem à repercussão de alguma partida de futebol ocorrida no dia anterior, todos eram confrontos entre diferentes equipes.

Acerca desta problemática também questionamos o apresentador Marcelo Barreto:

Em termos editoriais eu acho que a principal dificuldade foi evitar a repetição da pauta, porque a gente praticamente fazia o programa sobre a paralisação do futebol, especialmente no primeiro mês como você perguntou, né. Do futebol e

dos outros esportes. O que a gente discutia: o futebol vai voltar ou não vai voltar? O futebol deve voltar ou não deve voltar? Então era um desafio muito grande evitar a repetição dessa discussão nesses termos. Então era preciso procurar algo novo, debater o protocolo, saber posições de jogadores, de treinadores, claro, monitorar o noticiário para ver se havia a perspectiva de algum campeonato voltar mais cedo, então exigia uma atenção muito grande nesse sentido. Era impossível que a gente se desviasse muito desse assunto, né, o que a gente tava falando basicamente era sobre a paralisação dos esportes, em especial do futebol, mas toda nossa energia se concentrou em encontrar as melhores maneiras de falar disso. Foi muito mais o como falar que o que falar – o que falar era meio que obrigatório (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

A comparação entre os períodos deixa claro como a ausência de treinos e competições esportivas alterou o formato do programa: enquanto no primeiro período cada assunto ocupava em média 16,35% do tempo total de cada programa, no segundo o percentual cai para 9,18% . Ou seja, a motivação para o ocorrido não era técnica, devido à distância do estúdio.

6.4. Esportes

Constatamos como verossímil apenas parte de nossa quarta hipótese. Diferente daquilo que imaginávamos, outras modalidades esportivas que não o futebol, sobretudo as que se podiam disputar em espaços abertos e/ou sem público, tiveram pouco incremento no espaço de destaque durante o período de março a junho de 2020 – em que o futebol esteve paralisado no Brasil.

A abordagem a tais modalidades representou apenas 15% dos assuntos totais tratados na abertura do programa e apenas uma vez (5%) estiveram dentre as temáticas debatidas por maior tempo: foi no dia cinco de junho de 2020, quando as relações esporte-política foram destaque, tendo em vista as manifestações em memória de George Floyd⁶² e contra o racismo.

Por outro lado, conforme previsto, assuntos fora do cenário esportivo, especialmente a pandemia, ganharam projeção. Tópicos relacionados à COVID-19, de modo geral, estiveram presentes em todos os programas do período *home office*. Tais assuntos não relacionados ao esporte tiveram tanto espaço ao ponto de serem temáticas de abertura de 25% dos programas entre 30 de março e 18 de junho de 2020. Destacamos aqui os

⁶² George Perry Floyd Jr. foi um afro-americano assassinado em Minneapolis, nos Estados Unidos, em 25 de maio de 2020. O autor foi o Derek Chauvin, condenado em junho de 2021 a 22 anos de prisão. Disponível em: <https://www.jn.pt/mundo/derek-chauvin-condenado-a-22-anos-de-prisao-pela-morte-de-george-floyd-13877104.html>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

50 anos sem os Beatles (abertura do dia 10 de abril de 2020) e as homenagens pela morte do cantor e compositor Moraes Moreira (14 de abril de 2020).

Para efeitos de comparação, no intervalo entre setembro e novembro de 2020 os assuntos extra-esporte tiveram uma redução considerável em relação ao primeiro período, estando presentes em 60% dos programas (redução de 40%).

Se formos comparar a menção aos assuntos com o total de programas percebemos uma mudança significativa no comparativo entre os intervalos 1 e 2:

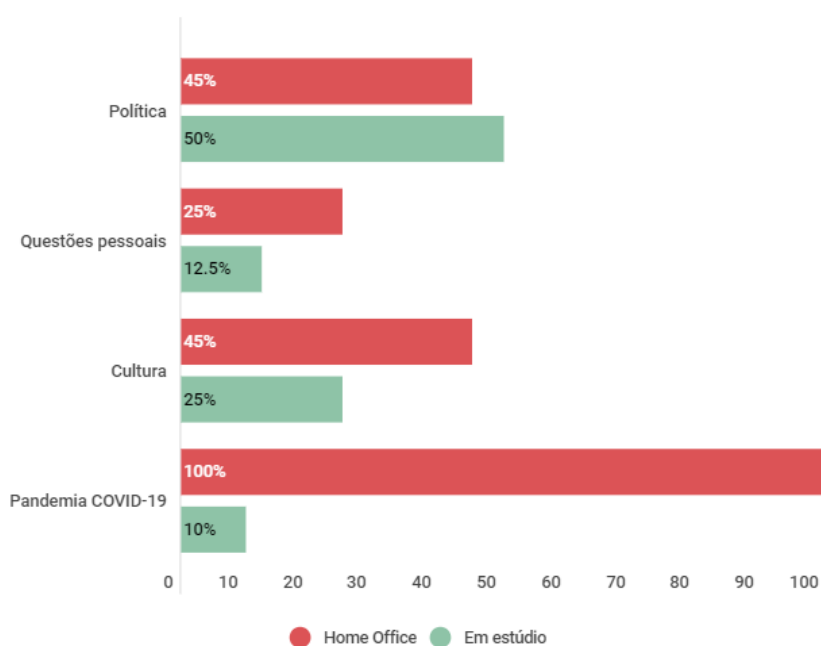


Figura 11: Comparativo entre os assuntos extra-esporte de maior abordagem nos intervalos 1 e 2 (Elaborada pela autora)

Barreto (2020) justifica a situação da seguinte forma:

[...] Com relação a tratar dos assuntos da pandemia, isso vai muito ao encontro daquilo que costumo dizer, que o jornalista esportivo ele precisa estar preparado para em alguns momentos ser jornalista, não apenas esportivo, né. E esse foi um desafio interessante que a gente precisou enfrentar durante o período do *Redação Home Office*. Exigiu que a gente se informasse mais sobre uma área que não é, necessariamente, nossa área de atuação e eu acho que, principalmente, exigia muita responsabilidade pra falar da volta ou não do futebol e de outros esportes, a gente tava lidando com um tema maior, que era um tema de interesse da sociedade. E nesse sentido eu tenho muito orgulho da equipe, dos nossos comentaristas, acho que todo mundo tava muito consciente, todo mundo tava muito preparado, integrado à vida e outras áreas da sociedade sem pensar só no nosso negócio até né, sem pensar na falta que o futebol faz. Acho que foi um período de muita consciência de quem fazia o *Redação*. (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

De certa forma podemos considerar que, apesar da “fuga” da temática em torno da qual gira o programa, que é o esporte – tratando-se de jornalismo especializado e pelos motivos aqui já citados –, houve sim uma espécie de convergência. Afinal, se a ideia do jornalista estar preparado para atuar em diferentes frentes (incluindo em termos de conteúdo) faz parte do ideal de convergência, o mesmo foi contemplado.

6.5. Formatos das Notícias

Pudemos comprovar também nossa quinta hipótese, de que houve alteração nos formatos das notícias apresentadas no *Redação SporTV*. Para além do debate, a análise do primeiro intervalo mostrou pouca variação nos referidos formatos. A começar pela estreia da versão *home office*, que foi semelhante a um programa de rádio televisionado, tendo câmeras fixas e sem qualquer inserção de imagem. A situação se repetiu em outra edição analisada (totalizando dois eventos).

Assim sendo, tivemos uma espécie de remediação de conteúdos originada na necessidade imposta pelas limitações tecnológicas e também de conteúdo: à exceção destes, todos os demais programas contaram com imagens em movimento ou fixas para ilustrar as falas (por exemplo, capturas de tela de páginas da internet ou fotos de notícias de jornais), mas não necessariamente configurando o formato de nota coberta – já que não havia texto lido como *off*, somente ilustração para o debate. Ou seja, características de outros meios repassadas à televisão, mas sem uma adaptação real àquilo que a TV exige.

Também foi constatada a exibição de 17 trechos de sonoras, sem estarem inseridas em qualquer tipo de material. Não foram verificadas reportagens, apenas vídeos (sete no total) com outros tipos de elementos (trilha, legendas e sobre som). O único formato de apresentação das notícias realmente verificado foi o *boletim*: oito inserções, mas divididos em seis programas.

Tal situação fica mais evidente na comparação com a volta do programa ao estúdio.

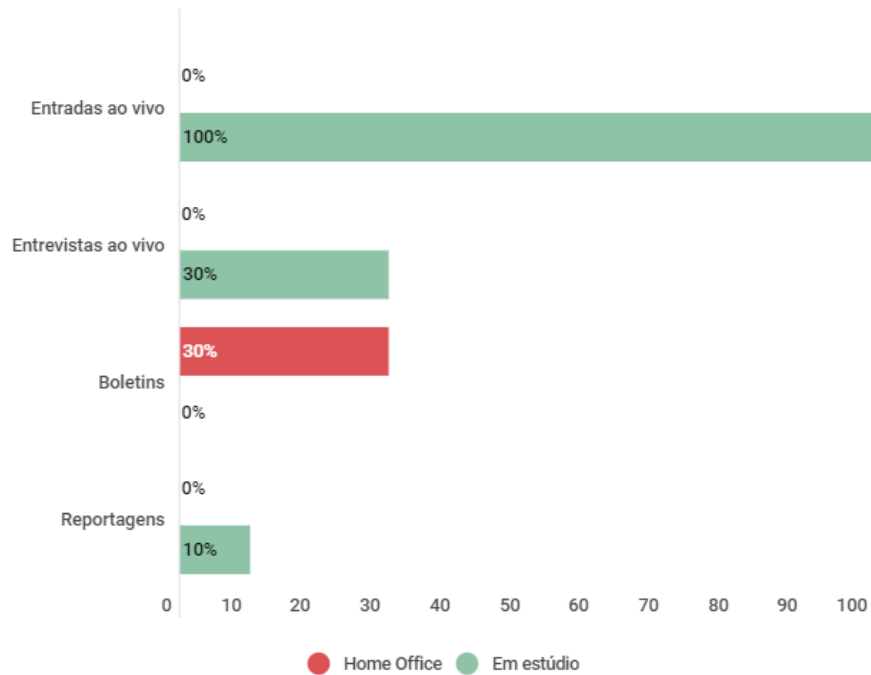


Figura 12: Percentuais de programas em que foram constatadas as presenças dos seguintes formatos das notícias (Elaborada pela autora)

Conforme é possível perceber no gráfico anterior, no segundo intervalo – entre setembro e novembro de 2020 – há um aumento considerável na variação de formatos e os boletins gravados dão lugar às entradas ao vivo, que ganham destaque: média de 7,8 por programa. Apesar disso, nem todas são feitas de ambiente externo, como mostra a imagem seguinte.

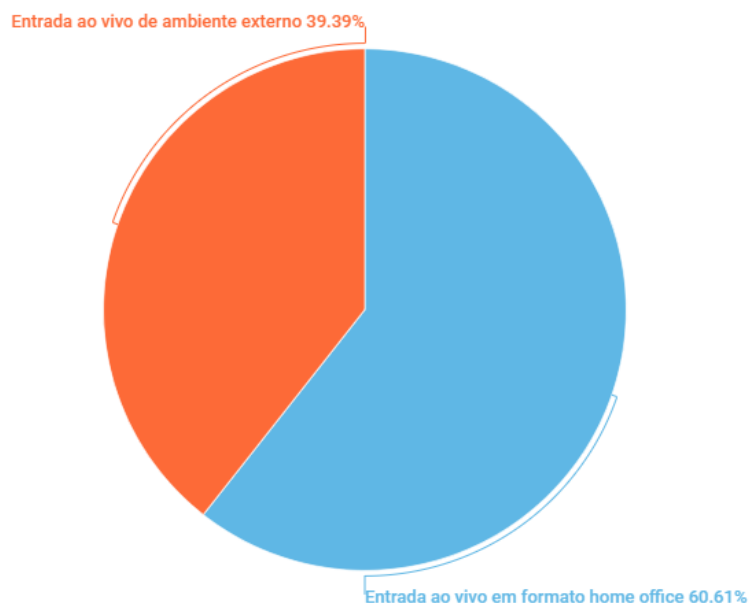


Figura 13: Características das entradas ao vivo verificadas no segundo intervalo (Elaborada pela autora)

A utilização de repórteres no ambiente de suas próprias casas, ou seja, em formato *home office* (ainda que o *Redação SporTV* já tivesse retornado ao modelo tradicional) tornou-se uma prática frequente porque já não havia a necessidade de contornar as limitações impostas pelo *Cloudcast*: só o fato da apresentação do programa a partir do estúdio já tornava possível utilizar os recursos da central técnica do canal para recebimento e emissão dos sinais/conteúdos sem necessidade de intermédios.

[...] o *Redação* é um programa que tem dois comentaristas fixos comigo na bancada e ele conta muito com a participação de um terceiro elemento, então, por exemplo, a gente vai falar de um jogo do Grêmio contra o São Paulo, a gente vai acionar uma pessoa em Porto Alegre, né, que, normalmente, é o Diogo Olivier, e vai acionar uma pessoa em São Paulo – esse ano foi a Fabíola Andrade que fez esse papel pra gente. No *Redação Home Office* isso era impossível! (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)



Figura 14: Exemplo de entrada ao vivo feita por repórter em formato *home office* (Captura de tela do programa *Redação SporTV* do dia oito de outubro de 2020)

A prática de utilizar diferentes participantes em *home office* mesmo depois do retorno do âncora ao estúdio também se estendeu aos entrevistados ao vivo. Tal formato ganhou espaço, com todas as características inerentes a ele, com a diferença de que, por motivos de segurança referente à pandemia, o entrevistado está em casa, conforme a imagem a seguir:



Figura 15: Exemplo de entrevista ao vivo feita à distância (Captura de tela do programa *Redação SporTV* do dia 16 de novembro de 2020)

Barreto (2020) também corroborou o que havíamos apresentado na quinta hipótese, à qual estamos nos referindo nesta parte do capítulo: as adversidades para a produção de conteúdo, especialmente no que diz respeito à saída dos repórteres à rua e envolvimento na redação, foram problema para a realização do trabalho. O apresentador falou sobre a concentração de esforços na colocação do programa no ar, deixando outros aspectos em segundo plano:

[...] naquele momento, o objetivo da empresa era ter o menor número possível de pessoas na redação. Então, por exemplo, o editor-executivo do programa – eu sou o editor-chefe e o Thiago Teixeira é o editor-executivo – ele trabalhava de casa, mas quem tava na redação, a gente normalmente tem um diretor de TV, quem tava na redação fazendo o papel de diretor de TV era uma das pessoas da equipe treinada para usar o *Cloudcast*. Então essa foi a modificação básica e os editores estavam todos, naquele momento, trabalhando de casa. (M. Barreto, entrevista pessoal, 29 de dezembro de 2020)

Mais uma vez, ressaltamos a necessidade de adaptação dos profissionais da comunicação às diferentes funções, o trabalho em rede – seja à distância ou presencial – e a também readaptação dos formatos como características da convergência no jornalismo. O aspecto referente à reestruturação das redações de maneira convergente também se sobressai. Por outro lado, mais uma vez atentamos para a dificuldade em fazer, especialmente durante o período *home office* (primeiro intervalo) com que o *Redação SporTV* apresentasse realmente as características de um programa de televisão e não algo condicionado para outro veículo (por exemplo, rádio ou internet) e apenas exibido na TV. Em muitos momentos foi essa a sensação que ficou, da simples remediação, apesar das motivações e dificuldades aqui já apresentadas.

Outro aspecto que nos pareceu determinante para a baixa variação no formato de apresentação das notícias entre março e junho de 2020 foi a dificuldade para a obtenção de imagens que possibilitassem não apenas a produção de conteúdos telejornalísticos mas, até mesmo, ilustrar os assuntos debatidos.

6.6. Tipologia de Imagens

Conforme explicitado no capítulo anterior, o *Redação SporTV* tem a característica de pautar-se em outros veículos de comunicação, de diferentes meios, como forma de induzir, reforçar ou sustentar o debate acerca de determinados assuntos. Porém,

mesmo que o aproveitamento dos chamados *ilustras*⁶³ a partir de conteúdos publicados em outros veículos de comunicação – como capas de jornais, reportagens em páginas da Internet, etc. – seja uma prática recorrente (foi constatada em 90% dos programas analisados de março a junho de 2020 e em 100% das edições entre setembro e novembro de 2020) e esteja na essência do programa, conforme explicitado no capítulo anterior, foi possível constatar uma diferença considerável no tempo médio em que esses conteúdos ficavam no ar, com repetição das mesmas imagens, na comparação entre os dois períodos analisados:

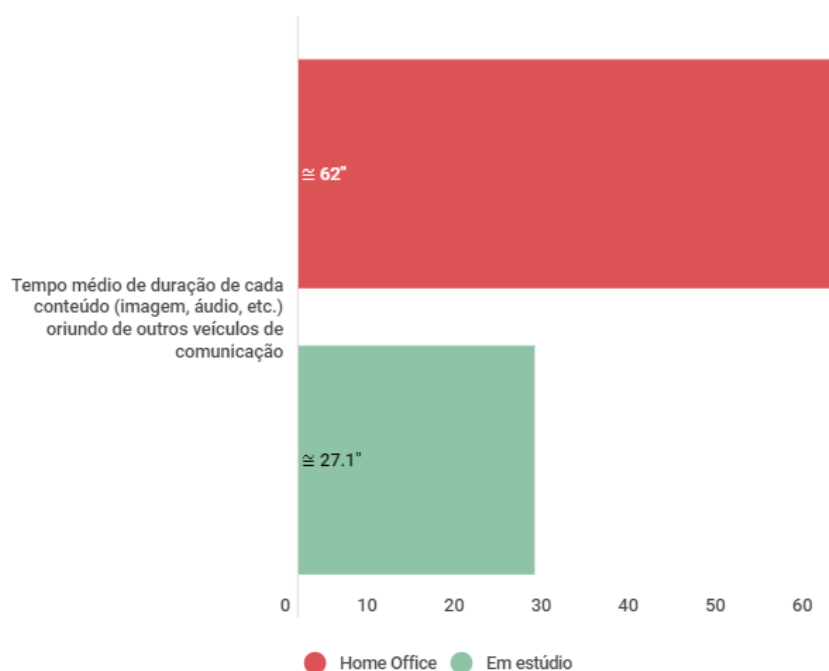


Figura 16: Duração de cada conteúdo oriundo de terceiros (Elaborada pela autora)

Novamente, isso nos leva a verificar características da remediação. A situação vai ao encontro da sexta hipótese levantada na elaboração desta pesquisa, que aponta para tal incremento na utilização de imagens de arquivo e conteúdos produzidos por terceiros.

Na comparação entre os intervalos foi possível perceber o quanto o foco do *Redação SporTV* em termos geográficos precisou ser modificado pela paralisação do futebol no Brasil e um retorno mais precoce da atividade em outros continentes: entre março e junho de 2020, no período *home office*, à exceção da África e da Antártida, os demais continentes tiveram veículos representados, com notícias citadas, nos programas do

⁶³ *Ilustra* é um termo técnico utilizado para se referir às imagens que são rodadas enquanto os participantes de um programa televisivo, especialmente os debates e as mesas-redondas, discutem ou comentam determinado assunto sem necessariamente fazer alusão a tais imagens de maneira descritiva ou lendo algum texto em *off*. Servem para dar dinâmica ou, como o próprio nome diz, ilustrar o tópico abordado naquele momento – agregando assim informação conforme a proposta da linguagem televisiva.

primeiro intervalo analisado. Por outro lado, de setembro a novembro de 2020 – com o programa de volta ao estúdio e já com a prática do futebol liberada novamente em terras brasileiras, houve uma queda considerável na utilização de imagens originárias destes países e, até mesmo, citação a veículos destes locais.

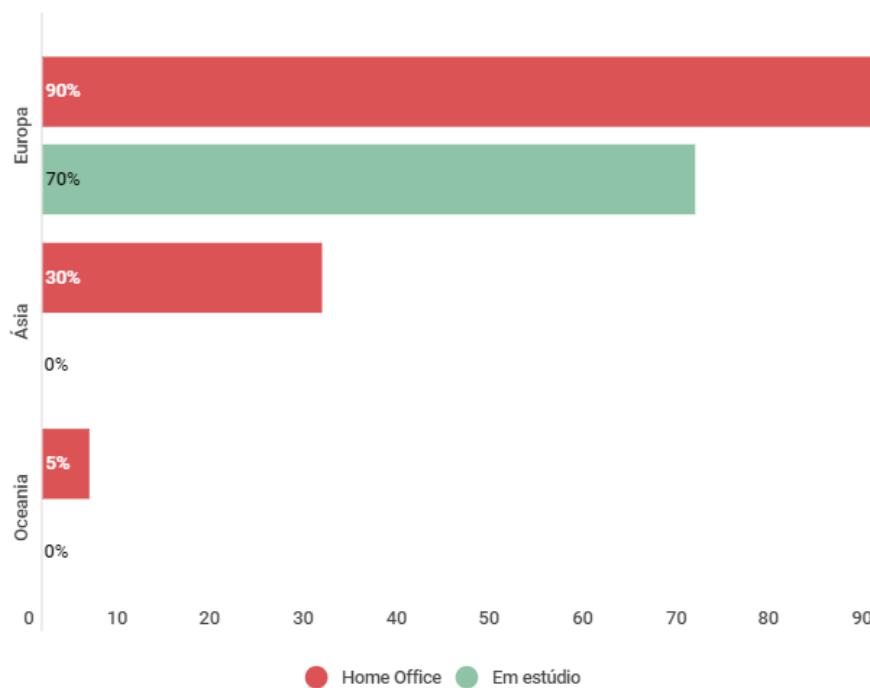


Figura 17: Continentes com veículos ao menos citados nos dois intervalos de análise (Elaborada pela autora)

No segundo intervalo, importante frisar a utilização das imagens dos canais próprios dos clubes, presentes em 66,6% dos programas analisados – e não só do Brasil: destaque para o dia 20 de novembro de 2020, quando foram utilizadas imagens dos canais de Manchester City, Borussia Dortmund e San Lorenzo.

Com relação às imagens de arquivo, não foi possível realizar uma comparação efetiva já que os caracteres informativos quanto a *arquivo* não eram utilizados de maneira padrão. Por exemplo, em alguns momentos percebia-se que não eram *takes* atuais, mas não havia qualquer identificação gráfica que confirmasse isso – algo que poderia levar a uma análise imprecisa neste sentido.

Conclusões

Analisar os dados à luz das teorias que envolvem a convergência em relação ao jornalismo – especialmente do ponto de vista profissional, de conteúdo e seu impacto na estrutura das redações, bem como a rotina produtiva – foi fundamental para compreender como o telejornalismo esportivo brasileiro, em especial o programa por nós analisado, o *Redação SporTV*, conseguiu adaptar-se à forçosa realidade imposta pela pandemia da COVID-19.

Com base nos dados apresentados, concluímos que tal pandemia influenciou profundamente no desenvolvimento do jornalismo esportivo brasileiro. Isso se deu especialmente durante o primeiro semestre de 2020, no período entre março e junho, devido à ausência de treinos e eventos esportivos.

Consideramos que o principal prejuízo no quesito jornalístico provocado pelas exigências para conter a propagação do novo Coronavírus foi em termos de conteúdo, muito mais do que execução por questões técnicas. No caso do *Redação SporTV*, a redução na gama de pautas a serem exploradas nos pareceu muito mais difícil de contornar do que a necessidade de fazer o programa longe do estúdio.

Esta pandemia mostrou que os jornalistas devem ser multifunções e multimídia, pelo que o processo de convergência profissional é o caminho a seguir. Compete às escolas e às empresas preparar os profissionais para esta nova realidade.

Ainda que as dificuldades de execução fossem grandes e, em muitos casos, determinantes para a colocação em prática de determinada ideia ou para a impressão da qualidade daquilo que se estabeleceu como produto televisivo no Brasil, acreditamos que não teria sido tão desafiador se o conjunto de assuntos disponíveis para abordagem fosse mais variado. No entanto, discordamos da visão apresentada pelo âncora do programa de que a repetição exaustiva de determinadas temáticas era imprescindível. Ponderamos que a dependência do jornalismo esportivo brasileiro em relação ao futebol, evidenciada no decorrer deste trabalho, tenha sido prejudicial no desenvolvimento de uma perspectiva mais ampla.

De qualquer modo, verificamos que o fato do *Redação SporTV* funcionar habitualmente como um agregador de conteúdos, a partir de informações publicadas por outros veículos – colocando-as em contraponto e complementando com material

próprio produzido – foi um facilitador na adaptação ao formato *home office* durante a pandemia. Assim, mesmo com a dificuldade em conseguir imagens originais, foi possível ilustrar os debates com conteúdos produzidos por terceiros. É fundamental ressaltar que nada disso aconteceria se não houvesse dispositivos móveis com acesso à internet disponíveis para o trabalho.

Porém, consideramos que seria possível evoluir de uma simples remediação de conteúdos – com os materiais originários de outras mídias apenas sendo replicados, sem necessariamente uma adaptação real ao formato televisivo – para uma verdadeira convergência a partir da volta do *Redação SporTV* ao estúdio, de modo a melhorar o aproveitamento das informações, comunicação com o público e qualidade das informações.

Percebemos aqui mais traços marcantes relacionados à convergência tecnológica e às novas formas de fazer jornalismo, não apenas naquilo que se refere à adaptação dos profissionais para atuar em consonância às novas tecnologias e ser multimídia, mas à capacidade de trabalhar à distância, sem necessidade de estar fisicamente presente no espaço da redação. A empresa SporTV também se mostrou preocupada com a capacitação dos profissionais, mesmo que não em sua totalidade, e preparada para executar mudanças em um curto período de tempo, sendo ainda identificada alguma convergência de conteúdos no que diz respeito à oferta dos materiais produzidos na página da Internet e em formato de *podcast*, por exemplo.

Algumas das alterações impostas pela pandemia vieram para ficar. Foi possível verificar esta tendência no seguimento da análise ao *Redação SporTV* no segundo intervalo, com o apresentador de volta ao estúdio. Poderá ser uma forma de facilitar o trabalho dos profissionais da área, mas, também, provocar uma aproximação com o público em geral pela similaridade no formato ao qual grande das pessoas já está acostumada no dia-a-dia de interações on-line, por exemplo, através das redes sociais digitais, algo que já acontece em alguns gêneros televisivos.

Deixamos como sugestão para estudos futuros, posteriores ao estado de pandemia, uma verificação quanto às alterações no rigor, formalidade e necessidade de padrão visual no telejornalismo brasileiro em contraponto com a qualidade dos conteúdos produzidos, se essas alterações vão manter-se e se isso será positivo ou não.

Outra temática que consideramos merecer atenção como forma de aprofundamento é a utilização das imagens originárias dos canais dos clubes, uma prática que pareceu se

consolidar durante a pandemia, com treinos e entrevistas acompanhados totalmente à distância. Até que ponto isso é benéfico em termos de qualidade da informação? É um questionamento que fica para o futuro e digno de aprofundamento.

A pandemia de COVID-19 ainda é um desafio a ser enfrentado sob muitas óticas distintas – a principal, claro, a da saúde pública - mas que implica em reflexos nos mais diversos setores da sociedade. Diferente do que se imaginava no início, este parece ser um problema com consequências que perdurarão por anos. Assim, há muito que ser estudado e verificado, incluindo a comunicação e, mais especificamente, o jornalismo.

Referências bibliográficas

- Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Abrahão, B., & Soares, A. (2012). A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 26(1), 63-76. <https://doi.org/10.1590/s1807-55092012000100007>
- Agostino, G. (2006). Nós e Ellos, Nosotros y Eles - Brasil x Argentina: Os Inimigos Fraternos. In F. Da Silva & R. Dos Santos, *Memória Social dos Esportes* (2nd ed., pp. 55-80). Rio de Janeiro: Mauad.
- Alcoba, A. (1980). *El periodismo deportivo en la sociedad moderna*. Madrid: El Autor.
- _____ (1984). *Deporte y Comunicación*. Madrid: Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Madrid.
- _____ (1999). *La Prensa Deportiva*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- _____ (2005). *Periodismo Deportivo*. Madrid: Síntesis.
- Amaral, I. (2012). Participação em rede: do utilizador ao “consumidor 2.0” e ao “prosumer”. *Comunicação E Sociedade*, 22, 131-147. [http://doi.org/10.17231/comsoc.22\(2012\).1278](http://doi.org/10.17231/comsoc.22(2012).1278)
- Andersen, L.M. (1983). A forma física, um seguro de vida. *Enciclopédia Salvat da Saúde*. Rio de Janeiro: Salvat Editora.
- Araújo, R. (2010) Futebol e política continuam a caminhar juntos - Seminário Temático 11. *34º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. Caxambu. Retrieved 27 May 2020, from <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/34-encontro-anual-da-anpocs/st-8/st11-7/1439-raraujo-futebol/file>
- Avilés, J., Meier, K., Kaltenbrunner, A., Carvajal, M., & Kraus, D. (2009). Newsroom integration in Austria, Spain and Germany. *Journalism Practice*, 3(3), 285-303. <http://doi.org/10.1080/17512780902798638>
- Bakhtin, M. (1986). *Speech Genres & Other Late Essays*. Austin: University of Texas.
- Barbeiro, H., & Rangel, P. (2006). *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.
- Barbeiro, H., & Lima, P. (2005). *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Elsevier
- Barbosa, C. (2011). *Educação Física e Filosofia: A relação necessária*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Batista, E., Matos, L., & Bertasi, A. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38. Retrieved 15 July 2020, from <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/666>
- Barreto, M. (2020, 29 de Dezembro). Entrevista por C. Patatt [MP3]. Apresentador do Programa Redação SporTV. Arquivo pessoal, Covilhã.
- Becker, H. (2007). *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bento, O. (1991). *Desporto, Saúde, Vida – em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Bertucci-Martins, L. (2005). Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 12(1), pp.143-157. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000100007>
- Bezerra, P. (2009). Globo Esporte São Paulo: Ousadia e Experimentalismo no Telejornal Esportivo. In XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba. Retrieved 17 February 2021, from <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0543-1.pdf>.

- Biazzi, A., & Franceschi Neto, V. (2007). *Futebol e Política Externa Brasileira: entre o Político-Identitário e o Comercial* [Ebook]. Retrieved 23 March 2021, from https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/262516_Futebol-e-Pol%C3%ADtica-Externa-Brasileira-Jogo-da-Paz.pdf.
- Boaventura, L. (2020). Formatos clássicos de notícias utilizados nos telejornais do Brasil: o que dizem os manuais e o que mostra a prática do Jornal da Globo. In *Jornalismo e estudos mediáticos - Memória III* (pp. 57-69). Porto: Publicações Universidade Fernando Pessoa. Retrieved 07 July 2021 from https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8878/1/Ebook_jornalismo%20e%20e%20estudos%20medi%C3%A1ticos_mem%C3%B3ria%20III.pdf
- Bonventti, R. (2017). Do pioneirismo ao confronto com a ditadura militar brasileira. O apogeu e a decadência da TV Excelsior. In *Pensacom - Das Indústrias Culturais às Indústrias Criativas: ação, criação e imaginação*. São Paulo: IV Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro. Retrieved 17 February 2021 from <https://portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/textos/32-rodolfo-carlos-bonventti.pdf>
- Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Contexts and Issues*. Londres, Sage Publications.
- Blumler, J., & Gurevitch, M. (1995). *The crisis of public communication*. Londres: Routledge.
- Bracht, V. (2003). *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí.
- Bretones, M. (2010). *Redação SporTV: Jornalismo Esportivo Crítico* (Graduado). Centro Universitário de Brasília. Retrieved 13 May 2020, from <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf>
- Cabral, Á., Vizeu, A., Mesquita, G., & Cirne, L. (2012). Convergência e diálogo de sentidos no telejornalismo da TV Digital. *Vozes & Diálogo*, 11(1). Retrieved 20 July 2021 from <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/3362/2358>
- Cadilho, J., Pereira, C., & Omena, T. (2020). Saúde coletiva através dos séculos: a construção de um conhecimento em saúde frente à diferentes doenças que assolaram a humanidade. *Research, Society and Development*, 9(11). Retrieved 17 March 2021, from <https://www.rsjournal.org/index.php/rsd/article/view/10671/9624>.
- Campos, R., Cappelle, M., & Maciel, L. (2017). Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 31-41. <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p31>
- Canavilhas, J. (2012). Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. *Brazilian Journalism Research*, 8(1), 7-21. <https://doi.org/10.25200/BJR.v8n1.2012.369>
- Capinussú, J. (2005). Atividade física na idade média: bravura e lealdade acima de tudo. *Revista De Educação Física / Journal of Physical Education*, 74(2), 45-48. Retrieved 4 March 2021, from <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/2654>
- Capraro, A. (2002). *Football, uma prática elitista e civilizadora - investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX* (Mestre). Universidade Federal do Paraná. Retrieved 27 December 2020, from <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24639/D%20-%20CAPRARO%2c%20ANDRE%20MENDES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- _____. (2007). *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX* (Doutor). Universidade Federal do Paraná. Retrieved 27 December 2020, from https://www.researchgate.net/profile/Andre-Capraro/publication/26979102_Identidades_imaginadas_futebol_e_nacao_na_cronica_esportiva_brasileira_no_seculo_XX/links/5602f77708ae4accfb88284/Identidades-imaginadas-futebol-e-nacao-na-cronica-esportiva-brasileira-no-seculo-XX.pdf

- _____. (2011). Mario Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional. *Movimento*, 17(2), 213-224. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.15154>
- Caspersen, C., Powell, K., & Christenson, G. (1985). Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. *Public Health Reports*, 100(2), 126-131. Retrieved 4 March 2021, from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1424733/>
- Castro, R. (1992). *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chanlat, J. (1996). Quais Carreiras e Para Qual Sociedade?. *Revista de Administração de Empresas*, 35(6), 67-75. Retrieved 8 March 2021, from <https://www.scielo.br/j/rae/a/9BSKB7zXvc4Gkkzjf6St6xc/?format=pdf&lang=pt>
- Chomsky, N. (1975). *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- Coakley, J. (2006). *Sports in society: issues and controversies*. Champaign: Human Kinetics.
- Costa, C., & Oselame, M. (2014). Futebolização do esporte na televisão: compromisso com o jornalismo ou com os números de audiência?. *Estudos Em Jornalismo E Mídia*, 11(2), 459. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p459>
- Costa, M. (2013). O Discurso Higienista Definindo a Cidade. *Mercator*, 12(29), 51-67. Retrieved 4 March 2021, from <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1226/522>>
- Coultrato, M., Santiago, C., Nascimento, L., Tupinambá, M., & Almeida, P. (2017). Inflamação aguda e crônica — Universidade Federal do Acre - Patologia Geral. Retrieved 15 April 2021, from <http://www2.ufac.br/geralpat/inflamacao-aguda-e-cronica>
- Da Silveira, N. (2009). *Jornalismo Esportivo: Conceitos e Práticas* (Graduado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Retrieved 13 May 2020, from <https://bit.ly/2A2YpWi>
- Dalpiaz, J. (2002). *O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)* (Mestre). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Retrieved 13 Dez 2020, from <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4124>
- Damo, A. (1998). *Para o que der e vier - o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores* (Mestre). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- De Rose Junior, D. (2002). A competição como fonte de estresse no esporte. *Revista Brasileira De Ciência E Movimento*, 10(4), 19-26. Retrieved 10 March 2021, from <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/download/466/492>.
- Debord, G. (1992). *The society of the spectacle*. London: Rebel Press.
- Deuze, M., & Witschge, T. (2018). *Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism*. SAGE Journals. <http://doi.org/10.1177/1464884916688550>
- Díaz, J., Guillén, J., & Carrero, J. (2000). Prevalência de doenças infecciosas no esporte. *Revista Brasileira De Medicina Do Esporte*, 6(1), 23-28. <https://doi.org/10.1590/s1517-86922000000100006>
- Dimande, A. (2010). *Os conceitos de trabalho, profissão e ocupação*. Pt.scribd.com. Retrieved 10 March 2021, from <https://pt.scribd.com/doc/37782989/OS-CONCEITOS-DE-TRABALHO-PROFISSAO-E-OCUPACAO>.
- Domingues, P. (2009). Consciência de cor. In L. Figueiredo, *A era da escravidão*. Rio de Janeiro: Sabin.
- Duarte, E. (2004). *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar Em Revista*, (24), 213-225. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>
- Duarte, R., & Almeida, V. (2015). O assédio moral como causador de doença ocupacional. *Laborativa*, 4(2), 04-25. Retrieved 9 March 2021, from <https://core.ac.uk/download/pdf/233142256.pdf>.

- Erbolato, M. (2002). *Técnicas de Codificação em Jornalismo – redação captação e edição em jornal diário*. São Paulo: Ática.
- Erthal, C. (2013). *Um domingo qualquer: estratégias de grade de programação de televisão aberta no Brasil* (Mestre). Universidade de São Paulo.
- Escolar, A. (2006). *La refundación de 20 minutos*. Blogs.20minutos.es. Retrieved 24 July 2021, from <https://blogs.20minutos.es/arsenioescolar/2006/11/14/la-refundacion-20-minutos/>
- ESPN Brasil. (2014). *Jogo classificatório da Copa Africana de Nações é cancelado por surto de Ebola*. ESPN Brasil. Retrieved 23 March 2021, from http://www.espn.com.br/noticia/429253_jogo-classificatorio-da-copa-africana-de-nacoes-e-cancelada-por-surto-de-ebola
- Fechine, Y. (2008). *Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- _____. (2001). Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. *Revista Symposium*, 5(1), 14-26. Retrieved 9 March 2021, from <http://www.maxwell.lambda.ele.pucrio.br/3195/3195.PDF>
- Fidalgo, J. (2008). Jornalistas e Saberes Profissionais. In *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação*. Natal: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Retrieved 19 July 2021, from https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29975/1/JF_jornalistas_saberes_profissionais.pdf
- Flick, U. (2021). Entrevista episódica. In M. Bauer & G. Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 114-126). Petrópolis: Vozes.
- Fonteboa, L. (2015). O Brilho Esportivo na escuridão histórica. *Revista Carioca De Educação Física*, 10, 131-137. Retrieved 4 March 2021, from <https://revistacarioca.com.br/revistacarioca/article/view/24>
- Foucault, M. (1984). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed.Graal.
- Franciscato, C. (2003). *A atualidade no Jornalismo: Bases para sua delimitação teórica* (Doutor). Universidade Federal da Bahia. Retrieved 19 July 2021, from <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/1871/1/AtualidadeJornalismoDelimitacao.pdf>
- Fraser, M., & Gondim, S. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2004000200004>
- Gambaro, D., & Becker, V. (2016). Queda de audiência e programação televisiva: uma análise das mudanças na grade da Rede Globo. *Fronteiras - Estudos Midiáticos*, 18(3). <https://doi.org/10.4013/fem.2016.183.10>
- García, X., & Fariña, J. (2010). *Convergencia digital: Reconfiguración De Los Medios De Comunicación En España*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. Servicio de Publicaciones e Intercambio Científico.
- Gasparino, H. (2013). Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira. (Graduado). Universidade Estadual Paulista. Retrieved 1 March 2021, from <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/119227> .
- Gaya, A. & Torres, L. (2008) A cultura corporal do movimento humano e o esporte educacional. In A. Oliveira & G. Perim, *Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo*. Maringá: Eduem.
- Gil, A. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.
- Globoesporte.com. (2021). *A obsessão é verde! Palmeiras vence o Santos e conquista o bi da Libertadores*. Retrieved 19 April 2021, from <https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/libertadores/jogo/30-01-2021/palmeiras-santos.ghtml>
- Gomes, I. (2011). *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo* [Ebook]. Salvador, SciELO. Retrieved 1 February 2021, from <https://static.scielo.org/scielobooks/9wgn/pdf/gomes-9788523211998.pdf>

- Gonçalves, J., & Capoano, E. (2017). Reorganização de redações no Brasil: os casos dos ecossistemas endógenos do Estadão e da sucursal do Huffington Post. *Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília*, 10(1), 17. <https://doi.org/10.24860/comunicologia.v10i1.8127>
- Guerrini, F. (2013). *Newsroom curators & independent storytellers: Content curation as a new form of journalism* [Ebook]. Reuters Institute for the Study of Journalism. Retrieved 16 July 2021 from <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/research/files/New%20room%20Curators%20%2526%20Independent%20Storytellers%20O-Content%20Curation%20as%20a%20New%20Form%20Of%20Journalism.pdf>
- Guimarães, C. (2020). O Início da Narração Esportiva no Rádio Brasileiro: As Transmissões Pioneiras. In V. Raddatz, M. Kischinhevsky, D. Lopez & V. Zuculoto, *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção* (pp. 79-95). Editora Unijuí. Retrieved 26 February 2021, from https://www.researchgate.net/profile/Debora-Lopez-2/publication/344876958_Radio_no_Brasil_100_anos_de_historia_em_re_construcao/links/5f95fe3992851c14bce782fc/Radio-no-Brasil-100-anos-de-historia-em-re-construcao.pdf#page=79
- Guimarães, C., & Ferraretto, L. (2018). O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. *Revista Brasileira De História Da Mídia*, 7(1). <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.7120185348>
- Habermas, J. (1984). *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Haguette, T. (2007). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Herbert Neto, H. (2019). *Programas esportivos de mesa-redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo* (Mestre). Universidade Federal Fluminense. Retrieved 1 March 2021, from https://www.academia.edu/43308892/Programas_esportivos_de_mesa_redonda_a_quest%C3%A3o_da_autoridade_em_pauta_no_g%C3%AAnero_televisivo
- Herrera, S., & Milagros, R. (2003). *Hacia un periodismo especializado ágil y creativo: la experiencia de la revista de transportes Señales (1996-1998)* (Graduado). Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Retrieved 23 December 2020, from https://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/tesis/Human/Salazar_HR/salazar_hr.htm
- Herreros, M. (1998). *Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Instituto Nacional do Câncer (2018). *Agentes infecciosos*. Retrieved 15 April 2021, from <https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agentes-infecciosos>
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Jimenez, K. & Saito, B. (2002) A Regra do Jogo. In: Pereira Junior, L.; *A Vida com a TV: O Poder da Televisão no Cotidiano*. São Paulo: Senac.
- Jordonova, J. (1979). Earth Science and Environmental Medicine: The Synthesis of the Late Enlightenment. In J. Jordonova & R. Potter, *Images of the Earth: Essays in the History of Environmental Sciences*. Londres: British Society for the History of Science.
- Jorge, P., Sprey, J., Runco, G., Lima, M., Severino, N., & Santili, C. (2019). Diferença na degeneração articular de acordo com o tipo de esporte. *Revista Brasileira De Ortopedia*, 54(05), 509-515. <https://doi.org/10.1016/j.rboe.2018.02.012>
- Jorge, T. (2018). Para onde vão as redações do século XXI? Uma história da convergência digital no ambiente jornalístico. In *V Encontro Regional Sudeste*

- de História da Mídia*. Belo Horizonte. Retrieved 18 July 2021, from <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/50-encontro-2018/gt-historia-da-midia-digital/para-onde-vao-as-redacoes-do-seculo-xxi-uma-historia-da-convergencia-digital-no-ambiente-jornalistico/view>
- Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2007). *The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect*. Nova York: Three Rivers Press.
- Klein, O. (2008). *A midiaticização no jornalismo em rede: as reportagens da Rede Brasil Sul de Televisão sobre os indígenas caingangues no Rio Grande do Sul* (Doutor). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Retrieved 28 February 2021, from <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2509/midiaticizacao%20no%20telejornalismo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Klinenberg, E. (2005). Convergence: News Production in a Digital Age. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 597, 48-64. Retrieved July 20, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/25046061>
- Kretly, V. (2002). O processo saúde doença no trabalho e o risco ocupacional em uma unidade desportiva. *Acta Paulista De Enfermagem*, 15(2), 71-78. Retrieved 9 March 2021, from <https://acta-ape.org/article/o-processo-saude-doenca-no-trabalho-e-o-risco-ocupacional-em-uma-unidade-esportiva/>.
- Laurell, A. (1981). Processo de Trabalho e Saúde. *Saúde em Debate*, 11, 8-22.
- Lima, E. (2011). Da chegada à institucionalização: os primeiros passos do futebol pernambucano. In *XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo. Retrieved 26 February 2021, from https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855455_a2b1da8fec0f7f5175079731665e6foa.pdf
- Lins, F. (2013). Uma aventura chamada *Tupi*: os primeiros anos da TV brasileira. *Rumores*, 7(13), 120. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677x.rum.2013.58935>
- LoBiondo-Wood, G., & Harber, J. (2001). *Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Macdonald, K. (1999). *The Sociology of the Professions*. Londres: Sage.
- Machado, A. (1999). Pode-se falar em gêneros na televisão?. *Revista FAMECOS*, 6(10), 142-158. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1999.10.3037>
- Maços, D. (2011). *Esporte Interativo, cinco anos de paixão ao alcance de todos*. (Graduado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Retrieved 15 January 2021, from <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3761/1/DMa%C3%A7os.pdf>
- Malerba, J. (2006). *A corte no exílio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Man, J. (2004). *A revolução de Gutenberg: a história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Martín-Barbero, J. (1995). América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In M. Sousa, *Sujeito, o lado oculto do receptor* (pp. 39-68). São Paulo: Brasiliense.
- Martins, C. (1991). *O desenvolvimento do rádio esportivo em Porto Alegre* (Graduado). Universidade do Vale dos Sinos.
- Mascarenhas, G. (2020). *O surto de cólera e a missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti* (Pós-Graduada). Escola de Saúde do Exército Brasileiro. Retrieved 17 March 2021, from https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/5223/1/MONO_MASCARENHAS_CFO.pdf
- Mascarenhas de Jesus, G. (1999). Construindo a Cidade Moderna: A introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. *Esporte E Lazer*, 13(23), 17-40. Retrieved 4 March 2021, from <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2086>
- McIntosh, P. (1975). *O desporto na sociedade*. Lisboa: Prelo.

- Melo, V. (2001). *A Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Memória Globo (2021). *Copa do Brasil – Memória*. Retrieved 15 January 2021, from <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/copa-brasil/>.
- _____ (2021). *Grande Resenha Facit – Memória*. Retrieved 15 January 2021, from <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/grande-resenha-facit/>.
- _____ (2021). *Transmissão e Cobertura – Copa do Mundo do México – 1970 – Memória*. Retrieved 14 January 2021, from <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/busca/copa-do-mundo-do-mexico-1970/transmissao-e-cobertura/>.
- Minayo, M. (2014). *O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde* (1st ed.). São Paulo: Hucitec.
- Montín, J. (2008). *Imagen, Comunicación y Deporte: Una Aproximación Teórica*. Madrid: Vision Libros.
- Mostaro, F., & Kischinhevsky, M. (2016). Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. *Letra. Imagen. Sonido*, (15), 147-165. Retrieved 12 January 2021, from <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/3825>
- Moya, A. (2004). *Gloria in Excelsior*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- Murad, M. (2007). O futebol no Brasil: reflexões sociológicas. *Caravelle*, 89(1), 109-128. <https://doi.org/10.3406/carav.2007.3162>
- Napoleão, A. (2006). História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro. In F. Teixeira da Silva & R. Pinto dos Santos, *Memória Social dos Esportes - Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional* (1st ed., pp. 81-106). Rio de Janeiro: Mauad.
- Neal-Lunsford, J. (1992). Sport in the Land of Television: The Use of Sport in Network Prime-Time Schedules 1946-50. *Journal of Sport History*, 19(1), 56-76. Retrieved January 14, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/43609487>
- Nogueira, C. (2006). *Futebol, Brasil, Memória – de Oscar Cox a Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Senac Rio.
- Obradović, D. (1990). Telenovelas brasileiras na Iugoslávia como símbolo do heroísmo feminino. *INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação*, 13 (62/63).
- Oliveira, A., & Angeluci, A. (2019). Competences and Skills in Data Journalism: Perceptions on the Profile of Brazilian Professionals. *Brazilian Journalism Research*, 15(2), 381-399. <https://doi.org/10.25200/bjr.v15n2.2019.1141>
- Orive, P. & Fagoaga, C. (1974). *La especialización en el Periodismo*. Madrid: Dossat.
- Oselame, M., & Costa, C. (2012). Entre a Notícia e a Diversão: Um Retrato do Jornalismo Esportivo de Televisão. In XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza. Retrieved January 12 2021, from <http://portal.eusoufamecos.net/entre-a-noticia-e-a-diversao-um-retrato-do-jornalismo-esportivo-de-televisao/>
- Patatt, C., & Bandeira, G. (2020). Paixão e representatividade: a percepção dos torcedores brasileiros quanto às campanhas sociais dos clubes nacionais de futebol. *Culturas Midiáticas*, 13(2), 261-279. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-5930.2020v13n2.55492>
- Patatt, C., & Rocha, F. (2020). O fact-checking no Brasil e em Portugal: uma análise dos sites Agência Lupa e Polígrafo no combate às fake news relacionadas com o Coronavírus. *Estudos de Jornalismo*, 11(1), 6-20. Retrieved 17 April 2021, from <http://www.revistaej.sopcom.pt/edicao/366>
- Paternostro, V. (2006). *O texto na TV*. Rio de Janeiro, Campus.
- Patterson, C., & Domingo, D. (2008). *Making Online News*. New York: Peter Lang.
- Patias, J. (2006). O Espetáculo no Telejornal Sensacionalista. In Coelho, C., & Castro, V. (Org). *Comunicação e Sociedade do Espetáculo*. São Paulo: Paulus.

- Pelogi, A. (2020). *Qual é a diferença entre surto, epidemia, endemia, pandemia e sindemia?*. Telessaude.unifesp.br. Retrieved 17 March 2021, from <https://www.telessaude.unifesp.br/index.php/dno/redes-sociais/159-qual-e-a-diferenca-entre-surto-epidemia-pandemia-e-endemia>.
- Pereira, F., & Adghirni, Z. (2011). O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, 1(24), 38-57. Retrieved 17 July 2021 from https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf
- Petraglia, C. (1988). Definição de um projeto: Rede Bandeirantes. In Macedo, C. et al (Org.). *TV ao vivo – depoimentos*. São Paulo: Brasiliense.
- Pimenta, D. (2019). *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)* (Doutora). Universidade de São Paulo. Retrieved 4 March 2021, from https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17062019-142750/publico/2019_DenisePimenta_VCorr.pdf
- Pitanga, F. (2002). Epidemiologia, atividade física e saúde. *Revista Brasileira Ciência E Movimento*, 10(3), 49-54. Retrieved 4 March 2021, from <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/463/489>
- Proença, I. (1981). *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio
- Raboy, M., & Grimard, G. (2000). *Les médias québécois*. Paris: Gaëtan Morin.
- Rezende, G. (2000). *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, A. (2007). *Os donos do espetáculo: a história da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Romancini, R., & Lago, C. (2007). *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular.
- Rubio, K. (2011). A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 25(spe), 86-90. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000500009>
- Russell A (2015) Networked journalism. In: Witschge T, Anderson CW, Domingo D, et al. (eds) *The Sage Handbook of Digital Journalism*, pp. 149–163. New York: SAGE
- Salaverría, R. (2003). Convergencia de los medios. *Revista Latinoamericana de Comunicación Chasqui*, 81, 33-39. Retrieved July 20, 2021, from <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/1471>
- Salaverría, R. (2010). Estructura de la Convergencia de Medios. In: LOPEZ, Xosé; PEREIRA, Xosé (org). *Convergencia Digital: Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España*, pp. 27-40. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.
- Salaverría, R., & Negredo, S. (2008). *Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: editorial Sol90 media
- Salcetti, M. (1995). The Emergence of the Reporter: Mechanization and the Devaluation of Editorial Workers. In Hardt H. & Brennen B. (Eds.), *Newsworkers: Toward a History of the Rank and File* (pp. 48-74). University of Minnesota Press. Retrieved July 20, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttt8n4.6>
- Santos, C. (2014). Educação e Cultura Olímpica: o legado de Pierre de Coubertin. In *VIII Congresso Português de Sociologia “40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas”*. Évora. Retrieved 11 January 2021, from https://associacaoportuguesasociologia.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COMo393.pdf
- Santos, D. (2018). Jornalismo 3.0: o impacto dos agregadores de notícias online no negócio da informação. *Estudos Em Comunicação*, 1(27), 1-23. <https://doi.org/10.20287/ec.n27.v1.a01>
- Santos, É., Lenzi, A., Medeiros, B., & Ghinea, G. (2019). Redações jornalísticas em contexto de convergência: um estudo comparativo exploratório no Brasil, na

- Costa Rica e na Inglaterra. *Comunicação E Inovação*, 20(43), 102-124. Retrieved 11 July 2021 from https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5933/2791
- Santos, W., & Fausto Neto, T. (2013). O papel do contra agendamento midiático nas mudanças das rotinas produtivas no telejornalismo brasileiro. *Revista FSA*, 10(4). Retrieved 11 July 2021 from <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/249>
- Schatz, P. (2015). *A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982)* (Mestre). Universidade Federal de Santa Catarina. Retrieved 11 January 2021, from <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/133242>
- Sigoli, M., & De Rose Junior, D. (2004). A história do uso político do esporte. *Revista Brasileira Ciência E Movimento*, 12(2), 111-119. Retrieved 4 March 2021, from <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/566/590>
- Silva, F. (2005). *Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento* (Mestre). Universidade Federal da Bahia. Retrieved 1 February 2021, from <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11300/1/dissertacao%20Fernanda%20da%20Silva.pdf>
- Siqueira, F. (2012). O Telejornalismo em transformação: os formatos da notícia na era digital. In: F. Porcello, A. Vizeu & I. Coutinho. *O Brasil (é)ditado* (169-189). Florianópolis: Editora Insular.
- Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (1996). Posição oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde. *Revista Brasileira de Medicina Esportiva*, 2(4), 79-81. Retrieved 9 March 2021, from http://www.medicinadoesporte.com/SBME_PosicionamentoOficial_1997_AtividadeFisicaeSaude.pdf
- Sousa, J. (1999). *As notícias e os seus efeitos: as "teorias" do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos* [Ebook]. Retrieved 15 July 2021, from <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>
- Sousa, L. (2005). *Cobertura esportiva na televisão: jornalismo ou entretenimento?*. (Mestre). Universidade Federal de Pernambuco. Retrieved 15 January 2021, from https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/3427/1/arquivo4676_1.pdf
- Souza, J. (2015). *Gêneros e Formatos Na Televisão Brasileira*. São Paulo: Summus Editorial.
- SporTV.com. (2014). "Redação" 10 anos: relembre o 1º programa, bastidores e histórias. Retrieved 22 April 2021, from <http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2014/12/redacao-10-anos-relembre-o-1-programa-bastidores-e-historias.html>
- Tavares, F. (2009). O jornalismo especializado e a especialização periodística. *Estudos Em Comunicação*, 5, 115-133. Retrieved 13 May 2020, from <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/ECO5-2009.pdf>
- Teixeira, C. (2009). *A Grande Reportagem em Televisão: os casos de "Raízes do Tarrafal" e "A FORTIORI – Por maioria de razão"* (Graduado). Universidade Fernando Pessoa. Retrieved 1 March 2021, from <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1201>
- Teixeira, K., Klimeck, A., & Rezende, M. (2019). Doença periodontal e a saúde do atleta. In *XVII Jornada Científica dos Campos Gerais*. Ponta Grossa. Retrieved 9 March 2021, from <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/1495/450>
- Toledo, L. (2012). A cidade e o jornal: A Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In B. Buarque de Hollanda & V.

- Melo, *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Tony Arnold, A. (2004). Harnessing the Forces of Commercialism: The Financial Development of the Football Association, 1863–1975. *Sport In Society*, 7(2), 232-248. <https://doi.org/10.1080/1461098042000222289>
- Torres, C. (2011). INFOtenimento na televisão: a tênue fronteira entre informação e entretenimento no encontro do telejornal com a revista eletrônica. In *Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador. Retrieved from https://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/torres_carla.pdf
- Trigo, L. (2003). *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: Senac.
- Vanoyeke, V. (1992). *La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres.
- Vaz, A. (2005). Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 27(1), 23-36. Retrieved 12 April 2021, from <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/132>
- Viana, D., & Mezzaroba, C. (2013). O esporte de alto rendimento faz mal à saúde? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. *Motivivência*, 41, 190-205. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n41p190>
- Viana, E., Castello Branco, I., & Maleson, R. (2021). *Brasileirão tem 320 casos de Covid-19 entre atletas e técnicos; veja os times mais afetados*. Globoesporte.com. Retrieved 19 April 2021, from <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/brasileirao-tem-320-casos-de-covid-19-entre-atletas-e-tecnicos-veja-os-times-mais-afetados.ghtml>
- Weber, C. (2010). Gatekeeper e gatewatching – repensando a função de selecionador no webjornalismo. In *XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Novo Hamburgo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Retrieved 19 July 2021 from <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0493-1.pdf>
- Williams, R. (2003). *Television Technology and Cultural Form* (3rd ed.). Abingdon: Routledge.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença.
- Wolton, D. (1996). *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática.
- Wright, M. (2010). *The National Hockey League, 1917-1967*. Jefferson: McFarland & Company.

Anexos

Anexo 1 – Transcrição da entrevista com o apresentador do programa Redação SporTV, Marcelo Barreto

1) Como foi a decisão de passar o programa para o formato Home Office? Partiu de quem?

A decisão de passar pra Home Office partiu da chefia do canal. Assim que o Redação saiu do ar a gente já tinha começado a pensar em alternativas, a gente tinha, eu tinha, sugerido que meu podcast se transformasse num podcast diário pra que a gente continuasse usando os nossos comentaristas que eu não sabia se haveria a capacidade técnica né. Como pintou essa possibilidade, rapidamente foi decidido que o programa continuaria no ar e o podcast passou a repetir o conteúdo pra que ficasse disponível pra mais gente durante uma parte maior do dia.

2) Quais foram as adaptações necessárias para colocar o programa no ar, em termos editoriais, tecnológicos e afins?

A mudança tecnológica mais importante foi a utilização do *Cloudcast*, um programa que permitia a participação de acho que no máximo quatro pessoas, por isso a gente não conseguia ficar girando com a participação de mais pessoas. Alguns testes foram feitos para estudar a viabilidade, então quando ficou claro que esse programa tinha condição de levar o Redação ao ar com alguma estabilidade, que era a preocupação maior – porque um programa que você vai pôr no ar na televisão ele não pode cair como uma reunião do *Zoom*, tá lá funcionando e de repente tem um problema no sinal e cai – então a gente precisou fazer muitos testes nesse sentido pra saber a confiabilidade do programa. Isso foi o mais importante: ter o programa, saber que ele funcionava e desenvolver pessoas dentro da empresa que fossem capazes de utilizar o programa, corrigir eventuais problemas...porque apesar da confiabilidade, em algum momento, poderia continuar acontecendo, às vezes a minha conexão podia cair, a de um comentarista, então que tipos de soluções a gente poderia apresentar pra isso. Então foi formada uma equipe técnica especializada em lidar com o *Cloudcast* e foi aí que o *Redação* teve sinal verde pra ir pro ar.

3) Quais foram as mudanças pelas quais o programa passou no decorrer da pandemia em termos de horário, duração e posição na grade da emissora?

Com relação às mudanças, a posição na grade ficou praticamente a mesma né, o Redação tava ocupando a mesma faixa de horário, mas, evidentemente, a gente teve que fazer ajustes, principalmente na duração, mas não chegou a ser nada muito diferente não. Se não me engano, você vai me desculpar, mas talvez a memória já esteja falhando, a gente começou só com uma hora, mas pouco tempo depois já tava com duas horas. A duração normal do programa na televisão é 2h30, mas a gente chegou a duas horas assim que as questões técnicas ficaram bem resolvidas. Com relação ao posicionamento na grade, a ideia era ocupar a mesma faixa de horário, com diferença de que não tinha mais o SporTV News, nem antes, nem depois né, era a única atração ao vivo da manhã. E pouco tempo depois do Redação entrou o Seleção, que não era na sequência, acho que tinha uma hora de diferença entre um e outro, mas, enfim, aí começou a encher um pouquinho mais a grade.

4) Qual a maior dificuldade a ser enfrentada (no aspecto editorial), especialmente no primeiro mês de Redação Home Office (sem competições, nem treinos, onde só parecia haver suposição quanto à volta do futebol, especialmente)?

Em termos editoriais eu acho que a principal dificuldade foi evitar a repetição da pauta, porque a gente praticamente fazia o programa sobre a paralisação do futebol, especialmente no primeiro mês como você perguntou, né. Do futebol e dos outros esportes. O que a gente discutia: o futebol vai voltar ou não vai voltar? O futebol deve voltar ou não deve voltar? Então era um desafio muito grande evitar a repetição dessa discussão nesses termos. Então era preciso procurar algo novo, debater o protocolo, saber posições de jogadores, de treinadores, claro, monitorar o noticiário para ver se havia a perspectiva de algum campeonato voltar mais cedo, então exigia uma atenção muito grande nesse sentido. Era impossível que a gente se desviasse muito desse assunto, né, o que a gente tava falando basicamente era sobre a paralisação dos esportes, em especial do futebol, mas toda nossa energia se concentrou em encontrar as melhores maneiras de falar disso. Foi muito mais o como falar que o que falar – o que falar era meio que obrigatório. Então a gente concentrou muita energia no como falar, de que maneira abordar esses assuntos, como evitar a repetição, né, até porque havia muito pouca discordância nesse sentido, nós, praticamente todo mundo era contra a volta imediata do futebol. Então, a gente explorou também opiniões de jogadores, de

atletas, de treinadores, às vezes havia alguma discordância e foi muito por aí que a gente conseguiu caminhar.

5) Qual foi o programa mais difícil de colocar no ar e por quê?

É difícil escolher o programa mais difícil de colocar no ar. Tinha muita tensão envolvendo o primeiro, né. Claro, a gente fez testes, mas entre o piloto e a vida real tem uma diferença grande. Então, eu acho que tinha muita tensão no ar até ele começar, acho que nesse sentido a gente é muito parecido com jogador né, jogador é que diz isso, que mesmo antes de uma final de Copa do Mundo a tensão pode tá muito grande, mas quando o juiz apita e a bola rola...a partir daí não é que você necessariamente vá no modo automático, mas você tá no seu ambiente de novo. Tá acostumado a lidar com aquelas emoções. Eu acho que teve essa preparação para o primeiro programa e teve um programa que eu não vou saber precisar a data, que teve muito problema técnico – que era o nosso medo. Muita, muita conexão caindo. Eu me lembro que o Francisco Aiello era um dos debatedores, acho que nós ficamos só com ele, a Renata Mendonça ela não conseguiu firmar a conexão, ela não conseguiu participar do programa, então ficamos somente eu e Aiello, normalmente a gente tinha um comentarista de *stand by*, a gente ficava com três pessoas conectadas, uma delas era pra não necessariamente participar, só se alguém caísse. E aí, nesse dia, o *stand by* também não estava conseguindo participar. Teve um momento em que a minha conexão caiu! Então eu me lembro de um programa assim, eu infelizmente não vou conseguir te precisar a data, mas eu me lembro de um programa que, particularmente, teve muitos problemas técnicos e aí foi difícil chegar até o fim. Teve um que demorou um pouco para começar, a plataforma caiu, o próprio *cloudcast* não tava funcionando, então a gente ficou algum tempo sem entrar no ar, eu tinha gravado alguns vídeos curtos de pedidos de desculpas e a gente precisou rodar esses vídeos “olha, estamos com problemas, daqui a pouco vamos entrar no ar” e tal, mas eu acho que as maiores dificuldades foram realmente quando houve problema técnico, ou na plataforma ou problemas muito recorrentes com quem tava participando do programa, inclusive eu, que a conexão caiu algumas vezes durante o período do *home office*. Na maioria das vezes a gente conseguiu disfarçar, mas algumas vezes os comentaristas tiveram que assumir e dizer que eu ia voltar a qualquer momento.

6) A política e as questões sanitárias envolvendo a pandemia, em muitos momentos, foram abordadas no programa? Como foi pra você lidar com isso, tratando-se de um programa desportivo e em meio a uma politização quanto ao enfrentamento da Covid-19 no país?

Com relação a tratar dos assuntos da pandemia, isso vai muito ao encontro daquilo que costumo dizer, que o jornalista esportivo ele precisa estar preparado par em alguns momentos ser jornalista, não apenas esportivo, né. E esse foi um desafio interessante que a gente precisou enfrentar durante o período do *Redação Home Office*. Exigiu que a gente se informasse mais sobre uma área que não é, necessariamente, nossa área de atuação e eu acho que, principalmente, exigia muita responsabilidade pra falar da volta ou não do futebol e de outros esportes, a gente tava lidando com um tema maior, que era um tema de interesse da sociedade. E nesse sentido eu tenho muito orgulho da equipe, dos nossos comentaristas, acho que todo mundo tava muito consciente, todo mundo tava muito preparado, integrado à vida e outras áreas da sociedade sem pensar só no nosso negócio até né, sem pensar na falta que o futebol faz. Acho que foi um período de muita consciência de quem fazia o Redação.

7) Foi possível perceber que, enquanto não havia notícia, propriamente dita, sobre o futebol, os debates basearam-se nas publicações feitas por outros veículos de comunicação espalhados pelo mundo. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso, sobre essa maneira de pautar as discussões e dar suporte, de certa forma, ao programa?

Esse olhar para outros veículos de comunicação, ele é uma característica do *Redação*. O *Redação* surgiu em 2004 inspirado no *Meet The Press*, um programa da televisão americana que conversa com os jornalistas. Ele foi muito baseado na imprensa escrita, até porque a imprensa escrita era mais relevante – o *Meet The Press* e o *Redação* também. Então a gente sempre teve essa visão, de olhar para os jornais do Brasil e do exterior e debater não só o noticiário esportivo como, também, a cobertura da imprensa, como é que rádios, jornais, TVs e, hoje em dia, os sites também, os blogs, enfim, como a imprensa está tratando os assuntos importantes do esporte. E nesse caso da pandemia isso era ainda mais relevante né, olhar para a cobertura dos jornais e entender se eles estavam contra ou a favor da paralisação, como estavam acompanhando, enfim, isso também ajudou a dar um suporte para o nosso debate, até pra, já que esse é o ponto central do trabalho, não ficar girando sempre em cima da mesma pauta. Os jornais, a visão de outros jornais, do Brasil e do exterior, nos ajudava muito a ampliar esse debate.

8) Em termos de equipe, em quantos vocês trabalhavam diariamente para colocar o programa no ar (produtores, editores, equipe técnica)? Sabe precisar quantos em casa e quantos na emissora?

Com relação a equipe, as mudanças foram mais, talvez mais marcantes, na bancada. Porque o *Redação* é um programa que tem dois comentaristas fixos comigo na bancada e ele conta muito com a participação de um terceiro elemento, então, por exemplo, a gente vai falar de um jogo do Grêmio contra o São Paulo, a gente vai acionar uma pessoa em Porto Alegre, né, que, normalmente, é o Diogo Olivier, e vai acionar uma pessoa em São Paulo – esse ano foi a Fabíola Andrade que fez esse papel pra gente. No *Redação Home Office* isso era impossível! A gente só tinha estrutura técnica pra colocar no ar eu e mais dois comentaristas, então acabou essa participação. O que a gente acabou fazendo foi incorporar algumas dessas pessoas na nossa escala, a Fabíola, muitas vezes, ficava, por exemplo, no *by*, ou era uma das debatedoras. Então, talvez, a alteração tenha sido mais profunda na composição da bancada. Com relação à equipe, eu acho que ficou um pouco reduzida, mas não muito. E naquele momento, o objetivo da empresa era ter o menor número possível de pessoas na redação. Então, por exemplo, o editor-executivo do programa – eu sou o editor-chefe e o Thiago Teixeira é o editor-executivo – ele trabalhava de casa, mas quem tava na redação, a gente normalmente tem um diretor de TV né, quem tava na redação fazendo o papel de diretor de TV era uma das pessoas da equipe treinada para usar o *Cloudcast*. Então essa foi a modificação básica e os editores estavam todos, naquele momento, trabalhando de casa.

9) Tiveram dificuldades quanto a variação de convidados? Se sim, quais?

A variação dos convidados ela não só...eu ia dizer que foi o menor dos nossos problemas, mas nem isso, não foi problema, acabou virando uma solução, porque a gente tinha muita gente naquele momento, da própria equipe do SporTV, em casa, sem participar dos seus próprios programas. Então, o *redação SporTV* acabou virando a forma de utilizar essas pessoas. Isso só fez com que os nossos *freelas* – o *Redação SporTV* tem uma turma grande de comentaristas *freelancers* – ficassem um tempo sem participar. Depois, foram aos poucos reintegrados. Mas, num primeiro momento, como a gente podia utilizar menos pessoas, então nunca houve assim um problema de ter que conseguir gente pra ocupar a bancada. O problema que existia era tecnológico. Algumas pessoas não tinham a conexão confiável, o *Cloudcast* tinha uma exigência de banda e estabilidade muito grande, mais do que muitas pessoas, algumas pessoas na verdade, tinham em casa, então, para algumas pessoas, foi necessário enviar equipamento para as casas, pra outras não foi possível resolver, porque foram coisas que a gente não conseguia identificar, não era necessariamente a qualidade da banda larga da pessoa,

tinha algum problema que não dava estabilidade com o *Cloudcast*, mas, assim, não foi um problema de escala, mais uma vez, foi um problema tecnológico.

10) Algum ponto positivo que fica deste período? Algo que achavam impossível de fazer antes e hoje veem de outra forma? Algum aprendizado? Algo que pretendem seguir apresentando ou fazendo no programa mesmo após o fim da pandemia?

A última pergunta talvez seja a mais difícil, nos até tivemos uma reunião de avaliação do ano do programa né e claro que passou muito por isso aí que você tá mencionando. É uma situação muito diferente porque colocar o programa no ar já foi uma vitória, foi uma conquista. Então, talvez, ao longo desse ano a gente tenha deixado de avançar em algumas coisas, até algumas coisas que a gente já estava avançando editorialmente, em termos de evolução do programa, que é normal, que é natural, sempre de um ano pro outro você faz uma avaliação, você vê se tem um caminho diferente, se faltou alguma coisa, e 2020 foi um ano em que a gente não conseguiu se concentrar nisso, a gente não conseguiu pensar na evolução do programa, a gente tinha que pensar em botar o programa no ar. Claro que isso em termos pessoais trouxe uma experiência muito relevante pra todo mundo que participou do programa, a gente não estava com a equipe toda, nós tínhamos pessoas cedidas a outras áreas do jornalismo especificamente pra cobrir a pandemia, cedidas a outros programas, era quase que um sistema de plantão, então nossa equipe não trabalhou junta no *Redação Home Office*, mas acho que todo mundo teve algum tipo de experiência relevante durante esse período, mas, com relação ao que fica, acho muito difícil avaliar, porque foi realmente um período de exceção. Acho que cada um vai trazer uma coisa de desenvolvimento profissional, de algo que aprendeu, mas não sei se a gente pode usar. Talvez, como costuma acontecer nesses casos de exceção, a gente perder o excesso de rigor com algumas coisas, como, por exemplo, participação de convidados por *Skype*, acho que isso vai se naturalizar um pouco, mas acho que, naquele momento, o importante era o *Redação* estar no ar e isso a gente conseguiu entregar.

11) Os participantes do *Redação SporTV* no período *home office* faziam uso do *Cloudcast* nos próprios celulares/smartphones? Algum equipamento era fornecido pelo *SporTV*?

Eu sempre usei no notebook, não sei se tinha alguma recomendação aos comentaristas para não usar no celular. Não tinha equipamento específico cedido pelo *SporTV*. Eu recebi um notebook em casa, mas só pra garantir uma conexão melhor.

Anexo 2 – Modelo de Formulário de Codificação

Data do programa	
Duração	≤ 1h <input type="checkbox"/> ≤ 2h <input type="checkbox"/> >2h <input type="checkbox"/>
Horário de início da exibição	Horário tradicional <input type="checkbox"/> Horário alterado <input type="checkbox"/>
Formato <i>Home Office</i>	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Número de convidados e origem	1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> Mais de 3 <input type="checkbox"/> Funcionários da emissora: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Notícias apresentadas em diferentes formatos	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Quais: _____ _____ _____
Padrão Visual	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Número de assuntos e tempo médio de duração de cada um	
Assunto com maior duração	
Entrada ao vivo de ambiente externo	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
Assunto de abertura	
Abordagem extra-esporte	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Quais: _____ _____ _____
Interatividade	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Qual a origem: Twitter <input type="checkbox"/> Instagram <input type="checkbox"/> Facebook <input type="checkbox"/> WhatsApp <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/>
Imprevistos e problemas técnicos perceptíveis ao telespectador	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Quais: _____ _____ _____
Imagens de fontes externas	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Quais: _____ _____ _____
Referências a outros veículos de comunicação	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Jornal ou revista <input type="checkbox"/> Página da Internet <input type="checkbox"/> Televisão <input type="checkbox"/> Streaming <input type="checkbox"/> Rádio <input type="checkbox"/> Origem: América Latina <input type="checkbox"/> América do Norte <input type="checkbox"/> Europa <input type="checkbox"/> África <input type="checkbox"/> Oceania <input type="checkbox"/>